

RAFAEL ZANATA ALBERTINI

**CORES E GRIS NO ARCO-ÍRIS: SAÚDE MENTAL
E RECONHECIMENTO DAS MINORIAS SEXUAIS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE-MS**

2018

RAFAEL ZANATA ALBERTINI

**CORES E GRIS NO ARCO-ÍRIS: SAÚDE MENTAL
E RECONHECIMENTO DAS MINORIAS SEXUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação do Professor Dr. Márcio Luis Costa.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE-MS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

A334c Albertini, Rafael Zanata

Cores e gris no arco-íris : saúde mental e reconhecimento
das minorias sexuais / Rafael Zanata Albertini; orientador
Márcio Luis Costa.-- 2018.
110 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica Dom
Bosco, Campo Grande, 2018

1. Minorias sexuais. 2. Saúde mental. 3. Homossexualidade.
4. Identidade de gênero. I.Costa, Márcio Luís. II.Título.

CDD: 306.766

A dissertação apresentada por **RAFAEL ZANATA ALBERTINI**, intitulada “**CORES E GRIS NO ARCO-ÍRIS: SAÚDE MENTAL E RECONHECIMENTO DAS MINORIAS SEXUAIS**”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi.....
aprovado

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Márcio Luis Costa - UCDB (orientador)



Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto – UFMS



Prof. Dr. Rodrigo Lopes Miranda - UCDB

Campo Grande-MS, 10 de dezembro de 2018.

O presente trabalho foi realizado com
apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -
Código de Financiamento 001.

“O maior apetite do homem é desejar ser.

Se os olhos vêem com amor o que não é, tem ser.”

(Manoel de Barros)

Dedico esta pesquisa ao meu pai, Fernando
César,(*in memorian*), que sempre zelou pela
minha formação intelectual.

AGRADECIMENTOS

Sinto-me no dever sagrado de reconhecer e retribuir tantas pessoas que, de um modo ou outro, contribuíram para meus estudos no Mestrado. De modo especial, dirijo meus agradecimentos:

À minha mãe, por tornar possível o ingresso no programa ao financiar o primeiro ano de bom grado.

Ao Alessandro, pelo esforço de compreensão quando precisei me isolar no quarto de estudos e quando a tensão ocupou boa parte de meus pensamentos e tempo.

Ao prof. Dr. Márcio, a quem devo a apresentação da Fenomenologia e da Hermenêutica, e cuja sabedoria na arte de orientar me acompanha desde a graduação em Filosofia.

Ao prof. Dr. Weiny, pela proximidade amistosa e pela cara oportunidade de compartilhar reflexões sobre a obra de Ricoeur todos os meses na UFMS.

Ao prof. Dr. Rodrigo, cujas aulas no programa me despertaram para um conhecimento mais aguçado da história e do campo da Psicologia.

Aos participantes da pesquisa, pela gentileza e confiança em contar suas histórias.

Aos demais professores do programa, colegas de turma e de grupo de estudo, que me propiciaram um intercâmbio salutar de conhecimento e de vida.

Ao Me. Gillianno Mazzetto e Rodrigo Borges Pereira, pelo diálogo filosófico fecundo e pelo esforço de produção em comum.

Ao Thiago Muller, pela amizade e apoio para perseverar nos estudos.

À Cristia Mara Soares da Cunha, pela generosidade na gratuidade do estacionamento nestes dois anos de estudo.

À CAPES/PROSUC, pelo financiamento da segunda metade de meu mestrado por meio de bolsa de estudos, cumprindo um papel indispensável no aperfeiçoamento científico de estudantes do país.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo geral investigar os aspectos psicossociais relacionados à saúde mental e ao reconhecimento das minorias sexuais, isto é, daqueles cuja orientação sexual, comportamento e/ou identidade não correspondem ao paradigma heterossexual vigente. O trabalho é composto por três manuscritos autônomos, mas interdependentes, que cumprem funções análogas àquelas encontradas numa dissertação monográfica, a saber: a revisão de literatura, a reflexão metodológica e a aplicação numa pesquisa empírica. O primeiro manuscrito consiste numa revisão integrativa que correlaciona minorias sexuais latino-americanas e aspectos variados de saúde mental, tanto positivos como negativos, bem como os fatores aí envolvidos. O segundo manuscrito propõe-se a apontar contribuições da Hermenêutica Fenomenológica de Paul Ricoeur que se mostram significativas para o aprofundamento epistemológico e metodológico da pesquisa qualitativa, com similaridades e especificidades em relação a campos já consagrados como a abordagem fenomenológica e a narrativa. O terceiro manuscrito consiste numa aplicação da Hermenêutica Fenomenológica de Ricoeur à investigação do processo de reconhecimento da identidade (comumente chamado de “saída do armário”, tanto na esfera pessoal como na pública) de homens gays na cidade de Campo Grande, tal como eles o explicitam em suas narrativas. De modo geral, o conjunto dos estudos permitiu ampliar e aprofundar o entendimento da saúde mental e do reconhecimento da identidade das minorias sexuais, visto que proporcionou um olhar contextualizado desses fenômenos, ao considerar a subjetividade em suas relações interpessoais (próximas e distantes) e situadas em contextos socioculturais mais amplos. Com isso, ao invés de dicotomias e unilateralidades, a pesquisa suscita pensar de modo dialético a autonomia e a vulnerabilidade de tais minorias, sem incorrer no vitimismo, tampouco no ato de ignorar seus sofrimentos.

Palavras-chave: Minorias sexuais e de gênero; saúde mental; homossexualidade; reconhecimento; identidade.

ABSTRACT

This dissertation intends to investigate the psychosocial aspects related to mental health and the recognition of sexual minorities (i.e., those whose sexual orientation, behavior and/or identity do not correspond to the heterosexual paradigm). The research has three autonomous, but interdependent manuscripts, which fulfill functions analogous to those found in a monographic dissertation: literature review, methodological reflection, and application in an empirical research. The first one is an integrative review that correlates Latin American sexual minorities and various aspects of mental health, both positive and negative, as well as the factors involved therein. The second manuscript proposes to point contributions out of Paul Ricoeur's Phenomenological Hermeneutics that prove significant for the epistemological and methodological deepening of the qualitative research, with similarities and specificities in relation to fields already consecrated as the Phenomenological and the Narrative approaches. The third one consists of an application of Ricoeur's Phenomenological Hermeneutics to the investigation of the identity recognition process (normally expressed as "coming out of the closet", both in the personal and public spheres) about gay men in Campo Grande city (Mato Grosso do Sul state, Brazil), as they explicit in their narratives. In general, all researches have got the condition to deep the understanding of mental health and sexual minorities' identity, providing a contextualized view at these phenomena by considering subjectivity in their interpersonal relationships (near and far) and situated in broader sociocultural contexts. So, instead of dichotomy and unilaterality, the research thinks in a dialectical way the autonomy and the vulnerability of such minorities, without incurring victimhood, nor ignoring their sufferings.

Palavras-chave: Sexual and gender minorities; mental health; homosexuality; recognition; identity.

LISTA DE TABELAS OU QUADROS

Tabela 1 – Artigos do <i>corpus</i> – por autoria, ano, título, base de indexação e país.....	23
Tabela 2 – Características das amostras explicitadas nas pesquisas.....	26
Tabela 3 – Principais resultados e conclusões das pesquisas	28

LISTA DE LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma que descreve o processo de seleção de estudos para inclusão no <i>corpus</i> de revisão.....	22
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
MANUSCRITO 1 - SAÚDE MENTAL DAS MINORIAS SEXUAIS DA AMÉRICA LATINA: PRINCIPAIS INDICADORES E PROVÁVEIS CAUSAS. UMA REVISÃO INTEGRATIVA	18
Introdução	19
Método	21
Tipo de Estudo	21
Bases Indexadoras	22
Critérios de Inclusão e de Exclusão.....	22
Procedimentos.....	22
Resultados	23
Discussão	31
Considerações finais	35
Referências.....	36
MANUSCRITO 2 - CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA RICOEURIANA PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA: ASPECTOS FENOMENOLÓGICOS, HERMENÊUTICOS E NARRATIVOS	43
Introdução	44
Pesquisas qualitativas de abordagem fenomenológica	47
Pesquisas qualitativas de abordagem narrativa.....	49
A contribuição da Hermenêutica Fenomenológica de Ricoeur	52
Fenomenologia e Hermenêutica no projeto de Ricoeur	53
Hermenêutica fenomenológica como um projeto interdisciplinar.....	55
A linguagem como mediação	57
Interpretação e círculos hermenêuticos.....	59
Narrativa e identidade	62
Considerações finais	65
Referências.....	66
MANUSCRITO 3 - NARRATIVAS QUE SAÍRAM DO ARMÁRIO: O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE SEXUAL DE HOMENS GAYS EM CAMPO GRANDE	75
Introdução	76
Método	79

Participantes.....	80
Procedimentos Éticos.....	80
Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....	80
Procedimentos de análise de dados.....	81
Resultados	81
Participante 1 – “Vou vivendo normal. Como se tudo tivesse normal, mesmo que talvez não esteja”	81
Participante 2 – “Perdi muito tempo, o meu tempo, na verdade, pra construir minha história, minha vida”	83
Participante 3 – “Eu criei grades eu me coloquei nessa jaula, tranquei e joguei a chave fora”	85
Participante 4 – “Eu nunca fui refém de nada”	86
Discussão	88
Considerações finais	93
Referências.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
ANEXOS	104
Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	105
Parecer consubstanciado do CEP	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de uma série de motivações pessoais, acadêmicas e sociais, cada qual ao modo de um clamor por esclarecimento, discernimento e problematização.

Acerca das motivações pessoais, minha experiência de “sair do armário” representou um percurso ao mesmo tempo penoso e frutuoso da minha identidade, associado a uma maior sensibilidade para com as histórias de outras pessoas que passaram ou passam por tal processo. Com suas semelhanças e divergências, todas elas me ofereceram pistas de respostas para algumas questões, bem como suscitaram outras interrogações em termos acadêmicos e existenciais.

Na esfera acadêmica, este trabalho representa um caminho de continuidade e de novidade: continua e aprofunda as pesquisas sobre o filósofo Paul Ricoeur, de cuja obra tenho me apropriado desde a graduação em Filosofia, e se transforma no contato com o horizonte da Psicologia e da pesquisa de campo – duas novidades que se apresentaram como um desafio interessante ao meu itinerário intelectual. Estabelecer pontes da obra ricoeuriana com as ciências psicológicas quer ser um tributo a esse que fez da prática do diálogo com os saberes um exercício constante de aprendizado.

Em âmbito social, diferentes formas de preconceito, discriminação e violência explícita ou tácita contra as minorias sexuais, apontadas das mídias sociais às revistas científicas, atestam sua vulnerabilidade. Diferentes matizes de intolerância para com os modos de sentir, agir e ser que não coadunam com a heterossexualidade suscitam a pergunta pelo modo como a saúde dessas minorias é afetada.

Essas justificativas suscitam o elã desta pesquisa, cujo objetivo é investigar aspectos psicossociais relacionados à saúde mental e ao reconhecimento das minorias sexuais. Dado seu foco de estudo, seu posicionamento no programa é a linha *Políticas públicas, cultura e produções sociais*.

Estruturalmente, esta dissertação é organizada por artigos, de modo que cada um deles goza de autonomia e, não obstante, vem a suprir a uma função específica na totalidade do texto dissertativo: 1) a revisão de literatura, 2) a reflexão metodológica e 3) a aplicação numa pesquisa qualitativa.

O primeiro manuscrito consiste numa revisão integrativa que correlaciona minorias sexuais latino-americanas e aspectos de saúde mental. Ele não constava inicialmente no projeto de pesquisa, mas nasceu da proposta de avaliação da disciplina de Psicologia da Saúde – que, aliás, é a área de concentração do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado

em Psicologia da UCDB – e ganhou um desenvolvimento mais robusto à medida que percebi sua importância para a temática escolhida, na necessidade de entender os indicadores positivos e negativos de saúde mental das pessoas não-heterossexuais. Na arquitetura do trabalho, ele tem a função de apresentar o estado da arte sobre a saúde mental dessas minorias, considerando tanto a revisão de literatura a respeito, como os principais aspectos das pesquisas empíricas que enfocam o contexto latino-americano, com similaridades e diferenças em relação a outros países.

O segundo manuscrito propõe-se a apontar contribuições da hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur que se mostram significativas para o aprofundamento epistemológico e metodológico da pesquisa qualitativa. Ele surgiu por várias razões: em primeiro lugar, da minha demanda de entender o desenvolvimento de abordagens fenomenológicas e narrativas, e o modo como o pensamento ricoeuriano se lhes coaduna e as aprimora; em segundo lugar, o próprio caráter fronteiriço deste estudo como um todo, que requer o esclarecimento das possibilidades de diálogo entre os âmbitos filosófico e psicológico; por fim, visa a oferecer ao leitor alguns roteiros na complexa obra do filósofo, cujo estilo e pressupostos impõem dificuldades adicionais num primeiro contato.

O terceiro manuscrito foi o primeiro a ser idealizado no projeto de pesquisa. Contudo, veio a ser desenvolvido ultimamente em razão de uma visão mais processual dos estudos, que demandaram um maior conhecimento da inter-relação entre minorias sexuais e saúde mental, oferecido pelo primeiro manuscrito – que também constatou o baixo emprego de abordagens fenomenológicas no tema – e um melhor aprofundamento metodológico, oportunizado pelo segundo manuscrito. A função do terceiro artigo é aplicar a Hermenêutica Fenomenológica de Ricoeur à investigação do processo de reconhecimento (na esfera pessoal e pública) da identidade de homens gays na cidade de Campo Grande a partir de suas narrativas.

**SAÚDE MENTAL DAS MINORIAS SEXUAIS DA AMÉRICA LATINA:
PRINCIPAIS INDICADORES E PROVÁVEIS CAUSAS. UMA REVISÃO
INTEGRATIVA**

Introdução¹

Em consonância com a definição de saúde elaborada em 1948 como um estado de plenitude nas dimensões física, mental e social e não apenas como ausência de doenças, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que “a saúde mental ou o bem-estar psicológico é parte integrante da capacidade de um indivíduo para conduzir uma vida realizada, incluindo a habilidade de formar e manter relacionamentos, estudar, trabalhar ou buscar interesses de lazer e tomar decisões do dia-a-dia” (WHO, 2013, p. 7). Acrescenta-se a isso o entendimento de que o sofrimento mental tem múltiplas causas, sejam elas individuais (de matriz genética, biológica ou psicológica) ou socioambientais.

Partindo dessa compreensão de saúde mental, o presente estudo aborda uma condição que tem ganhado destaque a partir da década de 1990: a participação numa minoria sexual. Tal conceito comprehende a diversidade de pessoas cuja identidade, atração e/ou práticas sexuais se diferencia da maioria na sociedade (Math & Seshadri, 2013). Seu emprego aqui é preferido à já consagrada sigla LGBT (e seus acréscimos) por uma razão pragmática, antes que semântica: visa a compreender os indivíduos e grupos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, sem, contudo, esgotar-se neles, já que os indivíduos das minorias性uais podem não se reconhecer nessas identidades (APA, 2009). Pense-se no exemplo de homens que fazem sexo com homens (HSH) ou de mulheres que fazem sexo com mulheres (MSM) que, apesar do comportamento homossexual, não se percebem como gays e lésbicas.

O nexo entre a saúde mental e as minorias性uais não é novo. Szasz (1977) afirma que o homossexual tornou-se “o bode expiatório da Psiquiatria”: alguém mentalmente doente e incapaz porque, se livre fosse, nunca escolheria uma via divergente da heterossexualidade. Semelhantemente, Foucault (1978) recupera a constituição das sexualidades periféricas pelos discursos do tipo religioso, jurídico e médico-psiquiátrico a partir do século XVIII sob estigmas diversos, como “neurose genital”, “loucura moral” e “desequilíbrio psíquico”.

Essa perspectiva depreciativa tem mudanças significativas a partir de 1970 com um deslocamento teórico que deixou a dimensão individual (psicológica e fisiológica) como única causa do sofrimento psíquico entre homossexuais – como a maior tendência ao suicídio, por exemplo – para ir em direção aos aspectos sociais dessa problemática. Os campos da Psicologia e da Saúde Pública foram os responsáveis por essa mudança que tirou o foco da culpabilização da vítima (*blame-the-victim*) e voltou-se às concepções e atitudes hostis e

¹ Artigo submetido ao *Journal of Homosexuality* (ISSN 0091-8369), da San Francisco State University, em 24 de agosto de 2018.

intolerantes da sociedade para com a homossexualidade (Erwin, 1993), as quais foram reunidas no conceito de “homofobia” cunhado em 1972 pelo psicólogo estadunidense George Weinberg. Num passo importante, a *American Psychiatric Association* retirou a homossexualidade de seu catálogo de doenças em 1973, principiando um movimento de despatologização do fenômeno (Drescher, 2015) seguido um ano depois pela *American Psychological Association* (APA) em 1974, pela OMS em 1992 e pela *American Psychoanalytic Association* (APsaA) no ano 2000.

As tentativas de explicar as causas da hostilidade às manifestações homossexuais encontram na Sociologia um campo comum entre as várias ciências. Butler chama a atenção para a “heteronormatividade” como uma lei social dominante que é capaz de definir o que é (in)dizível e (i)legítimo, determinando a perda de prestígio para aqueles que não são reconhecidos como heterossexuais, tornando seus corpos vulneráveis e abjetos (Butler, 1990, 2004). Sedgwick (1990) vê nos processos socioculturais a construção de uma “epistemologia do armário”, que se trata de uma estrutura que oprime as minorias sexuais sem paralelo com outras formas de violência. Para Bourdieu (2001), a homossexualidade tem sua existência negada no meio público por força da dominação simbólica masculina, que funciona de modo semelhante ao racismo e promove a estigmatização de certas pessoas, obrigando-os à discrição como tática de invizibilização.

Os efeitos dessa estigmatização na esfera social não se situam apenas fora dos sujeitos não-heterossexuais, mas comprometem sua autoestima, como foi indicado por uma série de estudos empíricos realizados a partir da década de 1990. Eles mostram elementos como a disparidade de transtornos psicológicos e psiquiátricos nas minorias sexuais, expressos em quadros de ansiedade, depressão, (ab)uso de substâncias lícitas ou ilícitas e ideias ou tentativas de suicídio. Os dados indicam que, além de lidar com situações sociais sem paralelo entre heterossexuais, as minorias sexuais reservam peculiaridades até mesmo em relação a outras minorias (Cochran, 2001). Os progressos desses estudos aparecem numa grande revisão sistemática da APA (2009), que aponta a ligação entre o estigma social e o auto-estigma no modelo do “estresse de minoria” (*minority stress*) proposto por Meyer (1995, 2003): um tipo de estresse crônico sofrido pelos grupos minoritários cujos estressores são externos (estigma efetivado) e internos (homofobia internalizada, encobrimento da identidade sexual e expectativa de rejeição), que tende a ser maior durante o “*coming out*” (saída do armário), quando o indivíduo costuma experimentar maior exposição da sua pessoa sem se dar conta de consequências psicológicas (Herek & Garnets, 2007).

Desafios metodológicos para a coleta de dados da saúde mental das minorias sexuais persistem até hoje, como a ausência de indicadores de orientação sexual em dados sociodemográficos de estudos clínicos (RCTs) gerais sobre ansiedade e depressão (Heck, Mirabito, LeMaire, Livingston & Flentje, 2017). A despeito disso, as pesquisas sobre essa temática se avolumaram nas últimas décadas e ajudaram a mapear a prevalência de transtornos, a compreender suas demandas e a nortear políticas públicas para essas populações. Entretanto, a maior parte da produção acadêmica ainda se detém nos contextos estadunidense e europeu.

Reservadas as diferenças sociais, econômicas e culturais com relação aos países com IDH (índice de desenvolvimento humano) mais elevado, o panorama da tolerância para as minorias sexuais da América Latina² também tem sofrido transformações significativas, mas com contradições expressivas. Brasil e México aprovaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2011 e 2010 respectivamente, mas ocupam o topo do ranking mundial mais recente de assassinatos de pessoas transexuais e transgêneros³: dos 325 casos reportados, 171 foram brasileiros e 56, mexicanos. Na Jamaica, atos homossexuais ainda são criminalizados (White, Barnaby, Swaby, & Sandfort, 2010). Cabe aqui a pergunta sobre a influência desse panorama na saúde mental das minorias sexuais na região, sobre a qual há carência de revisões de literatura. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é realizar uma revisão integrativa para reunir as pesquisas sobre os indicadores gerais (positivos e negativos) da saúde mental das minorias sexuais latino-americanas.

Método

Tipo de Estudo

Uma revisão integrativa como se propõe aqui se diferencia de outros tipos de revisão (como a meta-análise, a revisão sistemática e a revisão qualitativa) por integrar pesquisas teóricas e empíricas (quantitativas ou qualitativas) de diferentes matrizes epistemológicas, a fim de resumir e extrair conclusões gerais da literatura recolhida sobre um tópico específico. Aplicada à área da saúde, a revisão integrativa pode oferecer uma compreensão mais abrangente, complexa e profunda sobre determinados fenômenos, de modo a apresentar o estado da arte, contribuir para desenvolvimentos teóricos e guiar práticas e políticas públicas

² Dadas as diversas designações geopolíticas possíveis de América Latina, a referência aqui assumida será aquela que se convencionou em meados do século XIX, indicando os países situados abaixo dos Estados Unidos da América (Gallegos, 2018).

³ Segundo o observatório mundial Transgender Europe, que reuniu dados de 71 países entre 1º de outubro de 2016 e 30 de setembro de 2017. <http://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017>.

(Doolen, 2017; Whittemore & Knafl, 2005). Foram seguidas as seguintes etapas: 1) identificação da questão; 2) pesquisa na literatura; 3) avaliação dos estudos; 4) análise dos dados; 5) interpretação e apresentação dos resultados. A questão de pesquisa é: que aspectos da saúde mental das minorias sexuais latino-americanas tem aparecido nas pesquisas e que fatores elas tem apontado como prováveis causas?

Bases Indexadoras

A pesquisa consultou as seguintes bases de dados eletrônicas: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) – ambas por meio do portal da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) –, PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), PsycINFO (da American Psychological Association), SciELO (Scientific Electronic Library Online), e WEB OF SCIENCES.

Critérios de Inclusão e de Exclusão

Os critérios para a inclusão dos estudos foram: 1) artigos indexados; 2) publicados em português, espanhol ou inglês; 3) populações latino-americanas como assunto⁴; 4) minorias性uals como foco do estudo; 5) destaque a aspectos da saúde mental. A abordagem das metodologias é propositadamente ampla, incluindo estudos teóricos, empíricos (quantitativos, qualitativos ou mistos) e outras revisões; também são amplas as áreas de estudo e/ou teorias adotadas, bem como o período de publicação. Os critérios de exclusão foram: 1) produção diversa de artigos periódicos completos (dissertações, teses, livros, editoriais etc.); 2) abordagem estranha à temática.

Procedimentos

Inicialmente, a pesquisa procurou pelos seguintes descritores e operador booleano: “sexual minorities” AND “mental health”.

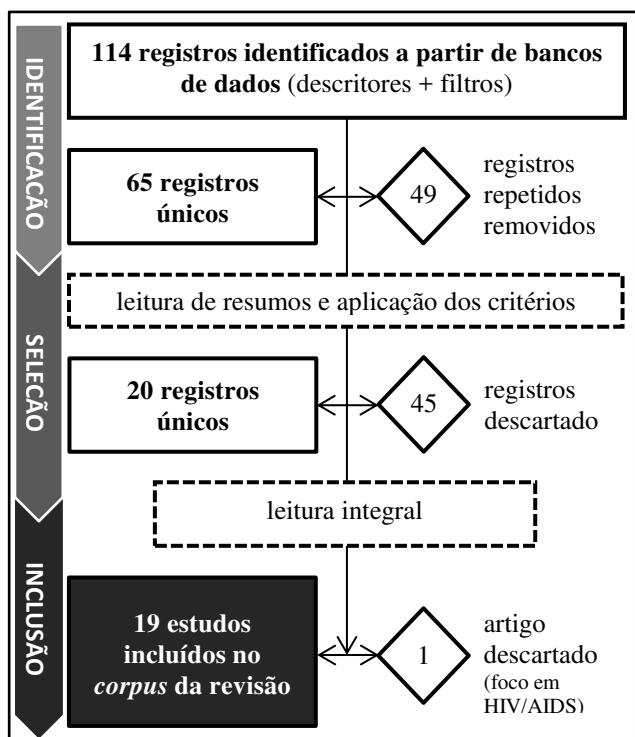


Figura 1. Fluxograma que descreve o processo de seleção de estudos para inclusão no *corpus* de revisão

⁴ Escolher populações como assunto significa que elas são foco do estudo, ainda que a pesquisa seja sediada em outros países.

Como os resultados foram escassos, outras pesquisas se acrescentaram: homosexual\$ AND “mental health” e homophobia AND “mental health”. Os resultados foram refinados por países da América Latina (pelos instrumentos da própria base ou, no caso da PsycoINFO, manualmente). O processo de busca ocorreu em janeiro de 2018 e rendeu 114 referências. A única base a não oferecer resultado com os descritores foi a PePSIC. A eliminação das repetições resultou em 65 artigos únicos. Procedeu-se, então, à leitura de títulos e resumos para selecionar as pesquisas conforme os critérios, restando 20 artigos. Todos os artigos foram integralmente lidos e novamente avaliados, resultando na exclusão de um artigo que tratou da temática HIV/AIDS em detrimento da abordagem sobre minorias sexuais e da saúde mental. Ao final, 19 artigos compuseram o *corpus* e suas informações foram categorizadas, avaliadas e sintetizadas. As categorias de análise são: ano de publicação, país, periódico, área temática, autores, objetivo, indicadores de saúde mental, delineamentos metodológicos, característica das amostras, procedimentos metodológicos, procedimentos éticos, resultados principais e auto-avaliação das pesquisas.

Resultados

Tabela 1 – Artigos do *corpus* – por autoria, ano, título, base de indexação e país

Nº	Autoria e ano	Título	Base*	País de origem
1	Assis, S. G., Gomes, R. & Pires, T. O. (2014)	Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde.	L M W	Brasil
2	Barrientos, J., Gómez, F., Cárdenas, M., Gúzman, M., & Bahamondes, J. (2017)	Medidas de salud mental y bienestar subjetivo en una muestra de hombres gays y mujeres lesbianas en Chile	W	Chile
3	Canali, T. J., Oliveira, S. M. S. de, Reduit, D. M., Vinholes, D. B., & Feldens, V. P. (2014)	Evaluation of self-esteem among homosexuals in the southern region of the state of Santa Catarina, Brazil.	L S W	Brasil
4	Ceará, A. T. & Dalgalarrondo, P. (2010)	Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice.	W	Brasil
5	Ghorayeb D. B., & Dalgalarrondo, P. (2011)	Homosexuality: mental health and quality of life in a Brazilian socio-cultural context.	L M P W	Brasil
6	Gómez, F. & Barrientos-Delgado, J. E. (2012)	Efectos del prejuicio sexual en la salud mental de gays y lesbianas, en la ciudad de Antofagasta, Chile.	L S	Chile

7	Granados-Cosme, J. A. & Delgado-Sánchez, G. (2008)	Identidad y riesgos para la salud mental de jóvenes gays en México: recreando la experiencia homosexual	L M S	México
8	Granados-Cosme, J.A., Torres-Cruz, C., & Delgado-Sánchez, G. (2009)	La vivencia del rechazo en homosexuales universitarios de la Ciudad de México y situaciones de riesgo para VIH/sida	W	México
9	Lozano-Verduzco, I. (2014)	Barriers to sexual expression and safe sex among Mexican gay men: a qualitative approach	W	México
10	Lozano-Verduzco, I. (2014)	Violencia institucional homofóbica y emociones de hombres gay de la ciudad de México	P	México
11	Lozano-Verduzco, I., Fernández-Niño, J., & Baruch-Domínguez, R. (2017)	Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City.	W	México
12	Martínez, D. H.-R. (2008)	La otra migración. Historias de discriminación de personas que vivieron con VIH en México	L W	México / EUA
13	Ortiz-Hernández, L. (2005)	Influencia de la opresión internalizada sobre la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la ciudad de México	P W	México
14	Ortiz-Hernández, L., & García Torres, M. I. (2005)	Efectos de la violencia y la discriminación en la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México.	L M S	México
15	Ortiz-Hernández, L., Gómez Tello, B. L., & Valdés, J. (2009)	The association of sexual orientation with self-rated health, and cigarette and alcohol use in Mexican adolescents and youths.	W	México
16	Ortiz-Hernández, L., & Valencia-Valero, R. G. (2015)	Disparidades en salud mental asociadas a la orientación sexual en adolescentes mexicanos.	L M S	México
17	Peacock, E., Andrinopoulos, K., & Hembling, J. (2015)	Binge Drinking among Men Who Have Sex with Men and Transgender Women in San Salvador: Correlates and Sexual Health Implications.	M	El Salvador
18	Semple, S.J., Stockman, J.K., Goodman-Meza, D., Pitpitan, E. V., Strathdee, S.A., Chavarin, C. V., Rangel, G., Torres, K., & Patterson, T. L. (2017)	Correlates of Sexual Violence Among Men Who Have Sex With Men in Tijuana, Mexico.	M	México

- 19** White, Y. R. G., Barnaby, L., Mental Health Needs of Sexual Minorities L P W Jamaica Swaby, A., & Sandfort, T. in Jamaica. (2010)

* Bases de indexação: L=Lilacs; M=Medline; P=PsycINFO; S=SciELO; W=Web of Science.

As pesquisas selecionadas foram publicadas ao longo de treze anos, entre 2005 e 2017, com uma média de 1,46 artigo por ano. Os anos com mais publicações foram 2014 (n=4) e 2017 (n=3). Mais da metade das pesquisas (n=11) foi sediada no México – sendo uma realizada em conjunto com os Estados Unidos da América (EUA). Em seguida, o Brasil figura em quatro pesquisas e o Chile, em duas. El Salvador e Jamaica tem um estudo cada.

Os periódicos mais frequentes foram *Cadernos de Saúde Pública* (Rio de Janeiro, Brasil) e *Salud Mental* (Cidade do México), ambos com três estudos cada. Os demais periódicos renderam estudos únicos. Os periódicos dedicados especificamente à sexualidade foram três: *Archives of Sexual Behavior*; *Sexualidad, Salud y Sociedad*; e *International Journal of Sexual Health*, cada qual com um estudo. Analisados quanto à área temática, 89% (n=17) dos estudos situam-se no grande registro da saúde (seja mental, pública ou sexual).

Os estudos foram produzidos por 44 autores, numa média de 2,3 autores por trabalho. Os autores que assinam mais de um estudo são L. Ortiz-Hernández (México), com quatro trabalhos; J. Barrientos (Chile), P. Dalgalarrodo (Brasil), G. Delgado-Sánchez (México), F. Gomez (Chile), J. A. Granados-Cosme (México) e I. Lozano-Verduzco (México) tem dois estudos cada. A maioria dos autores tem graduação em Psicologia (n=14) e em Medicina (n=11), seguidos por Nutrição (n=5), Biologia (n=3) e Saúde Pública (n=2).

O objetivo da maioria dos estudos 57,9% (n=11) enfoca os aspectos negativos da saúde mental; 15,8% (n=3) propõem-se a investigar também os aspectos positivos e 26,3% (n=5) visam à comparação de indicadores da saúde mental entre minorias sexuais e heterossexuais. Os indicadores de saúde mental utilizados na pesquisa foram bastante variados. Indicadores negativos que apareceram em mais de uma pesquisa foram: depressão, ansiedade, (ab)uso de álcool, uso de substâncias ilícitas, ideação e/tentativa de suicídio, uso de psicotrópicos, baixa autoestima e estresse. Os indicadores positivos foram: bem-estar subjetivo, autoestima e qualidade de vida – cada um utilizado por uma única pesquisa.

Todos os estudos selecionados para esta revisão são empíricos, observacionais (sem intervenção direta) e de corte transversal. Ao todo, 57,9% (n=11) das pesquisas são quantitativas, 26,3% (n=5) são qualitativas e 15,8% (n=3) são de caráter misto/integrado (quali-quantitativo). A maioria das pesquisas (n=16, 84%) produziu dados primários; dois estudos quantitativos (10,5%) e um estudo quali-quantitativo (5,5%) produziram dados

secundários. Grupos de controle/contraste com indivíduos heterossexuais estiveram presentes em 16% (n=3).

Tabela 2 – Características das amostras explicitadas nas pesquisas

Nº	N da amostra	Dimensão da sexualidade abordada	N da amostra dividido segundo dimensão abordada	Faixa etária (média*)	Principal grupo de idade**
1	3195	Comportamento	Bissexual =86 Heterossexual= 3083 Homossexual=36	15-19	Adolescência
2	467	Identidade	Mulher Homos.= 191 Homem Homos.= 256	18-67 (27,9)	Idade adulta
3	403	Identidade	Homem Homos.= 93 Mulher Homos.= 310	18-50 (24,02)	Idade adulta
4	80	Identidade	Heterossexual= 40 Homossexual= 40	≥50 (58,9)	Meia-idade
5	120	Identidade	Heterossexual= 60 Homossexual= 60	≥18 (30)	Idade adulta
6	110	Identidade	Heterossexual= 55 Homossexual= 55	18-49 (38,6)	Idade adulta
7	10	Atração e identidade	Homem homos.=10	20-26	Jovem-adulto
8	19	Identidade	Homem Homos.=19	20-28 (22)	Jovem-adulto
9	15	Identidade	Homem Homos.= 15	19-68 (39,4)	Idade adulta
10	15	Identidade	Homem Homos.= 15	19-68	Idade adulta
11	2976	Identidade	Homem Homos.= 1824 Mulher Homos.= 453 Bissexual= 527 Transexual = 172	13-70 (25)	Adolescência e idade adulta
12	9	Identidade	Transgênero, transexual e bisexual= 9	20-45	Idade adulta
13	506	Atração, comportamento e identidade	Homem Hom./bis. = 318 Mulher Hom./bis. =188	13-70 (29)	Adolescência e idade adulta
14	506	Atração	Homem hom./bi.= 318 Mulher hom./bi.= 188	13-70 (29)	Adolescência e idade adulta

15	12796	Atração, comportamento e identidade	Bissexual=90 Heterossexual= 12302 Homossexual= 124 Não respondeu=280	12-29	Infância, adolescência e jovem-adulto
16	≈ 8923 ***	Comportamento	Relações sexuais heter.: 2227 Relações sexuais homos.: 122	14-19	Adolescência e jovem-adulto
17	670	Atração, comportamento e identidade	Homem homos.= 506 Mulher Trans.= 164	18-65	Idade adulta
18	201	Comportamento	Homens homos. ou bis.=201	≥18 (29,7)	Idade adulta
19	62	Identidade	Bissexual= 20 Homossexual= 38 Outra= 3	≥16 (29)	Adolescência e idade adulta

* Média apresentada na pesquisa ou inferida a partir dos dados.

** A classificação de idade segue os parâmetros da APA/ PsycINFO (www.apa.org/pubs/databases/training/field-guide.aspx)

*** O artigo não faz referência ao número total. Uma comunicação baseada na mesma pesquisa primária fala em 8923 participantes de 15 a 19 anos. Casique, I. (2012). Empoderamiento y salud sexual y reproductiva de los adolescentes. In ALAP. *V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población* (pp.1-26). Montevideo. Retrieved from www.alapop.org/Congreso2012/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2012_FINAL236.pdf.

Quanto à dimensão da sexualidade abordada na pesquisa (seja para o recrutamento ou classificação dos participantes), 57,9% (n=11) das pesquisas escolheram somente a dimensão da identidade sexual, enquanto 10,5 % (n=2) optaram pelo comportamento sexual e 5% (n=1) pela atração sexual exclusivamente. Houve pesquisas com mais de uma medida de orientação sexual: um estudo (5%) escolheu identidade e atração e três estudos (15,8%) escolheram as três dimensões (atração, comportamento e identidade).

Sobre a faixa etária, mais da metade dos estudos (63%, n = 12) selecionou apenas participantes maiores de 18 anos, um dos quais enfocou pessoas com mais de 50 anos. Outros estudos (37%, n = 7) também tiveram participantes menores de 18 anos e dois deles enfocaram principalmente a adolescência. Para o recrutamento, a maior parte (73,7%, n=14) utilizou amostragem não probabilística ao reunir amostras por conveniência, sobretudo a técnica "bola de neve" (*snowball sampling*) (n=9). 15,8% (n=3) utilizaram amostragem probabilística por conglomerados. Duas pesquisas (10,5%) utilizaram a *respondent-driven sampling* (RDS), que combina técnicas não-probabilísticas com probabilísticas.

Para a coleta de dados, 78,9% (n=15) das pesquisas utilizaram questionários estruturados ou semiestruturados, sendo que onze utilizaram pessoas especializadas para aplicar os questionários por meio de entrevistas, três optaram por questionários autoaplicáveis e uma utilizou questionários aplicados por entrevista ou por meio virtual. Com exceção de um

estudo exclusivamente qualitativo que utilizou entrevista semiestruturada, todos os demais desse tipo (n=4, 21,1%) utilizaram entrevistas não estruturadas, em profundidade, sendo que um deles também contou com a observação etnográfica.

A análise dos dados pelos estudos deu-se da seguinte forma: nas pesquisas quantitativas, as inferências estatísticas foram realizadas sobretudo com o teste qui-quadrado; a maioria dos pesquisadores reportou o nome e a versão dos softwares empregados. Quatro das cinco pesquisas estritamente qualitativas utilizaram a Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*), sendo que duas também utilizaram a Análise Crítica do Discurso e duas fizeram uso do software *Atlas.ti*; uma pesquisa utilizou a Análise Fenomenológica.

Sobre os procedimentos éticos, todos os artigos fazem alguma menção à aprovação por conselho de ética e/ou garantia de consentimento/anônimo dos participantes. 21% (n=4) dos estudos foram além de questões protocolares: dois artigos pormenorizaram a formação dos pesquisadores para o atendimento a populações vulneráveis; um estudo teve o cuidado de que o entrevistador fosse do mesmo sexo que o participante; outro designou um centro para atender entrevistados que manifestassem sofrimento psíquico ou conduta suicida.

Tabela 3 – Principais resultados e conclusões das pesquisas

Nº	Resultados	Conclusões
1	Incidência significativamente maior entre adolescentes com comportamento homo e bissexual para: ficar de “porre”, uso frequente de maconha e ideação suicida.	Falta de aceitação social como causa das disparidades.
2	Índices iguais ou menores de sofrimento psíquico nas minorias sexuais com relação a estudos congêneres.	Bons indicadores de saúde atribuídos ao alto percentual de revelação (quase 99%) dos participantes da amostra.
3	Alta taxa de autoestima na amostra (80,9%). Associação significativa entre taxas menores de autoestima e uso de psicotrópicos (maioria sem prescrição médica).	Os resultados na contramão de outros estudos internacionais. O alto uso de benzodiazepínicos (ansiolíticos) indica prevalência de ansiedade.
4	Índices significativos de maior convívio social e menos significativos de prevalência de transtornos mentais no grupo de estudo. 73% dos homossexuais com algum transtorno mental ocultavam sua identidade sexual.	Os maiores índices de convívio social podem ser atribuídos ao maior percentual de solteiros no grupo de estudo. O esforço de esconder a sexualidade diante das outras pessoas pode ser fator de risco.
5	Maior prevalência de distúrbios mentais (apontada por indicadores como depressão, risco de suicídio, uso de psicotrópicos entre outros) no grupo homossexual.	Os resultados no mesmo sentido de pesquisas internacionais. Sugestão de da homofobia internalizada como causa.

- 6 Sem diferença significativa nos indicadores de saúde mental entre os dois grupos estudados. O grupo de gays apresenta menor taxa de vínculo social e relação significativa entre sintomas depressivos e vitimização
- 7 Presença de sofrimento psíquico nos participantes (depressão, ansiedade, baixa autoestima, ideação/tentativa de suicídio)
- 8 Relatos apresentam sofrimento psíquico (tristeza, medo e comportamento suicida) associados ao sexo inseguro.
- 9 A sensação de isolamento foi reportada por muitos participantes como a motivação para procurar espaços clandestinos de socialização, com experiências vividas com ansiedade, medo, vergonha, tristeza e confusão.
- 10 Estigmatização e homofobia institucionalizadas (sobretudo na família, escola, serviços de saúde e polícia) influenciam nas emoções, como medo e vergonha. A violência é recorrente na amostra.
- 11 Os dados mostraram forte correlação entre violência índices médios de conexão social com dois aspectos da saúde mental: sintomas depressivos e uso de álcool.
- 12 Relatos com forte presença de violência durante a infância no México, sobretudo verbal, nas famílias, na rua e nas instituições de segurança e de cuidado ao HIV. A experiência de ser ilegal nos EUA expõe ao subemprego e à xenofobia.
- 13 Homofobia internalizada, estigma percebido e ocultação são associados com maior risco de ideação/tentativa de suicídio, transtornos mentais e alcoolismo. A ocultação da orientação sexual tem papel dúbio (proteção/risco).
- 14 Relação significativa entre discriminação, tentativa de suicídio e transtornos mentais comuns, e entre violência e risco de ideação/tentativa de suicídio, transtornos mentais comuns e alcoolismo.
- 15 Maior risco de saúde precária entre homens homo e bissexuais e de consumo de álcool entre mulheres homo e bissexuais. Correlação com violência.
- 16 Maior incidência de sintomas como depressão, baixa autoestima, ideação ou tentativa de suicídio, consumo de drogas lícitas ou ilícitas entre os participantes que tiveram relacionamento com pessoas do mesmo sexo.
- A integração social é um indicador relevante de saúde mental e mostrou-se menor no grupo de homossexuais. Quanto às medidas baixas de discriminação sexual, é possível que seja devido à naturalização da prática no país.
- A homofobia na socialização primária e secundária é apontada como causa principal dos danos à saúde mental.
- A rejeição aos homossexuais é causa do isolamento social, sofrimento psíquico e auto-avaliação negativa, que, aumentam o risco de se expor ao HIV/AIDS.
- As barreiras sociais à homossexualidade impactam a saúde sexual e mental, pois a atuação clandestina dos desejos expõe os participantes ao sexo arriscado e a emoções que podem gerar ansiedade e depressão.
- Discursos homofóbicos e agressão física influenciam nas emoções e práticas dos gays. A tristeza e a culpa podem conduzir à depressão; o medo pode produzir ansiedade e a culpa e a vergonha podem levar a condutas suicidas.
- Confirmada a hipótese de que violência e discriminação impactam a saúde mental das minorias sexuais. Conexão social aparece como fator protetivo da saúde mental.
- Estigmatização tripla: por serem migrantes, transgênero e viver com HIV. Impactos na saúde mental: sem apoio das autoridades competentes e sob risco de morte, podem viver quadros depressivos e conflitos emocionais.
- É possível que a associação de maiores riscos à saúde mental com um número maior de pessoas que saibam da orientação sexual deva-se à estresse que isso causa e à exposição à violência.
- A auto-culpa (*self-blame*) e a homofobia internalizada aumentam o sofrimento mental. Mesmo o fato de presenciar a violência infringida a outrem pode aumentar os níveis de ansiedade, decorrente do medo de também ser vítima.
- As diferenças nos resultados da saúde das minorias sexuais pode ser atribuída à exposição à discriminação e à violência, que pode gerar estresse nos indivíduos.
- A violência verbal ou física ocorrida na família ou na escola foram variáveis apontadas como as que mais bem explicaram essa diferença na saúde mental entre adolescentes com orientação não-heterossexual.

17	Média muito superior de pelo menos um episódio de bebedeira/“porre” (<i>binge drinking</i>) nos últimos 30 dias entre homossexuais com relação à população em geral do país.	Como mostram outras pesquisas, há forte ligação entre episódios de “porre” e índices de homofobia internalizada.
18	Relação significativa entre abuso sexual antes dos 18 anos, homofobia na vida adulta e sintomas depressivos.	Uso da teoria sindêmica para entender os fatores psicossociais que aumentam o risco de violência sexual e risco à saúde física (como a exposição ao HIV) e mental.
19	Cerca de 70% preencheram os critérios de distúrbios mentais; a depressão foi a desordem mais prevalente (45% da amostra preencheu os critérios de sua manifestação durante alguma fase da vida). Associação com discriminação e violência.	Confirmação dos altos índices de homofobia na Jamaica. O relacionamento fraco ou negativo com a família é o fator de risco mais importante para a saúde mental. A revelação da identidade (<i>outness</i>) apareceu como fator de risco.

Três pesquisas apontaram pouca ou nenhuma diferença entre indicadores negativos de saúde mental (sofrimento psíquico) nas minorias sexuais ao compará-las com heterossexuais do grupo de controle ou da população em geral. Ademais, uma dessas pesquisas encontrou índices mais positivos de saúde mental (autoestima) nas minorias sexuais pesquisadas.

Sobre os fenômenos indicados nas discussões dos autores como causas principais dos problemas relacionados à saúde mental das minorias sexuais, a homofobia externa (interpessoal, cultural e/ou institucional) recebeu destaque na quase totalidade dos estudos (n=18); apenas um estudo apontou a homofobia internalizada como causa principal. Sete estudos apontaram igualmente a homofobia externa e interna como causa.

Quanto ao nível de *outness* (revelação da orientação sexual às demais pessoas), embora três estudos apontem o encobrimento como uma atitude que prejudica a saúde mental do indivíduo, um deles apontou uma associação diretamente proporcional entre o número de conhecidos que sabiam da orientação sexual dos participantes e os riscos à saúde.

Um contingente de 78,9% das pesquisas explicitou limitações, principalmente relacionadas a: amostragem (amostra por conveniência, amostra pequena, viés de seleção) em 11 estudos; coleta de dados (diagnósticos não clínicos, estudo transversal, viés de aceitação social, dados de auto-relato) em sete estudos; e codificação dos dados (viés de classificação) em cinco estudos – com estudos que apontaram limitações em mais de um desses itens. Quanto à validade externa, cinco pesquisas reconheceram limitações em seus achados devido do desenho ou a procedimentos metodológicos; dos três estudos probabilísticos, dois afirmaram que os resultados podem ser estendidos à população jovem de seus países.

Discussão

As pesquisas sobre saúde mental das minorias sexuais na América Latina começam com cerca de uma década de atraso em relação aos EUA; até 2005, a literatura científica da região praticamente se concentra na temática HIV/AIDS (Ortiz-Hernández, 2005). Os dois países que mais produziram estudos foram México e Brasil – justamente aqueles com maiores índices de assassinato a pessoas trans, como visto na introdução. A proximidade com os EUA oportunizou estudos em conjunto entre estadunidenses e mexicanos (Semple et al., 2017) ou somente conduzidos por estadunidenses em El Salvador (Peacock et al., 2015) e na Jamaica (White et al., 2010). É preocupante que a maioria dos países latinos não tenham tido representantes nesta revisão, inclusive aqueles com altos índices de homofobia e transfobia em ambientes escolares como Argentina, Colômbia e Equador (UNESCO, 2016).

Olhando-se objetivos e indicadores de saúde mental, o acento ainda recai claramente sobre aspectos negativos, com foco na investigação de transtornos, provavelmente por força dos primeiros modelos de estresse de minoria. Muitos pesquisadores utilizaram testes validados em seus países para verificar indícios de doenças. Dois estudos brasileiros (Canali et al., 2014; Ghorayeb & Dalgarrondo, 2011) também fizeram essa verificação indiretamente, aferindo a presença de transtornos conforme o tipo de psicotrópico utilizado pelos participantes.

Estudos que trabalharam com indicadores positivos (Barrientos et al., 2017; Canali et al., 2014; Ceará & Dalgarrondo, 2010) trouxeram dados que, apesar das limitações apontadas pelos autores (sobretudo o viés de seleção e o tamanho da amostra), problematizam a predominância de transtornos mentais nas minorias sexuais com relação à população majoritária heterossexual. Isso mostra que a investigação dos fatores protetivos – como as respostas de enfrentamento das minorias sexuais às experiências estressoras – que podem influenciar em resultados positivos de saúde mental ainda é incipiente nas pesquisas latino-americanas e mesmo em contexto global. O modelo teórico de Kwon (2013), segundo o qual a combinação da resiliência com o suporte familiar e social pode elevar o nível de bem estar dessas populações, foi corroborado por revisões recentes (Freitas, Coimbra, & Fontaine, 2017; Lira & Moraes, 2017) e merece ser mais bem explorado em solo latino-americano. O próprio modelo do estresse de minoria foi reformulado recentemente, após 20 anos, a fim de incluir a resiliência como elemento de análise (Meyer, 2015).

Importa notar que nenhum estudo do *corpus* se deteve à visão tradicional do paradigma biomédico (que vê as doenças isoladamente), mas, na linha da definição ampla de

saúde da OMS, todos entendem que a inter-relação entre cultura e saúde física e mental é um dado complexo e objetivo de realidade, na qual os campos simbólico, econômico, político, religioso etc. se interpenetram. Nesse sentido, merece destaque uma das pesquisas (Semple et al., 2017), que utilizou a teoria sindêmica para a interpretação dos dados. Indo além de questões de comorbidade, o conceito de sindemia investiga os processos de interação bissocial das doenças, procurando situá-las em meio às condições prejudiciais das populações envolvidas, como a discriminação e a desigualdade social, por exemplo (Singer & Clair, 2003; Mustanski, Garofalo, Herrick, & Donenberg, 2007).

As dificuldades enfrentadas por alguns pesquisadores para definir e medir a orientação sexual revelam uma falta de consenso sobre esta questão e podem conduzir a engano, distorcendo as análises e levando a conclusões errôneas (Cardoso, 2008; Wolff, Wells, Ventura-DiPersia, Renson, & Grov, 2016). Depois do modelo unidimensional proposto pelos chamados “relatórios Kinsey”⁵ no século passado, novas perspectivas permitem uma compreensão mais ampla da orientação sexual: uma característica complexa que envolve três dimensões principais (comportamento, atração e identidade) que não podem ser confundidas (APA, 2009). Apesar de ser válida e de facilitar recortes na pesquisa, a tendência global de escolher apenas uma dessas variáveis (Beaulieu-Prévost & Fortin, 2015) é bastante restritiva; analisar apenas o comportamento dos HSH (homens que fazem sexo com homens) pode não permitir ver pessoas que não têm vida sexual ativa (como adolescentes), mas que têm desejos por pessoas do mesmo sexo (indicador de atração sexual) e podem se identificar como uma minoria sexual (indicador de identidade). Como Cochran (2001) aponta, um tipo de erro de classificação ocorre quando se supõe a orientação sexual dos participantes a partir do seu comportamento – procedimento reconhecido pelos próprios autores de uma das pesquisas do *corpus* (Ortiz-Hernández & Valencia-Valero, 2015), pelo fato de ela depender dos dados de um censo.

Apesar de ser a minoria nesta revisão, a abordagem qualitativa foi combinada à quantitativa em três estudos (Assis et al., 2014; Ceará & Dalgalarondo, 2010; Ghorayeb & Dalgalarondo, 2011) – um arranjo que costuma oferecer uma compreensão mais completa das questões de pesquisa (Gilbert & Mayfield-Johnson, 2018). Os estudos inteiramente

⁵ Trata-se das obras *Sexual Behavior in the Human Male* e *Sexual Behavior in the Human Female* publicadas em 1948 e 1953 pelo zoólogo Alfred Charles Kinsey e sua equipe, que formularam uma escala de 0 a 6, desde o heterossexual exclusivo até o homossexual exclusivo. Houve um amplo trabalho estatístico a partir de entrevistas presenciais com mais de onze mil americanos adultos sobre seu comportamento sexual desde a infância e colocaram em xeque a real conformidade aos padrões morais de então, como o início da atividade sexual, a incidência de casos extraconjogais e/ou o prazer com pessoas do mesmo sexo em algum momento da vida. Os relatórios receberam muitas críticas dentro e fora da academia e foram comparados a uma explosão atômica por comentadores da época por contestar o modo de entender a sexualidade (Reumann, 2005).

qualitativos revelam a tendência crescente na área da saúde para o uso da Teoria Fundamentada em Dados (Granados-Cosme & Delgado-Sánchez, 2008; Granados-Cosme et al., 2009; Lozano-Verduzco, 2014a, 2014b), e pouco exploram outras abordagens, como a Fenomenológica (Martínez, 2008).

Para recrutar participantes, a prevalência de técnicas que utilizam cadeias de referência é justificada por se tratar de pessoas de menor visibilidade e cuja proporção na população geral é desconhecida. A técnica “bola de neve” é útil às pesquisas qualitativas, mas é problemática quando a finalidade é epidemiológica, porque tende a gerar amostras homogêneas. A técnica RDS (*respondent-driven sampling*) promete corrigir esse viés de seleção por meio de cálculos matemáticos (Heckathorn & Cameron, 2017) e aproximar-se de dados probabilísticos. Porém, seu emprego na América Latina ainda é tímido por depender de *know-how* estadunidense (Semple et al., 2017; Peacock et al., 2015) e há estudos que criticam seu ritmo lento e baixa produtividade no recrutamento de minorias sexuais (Kuhns, Kwon, Ryan, Garofalo, Phillips & Mustanski, 2015). De qualquer forma, cadeias de referência não conseguem atingir indivíduos isolados ou que não revelaram a própria orientação sexual (Kuhns, Kwon, Ryan, Garofalo, Phillips & Mustanski, 2015), o que exige repensar e diversificar as metodologias para essas pesquisas. Nesse sentido, podem contribuir as pesquisas que utilizam a internet, onde os indivíduos costumam revelar informações sobre sua sexualidade de modo mais sincero (Carvalho, Dall’Agnol & Lara, 2017).

Importa notar que todos os estudos foram observacionais e transversais: são indicativos, mas não conclusivos (Indrayan & Holt, 2016), pois não permitem estabelecer uma relação de causalidade e temporalidade entre as variáveis, senão por hipótese. Talvez pelo custo elevado, não houve estudos longitudinais como em outros locais – como EUA (Fish & Pasley, 2015) e Suécia (Bränström, 2017).

Sobre os procedimentos éticos, dos quatro artigos que foram além de questões protocolares (Granados-Cosme et al., 2009; Ortiz-Hernández, 2005; Ortiz-Hernández et al., 2009; White et al., 2010) apenas o primeiro é qualitativo – tipo em que as questões éticas são mais visíveis pelo fato de o pesquisador entrar em contato não apenas com alguns dados, mas com a história de vida dos participantes (Traianou, 2014). A preocupação em cumprir os protocolos (como preencher uma lista de verificação) para um comitê de ética é necessária, mas não suficiente para pesquisas com populações vulneráveis, como as discutidas aqui, e os pesquisadores precisam refletir sobre os cruzamentos ético-políticos de seus estudos (Costa & Castro, 2016). Junto ao compromisso com a verdade, o pesquisador necessita uma “alfabetização ética” (Wiles, 2013).

Quanto aos resultados dos estudos, há sintonia com pesquisas da mesma temática desenvolvidas em outras localidades, como mostram revisões sistemáticas sem delimitação de região, idade ou problema de saúde mental (King, Semlyen, Tai, Killaspy, Osborn, Popelyuk & Nazareth, 2008; Plöderl, & Tremblay, 2015), ou com segmentação por idade e/ou problemática de saúde mental (Russell & Fish, 2016; Lucassen, Stasiak, Samra, Frampton & Merry, 2017; Hottes, Bogaert, Rhodes, Brennan, & Gesink, 2016; Wagenmakers, Tremblay, Ramsay, Kralovec, Fratacek, & Fartacek, 2013; Semlyen, King & Hagger-Johnson, 2016).

A problemática dos múltiplos estigmas – que se diversifica conforme categorias como gênero, orientação sexual, classe social e etnia (Bostwick, Boyd, Hughes, & West, 2014; Lardier Jr., Bermea, Pinto, Garcia-Reid & Reid, 2017) – aparece em pesquisas sobre saúde mental de indivíduos latinos identificados como minoria sexual que vivem nos EUA e sofrem discriminação racial e sexual (Velez, Moradi, & DeBlaere, 2015) ou a estigmatização de ter o vírus HIV e ser um imigrante ilegal (Martínez, 2008). Esta última pesquisa também tocou num tema comum a dois outros estudos desta revisão: a discriminação sofrida em serviços de saúde e de segurança pública do México (Lozano-Verduzco, 2014a, 2014b). O despreparo das estruturas de cuidado em saúde para com as minorias sexuais também foi apontado por estudos no Brasil (Albuquerque, Garcia, Alves, Queiroz & Adami, 2013) e na Irlanda (McCann & Sharek, 2014). Haveria muitas razões para tanto (Kreps, 2014): os sistemas permaneceram cegos a essas pessoas por um longo tempo; os profissionais desconhecem suas demandas específicas e há uma suposição tácita de que seus estilos de vida são as causas de tais doenças.

É possível que a explicação das disparidades de saúde mental no *corpus* tenha preferido a homofobia de origem externa à homofobia internalizada devido à maior facilidade de ser mensurada. Já que o modelo de Meyer (que tem a homofobia internalizada como um dos pilares) mostrou-se válido quando aplicado a populações de fora dos Estados Unidos da América (Dunn, Gonzalez, Costa, Nardi, & Iantaffi, 2014), é desejável que outros estudos elucidem melhor esse mecanismo psíquico que opera a passagem da violência homofóbica do ambiente para a psique dos indivíduos latino-americanos, afetando sua autoestima – assim como o fez um estudo no ambiente escolar canadense (Blais, Gervais & Hébert, 2014).

Uma divergência notável entre os estudos diz respeito ao valor da revelação ou do encobrimento do comportamento e/ou identidade da minoria sexual. O encobrimento aparece como fator de risco (Ceará & Dalgallarondo, 2010; White et al., 2010; Barrientos et al., 2017), concordando com outra pesquisa (Pitpitán et. al., 2016), segundo a qual maiores índices de abertura no processo de *coming out* atenuam as condições sindêmicas e o

comportamento sexual de risco. Contudo, na pesquisa de Ortiz-Hernández (2005), a revelação aparece como elemento dúvida: em geral ela favorece a saúde mental, mas, por outro lado, os riscos crescem à medida que aumenta o número de pessoas que sabem da orientação sexual, por força da maior exposição à violência. Essa ambiguidade do encobrimento/revelação da sexualidade também aparece noutras estudos (Dunn et al., 2014; Kwon, 2013).

Embora tenha havido estudos que não reportaram limitações, a maioria dos pesquisadores fez notá-las. O viés de seleção é o predominante, por depender de indivíduos dispostos a colaborar com as pesquisas e da técnica de recrutamento. Numa avaliação panorâmica, é possível dizer que a validade interna dos estudos foi assegurada pela utilização de instrumentos condizentes com os objetivos estabelecidos.

Considerações finais

Pesquisas como as que foram examinadas nesta revisão resultam do esforço metódico de diversas ciências e ajudam a dissipar preconceitos ainda em vigor. Embora pequeno, o mapa das pesquisas latino-americanas que correlacionam minorias sexuais e saúde mental mostra muitos contrastes, com avanços significativos em alguns poucos países e com zonas cegas em boa parte da região. A demanda por mais estudos é grande e urgente: tanto por pesquisas específicas, como pela adaptação daquelas que abordam questões de saúde mental na população como um todo para também enxergar tais minorias.

No atual cenário de luta à dita “ideologia de gênero”, movida por certo pânico moral (Miskolci & Campana, 2017), esta revisão mostra, com dados da realidade, que o sofrimento mental ainda é constante em muitos indivíduos e grupos das minorias sexuais, e que a ideologia da heteronormatividade continua a espalhar seus efeitos danosos com discursos e práticas homofóbicos. Mais ainda, mostra que a correlação entre não desejar/agir/ser conforme os parâmetros sexuais da maioria e sofrer com um transtorno mental – somada a situações socioeconômicas degradantes que assolam muitos países latinos – pode resultar em estigmas com muitas camadas de sofrimento, sob pressões externas e internas, diante das quais muitos sucumbem – como as taxas de suicídio indicam. Tudo isso faz jus ao questionamento sobre quem realmente está “enfermo”: as minorias sexuais ou seu contexto? (Pineda-Roa, 2013).

A “epistemologia do armário” (Sedwick, 1990) prejudica não somente a vida de indivíduos e grupos pertencentes às minorias sexuais, como também a produção científica latino-americana a seu respeito. Superar isso exige que mais pesquisadores ousem se aventurar em investigações como as reunidas nesta revisão, a fim de melhor conhecer,

compreender e suprir as demandas das minorias sexuais no atendimento em saúde mental. Já que a autoestima é um fenômeno que envolve tanto a relação da pessoa consigo mesma como sua relação com os outros (Ricoeur, 2008), urge continuar a investigar a complexa interação entre as condições objetivas (o apoio social às minorias sexuais ou a sua falta) e sua experiência subjetiva (as estratégias pessoais de enfrentamento), em torno de questões como contextos sistêmicos (sindemia) e habilidades de enfrentamento (resiliência).

Talvez mais do que em outros temas, a preocupação epistemológica também deve tangenciar, provocar e perfazer preocupações ético-políticas, visando à criação e ao aperfeiçoamento de serviços em saúde e de políticas públicas a essas populações, com o cuidado de não formar guetos (Boivin, 2014). Para que as reinvindicações pela igualdade de direitos e pela visibilidade das diferenças sejam garantidas, é preciso haver não só tolerância, mas um autêntico reconhecimento (Ricoeur, 2005) das minorias sexuais, de modo que a estima social para com essas e outras minorias venha a sanar a interiorização do estigma que conduz tantos de seus membros a se autodepreciarem. Definitivamente, deve-se reforçar que o conceito de “minoria” deve ser tomado em termos quantitativos e nunca qualitativos, pois ser *menos* em termos numéricos não implica ser *menos* gente ou *menos* cidadão.

Quando esta revisão se propõe a avaliar tanto o conjunto das pesquisas como cada uma em particular, as limitações não podem obscurecer os alcances: muitos estudos foram pioneiros em seus países e ajudaram a preencher lacunas sobre o tema. Dadas as condições de pesquisa amiúde desfavoráveis – já que falta o incentivo financeiro muitas vezes presente nos países industrializados – as pesquisas que já existem devem ser exaltadas por romper barreiras e ajudar a lançar luzes em espaços já acostumados pela invisibilidade e pelo desinteresse. Ademais, também esta revisão comporta limites: alguns estudos potencialmente relevantes podem não ter sido rastreados com os descritores utilizados, seja por restrições no processo de busca, seja pela deficiência no uso de descritores nos estudos. Outra dificuldade está relacionada à natureza mesma deste estudo: a multiplicidade de metodologias envolvidas é a força da revisão integrativa, mas também não permite fazer generalizações.

Referências

- Albuquerque, G. A., Garcia, C. D. L., Alves, M. J. H., Queiroz, C. M. H. T. D., & Adami, F. (2013). Homossexualidade e o direito à saúde: Um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde em Debate*, 37, 516–524. doi: 10.1590/S0103-11042013000300015
- APA, Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation. (2009). *Report of the American Psychological Association Task Force on Appropriate*

Therapeutic Responses to Sexual Orientation. Retrieved from <http://www.apa.org/pi/lgbt/publications/therapeutic-resp.html>

Assis, S. G. de, Gomes, R., & Pires, T. de O. (2014). Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde. *Revista de Saúde Pública*, 48(1), 43-51. doi: 10.1590/S0034-8910.2014048004638

Barrientos, J., Gómez, F., Cárdenas, M., Gúzman, M., & Bahamondes, J. (2017). Medidas de salud mental y bienestar subjetivo en una muestra de hombres gays y mujeres lesbianas en Chile. *Revista médica de Chile*, 145(9), 1115-1121. doi: 10.4067/s0034-98872017000901115

Beaulieu-Prévost, D., & Fortin, M. (2015). The measurement of sexual orientation: Historical background and current practices. *Sexologies*, 24(1), 29-34. doi: 10.1016/j.sexol.2014.05.005.

Blais, M., Gervais, J., & Hébert, M. (2014). Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada). *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 727-735. doi: 10.1590/1413-81232014193.16082013

Boivin, R. R. (2014). "Se podrían evitar muchas muertas": discriminación, estigma y violencia contra minorías sexuales en México. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 16, 86-120. doi: 10.1590/S1984-64872014000100006

Bourdieu, P. (2001). *Masculine domination*. Stanford: Stanford University Press.

Bostwick, W. B., Boyd, C. J., Hughes, T. L., & West, B. (2014). Discrimination and mental health among lesbian, gay, and bisexual adults in the United States. *The American Journal of Orthopsychiatry*, 84(1), 35-45. doi: 10.1037/h0098851

Bränström, R. (2017). Minority stress factors as mediators of sexual orientation disparities in mental health treatment: a longitudinal population-based study. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 71(5), 446-452. doi: 10.1136/jech-2016-207943

Butler, J. (1990). *Gender trouble*. Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge.

Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York: Routledge.

Canali, Tiago José, Oliveira, Sylvia Marina Soares de, Reduit, Deivid Montero, Vinholes, Daniele Botelho, & Feldens, Viviane Pessi. (2014). Evaluation of self-esteem among homosexuals in the southern region of the state of Santa Catarina, Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(11), 4569-4576. doi: 10.1590/1413-812320141911.15982013

Cardoso, Fernando Luiz. (2008). O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), 69-79. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008.

Carvalho, H. W., Dall'Agnol, S. C., & Lara, D. R. (2017). Trends in sexual orientation in Brazil. *Psico*, 48(2), 89-98. doi: 10.15448/1980-8623.2017.2.26613

- Ceará, A. de T., & Dalgalarrodo, P. (2010). Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. *Archives of Clinical Psychiatry*, 37(3), 118-123. doi: 10.1590/S0101-60832010000300005.
- Cochran, S. D. (2001). Emerging issues in research on lesbians' and gay men's mental health: does sexual orientation really matter? *American Psychologist*, 56(11), 931-47. doi: 10.1037/0003-066X.56.11.931
- Costa, M. L., & Castro, G. M. (2016). Atravessamento ético-político na experiência em pesquisa em História Social da Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(1), 277-294. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000100016.
- Doolen, J. (2017) Meta-Analysis, Systematic, and Integrative Reviews: an overview. *Clinical Simulation Center of Las Vegas*, 13(1), 28-30. doi: 10.1016/j.ecns.2016.10.003
- Drescher, J. (2015). Out of DSM: Depathologizing Homosexuality. *Behavioral Sciences*, 5(4), 565–575. doi: 10.3390/bs5040565
- Dunn, T. L., Gonzalez, C. A., Costa, A. B., Nardi, H. C., & Iantaffi, A. (2014). Does the minority stress model generalize to a non-U.S. sample? An examination of minority stress and resilience on depressive symptomatology among sexual minority men in two urban areas of Brazil. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(2), 117-131. doi: 10.1037/sgd0000032
- Fish, J. N., & Pasley, K. (2015). Sexual (minority) trajectories, mental health, and alcohol use: a longitudinal study of youth as they transition to adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(8), 1508-1527. doi: 10.1007/s10964-015-0280-6
- Freitas, D. F., Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2017). Resilience in LGB youths: a systematic review of protection mechanisms. *Paidéia*, 27(66), 69-79. doi: 10.1590/1982-43272766201709
- Foucault, M. (1978). *The History of Sexuality: Vol. I. An introduction*. New York: Pantheon.
- Gallegos, M. (2018). La institucionalización del saber psicológico en América Latina (1900-1940): un estudio comparado de sus condiciones intra y extra disciplinarias. (Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Ghorayeb, D. B., & Dalgalarrodo, P. (2010). Homosexuality: Mental health and quality of life in a Brazilian socio-cultural context. *International Journal of Social Psychiatry*, 57(5), 496–500. doi: 10.1177/0020764010371269
- Gilbert, K. L., & Mayfield-Johnson, S. (2018). Roles, functions, and examples of qualitative research and methods for social science research. In M. S. Goodman & V. S. Thompson (Eds.). *Public Health research methods for partnerships and practice*. New York: Routledge.
- Gómez, F., & Delgado, J. E. B. (2012). Efectos del prejuicio sexual en la salud mental de gays y lesbianas, en la ciudad de Antofagasta, Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 10, 100-123. doi: 10.1590/S1984-64872012000400005.

- Granados-Cosme, J. A., & Delgado-Sánchez, G. (2008). Identidad y riesgos para la salud mental de jóvenes gays en México: recreando la experiencia homosexual. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(5), 1042-1050. doi: 10.1590/S0102-311X2008000500011.
- Granados-Cosme, J. A., Torres-Cruz, C., & Delgado-Sánchez, G. (2009). La vivencia del rechazo en homosexuales universitarios de la Ciudad de México y situaciones de riesgo para VIH/sida. *Salud Pública de México*, 51(6), 474-488. Retrieved from http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342009000600006.
- Heck, N. C., Mirabito, L. A., LeMaire, K., Livingston, N. A., & Flentje, A. (2017). Omitted data in randomized controlled trials for anxiety and depression: A systematic review of the inclusion of sexual orientation and gender identity. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 85(1), 72-76. doi: 10.1037/ccp0000123
- Heckathorn, D. D., & Cameron, C. J. (2017). Network Sampling: from snowball and multiplicity to respondent-driven sampling. *Annual Review of Sociology*, 43(1), 101-119. doi: 10.1146/annurev-soc-060116-053556.
- Herek, G. M., & Garnets, L. D. (2007). Sexual orientation and mental health. *Annual Review of Clinical Psychology*, 3, 353-375. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17716060>
- Hottes, T. S., Bogaert, L., Rhodes, A. E., Brennan, D. J., & Gesink, D. (2016). Lifetime prevalence of suicide attempts among sexual minority adults by study sampling strategies: a systematic review and meta-analysis. *American Journal of Public Health*, 106(5), e1-e12. doi: 10.2105/AJPH.2016.303088
- Indrayan, A., & Holt, M. P. (2016). *Concise encyclopedia of biostatistics for medical professionals*. Boca Raton: CRC Press.
- King, M., Semlyen, J., Tai, S. S., Killaspy, H., Osborn, D., Popelyuk, D., & Nazareth, I. (2008). A systematic review of mental disorder, suicide, and deliberate self harm in lesbian, gay and bisexual people. *BMC Psychiatry*, 8(70), 1-17. doi: 10.1186/1471-244X-8-70
- Kuhns, L. M., Kwon, S., Ryan, D. T., Garofalo, R., Phillips, G., & Mustanski, B. S. (2015). Evaluation of respondent-driven sampling in a study of urban young men who have sex with men. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 92(1), 151–167. doi: 10.1007/s11524-014-9897-0
- Kwon, P. (2013). Resilience in lesbian, gay, and bisexual individuals. *Personality and Social Psychology Review*, 17(4), 371-383. doi: 10.1177/1088868313490248.
- Kreps, G. L. (2014). Foreword. In V. L. Harvey & T. H. Housel (Eds.). *Health care disparities and the LGBT population: health care disparities and the LGBT population* (vii-ix). Plymouth (UK): Lexington Books.
- Lardier Jr., D. T., Bermea, A. M., Pinto, S. A., Garcia-Reid, P., & Reid, R. J. (2017). The relationship between sexual minority status and suicidal ideations among urban hispanic adolescents. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 11(3), 174-189. doi: 10.1080/15538605.2017.1346491

- Lira, A. N. de, & Morais, N. A. de. (2017). Resilience in Lesbian, Gay, and Bisexual (LGB) Populations: an Integrative Literature Review. *Sexuality Research and Social Policy*, 3, 1-11. doi: 10.1007/s13178-017-0285-x
- Lozano-Verduzco, I. (2014a). Barriers to sexual expression and safe sex among Mexican gay men: a qualitative approach. *American Journal of Men's Health*, 10(4), 270-284. doi: 10.1177/1557988314561490
- Lozano-Verduzco, I. (2014b). Violencia institucional homofóbica y emociones de hombres gay de la ciudad de México. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 25(2), 2014, 298-312. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233245622009>
- Lozano-Verduzco, I., Fernández-Niño, J., & Baruch-Domínguez, R. (2017). Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City. *Salud Mental*, 40(5), 219-226. doi: 10.17711/SM.0185-3325.2017.028
- Lucassen, M. F. G., Stasiak, K., Samra, R., Frampton, C. M. A., & Merry, S. N. (2017). Sexual minority youth and depressive symptoms or depressive disorder: A systematic review and meta-analysis of population-based studies. *New Zealand College of Psychiatrists*, 51(8), 774-787. doi: 10.1177/0004867417713664
- McCann, E., & Sharek, D. (2014). Survey of lesbian, gay, bisexual, and transgender people's experiences of mental health services in Ireland. *International Journal of Mental Health Nursing*, 23, 118–127. doi:10.1111/inm.12018
- Martínez, D. H.-R. (2008). La otra migración. Historias de discriminación de personas que vivieron con VIH en México. *Salud Mental*, 31(4), 253-260. Retrieved from: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252008000400002.
- Math, S. B., & Seshadri, S. P. (2013). The invisible ones: Sexual minorities. *The Indian Journal of Medical Research*, 137(1), 4–6. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3657897>.
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of Health and Social Behavior*, 7, 9-25. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7738327>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674-697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674
- Meyer, I. H. (2015). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 209–213. doi: 10.1037/sgd0000132
- Miskolci, R., & Campana, M. (2017). “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, 32(3), 725-748. doi: 10.1590/s0102-69922017.3203008
- Mustanski, B., Garofalo, R., Herrick, A., & Donenberg, G. (2007). Psychosocial health problems increase risk for HIV among urban young men who have sex with men:

- preliminary evidence of a syndemic in need of attention. *Annals of Behavioral Medicine*, 34(1), 37-45. doi: 10.1080/08836610701495268
- Plöderl, M., & Tremblay, P. (2015). Mental health of sexual minorities. A systematic review. *International Review of Psychiatry*, 27(5), 367-385. doi: 10.3109/09540261.2015.1083949.
- Ortiz-Hernández, L. (2005). Influencia de la opresión internalizada sobre la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la ciudad de México. *Salud Mental*, 28(4), 49-65. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58242806>
- Ortiz-Hernández, L., & García Torres, M. I. (2005). Efectos de la violencia y la discriminación en la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(3), 913-925. doi: 10.1590/S0102-311X2005000300026
- Ortiz-Hernández, L., Gómez Tello, B. L., & Valdés, J. (2009). The association of sexual orientation with self-rated health, and cigarette and alcohol use in Mexican adolescents and youths. *Social Science & Medicine*, 69(1), 85-93. doi: 10.1016/j.socscimed.2009.03.028
- Ortiz-Hernández, L., & Valencia-Valero, R. G. (2015). Disparidades en salud mental asociadas a la orientación sexual en adolescentes mexicanos. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(2), 417-430. doi: 10.1590/0102-311X00065314
- Peacock, E., Andrinopoulos, K., & Hembling, J. (2015). Binge drinking among men who have sex with men and transgender women in San Salvador: correlates and sexual health implications. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 92(4), 701-716. doi:10.1007/s11524-014-9930-3
- Pineda-Roa, C. A. (2013). Factores asociados con riesgo de suicidio de adolescentes y jóvenes autoidentificados como lesbianas, gays y bisexuales: estado actual de la literatura. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, 42(4), 333-349. Retrieved from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74502013000400006
- Pitpitán, E. V., Smith, L. R., Goodman-Meza, D., Torres, K., Semple, S. J., Strathdee, S. A., & Patterson, T. L. (2016). "Outness" as a moderator of the association between syndemic conditions and HIV risk-taking behavior among men who have sex with men in Tijuana, Mexico. *AIDS Behav*, 20(2), 431–438. doi: 10.1007/s10461-015-1172-1
- Reumann, M. G. (2005). *American Sexual Character: sex, gender, and national identity in the Kinsey reports*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press.
- Ricoeur, P. (2005). *The course of recognition*. Cambridge: Harvard University Press.
- Ricoeur, P. (2008). *O justo 2*. São Paulo: Martins Fontes.
- Russell, C. L. (2005). An overview of the integrative research review. *Progress in Transplantation*, 15(1), 8-13. doi: 10.1177/152692480501500102

- Russell, S. T., & Fish, J. N. (2016). Mental Health in lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) youth. *Annual Review of Clinical Psychology*, 12, 465–487. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-021815-093153
- Sedgwick, E. K. (1990). *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of Berkeley.
- Semlyen, J., King, M., & Hagger-Johnson, G. (2016). Sexual orientation and symptoms of common mental disorder or low wellbeing: combined meta-analysis of 12 UK population health surveys. *BMC Psychiatry*, 16, 67-76. doi: 10.1186/s12888-016-0767-z
- Semple, S. J., Stockman, J. K., Goodman-Meza, D., Pitpitan, E. V., Strathdee, S. A., Chavarin, C. V., Rangel, G., Torres, K., & Patterson, T. L. Correlates of sexual violence among men who have sex with men in Tijuana, Mexico. (2017). *Archives of Sexual Behavior*, 46, 1011 -1023. doi: 10.1007/s10508-016-0747-x
- Singer M., & Clair S. (2003). Syndemics and public health: reconceptualizing disease in bio-social context. *Medical Anthropology Quarterly*, 17(4), 423-41. doi: 10.1525/maq.2003.17.4.423
- Szasz, T. S. (1977). *The manufacture of madness*. A comparative study of the inquisition and the mental health movement. New York, Harper & Row.
- Traianou, A. (2014). The centrality of Ethics in qualitative research. In P. Leavy (Ed.). *The Oxford handbook of qualitative research*. (pp.62-67). New York: Oxford University Press.
- Unesco. (2016). *Out in the open. Education sector responses to violence based on sexual orientation and gender identity/expression*. Paris: United Nations Educational. Retrieved from <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652e.pdf>
- Velez, B. L., Moradi, B., & DeBlaere, C. (2015). Multiple oppressions and the mental health of sexual minority Latina/o individuals. *The Counseling Psychologist*, 43(1), 7-38. doi: 10.1177/00111000014542836
- Wagenmakers, E., Tremblay, P., Ramsay, R., Kralovec, K., Fratacek, C., & Fartacek, R. (2013). Suicide risk and sexual orientation: a critical review. *Archives of Sexual Behavior*, 42, 715-727. doi: 10.1007/s10508-012-0056-y
- Wiles, R. (2013). *What are qualitative research ethics?* London: Bloomsbury Academic.
- White, Y. R. G., Barnaby, L., Swaby, A., & Sandfort, T. (2010). Mental health needs of sexual minorities in Jamaica. *International Journal of Sexual Health: Official Journal of the World Association for Sexual Health*, 22(2), 91–102. doi: 10.1080/19317611003648195
- Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: Updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52, 546–553. doi: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x
- World Health Organization. (2013). *Investing in Mental Health: Evidence for Action*. Geneva.

**CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA RICOEURIANA PARA A
PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA: ASPECTOS
FENOMENOLÓGICOS, HERMENÊUTICOS E NARRATIVOS**

Introdução

A necessidade de ampliar as metodologias da pesquisa em Psicologia, particularmente na área da saúde, tem motivado pesquisadores a rever tanto as abordagens qualitativas como as quantitativas, no sentido de avaliar mais ampla e profundamente os reais alcances e potencialidades de cada uma delas, não em termos de ostensiva oposição, mas de complementaridade (Flick, 2009; Minayo, 1996). Posturas revisionistas no campo da Psicologia tem questionado a hegemonia do quantitativo – que vigorou sobretudo nos EUA (Coyle & Murtagh, 2014) –, e sua auto-justificação como única abordagem válida, por consequência de uma concepção de cientificidade unilateralmente alinhada às Ciências Naturais (Giorgi, 1978) em sua pretensão de ser um espelho da realidade (Rorty, 1979).

Reflexões epistemológicas e metodológicas mais amplas, contudo, consideram que o valor de cada abordagem não é absoluto – melhor/pior ou mais/menos científico –, mas relativo, porquanto condicionado à possibilidade de melhor responder aos problemas das pesquisas (Flick, 2009) e de interpretar as informações da realidade (Eisner, 2003). Diante de um dado fenômeno, se se pergunta pela sua extensão, utiliza-se um método quantitativo para mensurá-lo em números; se se pergunta pela sua compreensão, utiliza-se um método qualitativo para descrever seus significados em palavras; da mesma forma, pode-se proceder à combinação de ambos, em estudos de “métodos mistos” (Leavy, 2014). Assim, quando se trata das experiências vividas e da identidade de indivíduos e grupos – que são o foco deste estudo – a abordagem puramente quantitativa se mostra insuficiente. Procedimentos como os questionários de respostas curtas conseguem acessar tais experiências apenas superficialmente e negligenciam a complexidade, a unicidade e as trajetórias dos indivíduos no contexto social (Polkinghorne, 2005). É aí, pois, que a abordagem qualitativa se define mais em termos epistemológicos do que instrumentais (Holanda, 2012) e revela sua relevância, com o propósito de descrever e esclarecer a experiência vivida e sua constituição na consciência.

Historicamente, a abordagem qualitativa foi ora enaltecida, ora desprezada na Psicologia, e vários autores a empregaram de uma ou outra forma (Giorgi, 2009; Polkinghorne, 2005). Wundt (1832-1920) – em sua *Völkerpsychologie* – Brentano (1838-1917), William James (1842-1910), Piaget (1896-1980) e Allport (1897-1967) são algumas figuras emblemáticas que deram destaque a algum tipo de estratégia qualitativa para desenvolver suas pesquisas, assim como foi esse o meio privilegiado para a compreensão da psique humana na prática clínica de Freud (1856-1939) em diante. Entretanto, para que a

Psicologia lograsse reconhecimento científico, os métodos quantitativos estabeleceram seu predomínio e se converteram numa espécie de “catecismo metodológico” que fez dos laboratórios os espaços científicos por excelência, alijando a experiência subjetiva e cotidiana de qualquer investigação por não cumprir com os critérios experimentais (Eisner, 2003). Desse modo, diferente de outras ciências, a Psicologia definiu seus métodos antes de seu objeto de estudo e fez da observação e da mensuração os seus procedimentos mestres e, a partir deles, enfocaram o comportamento exterior e reprimiram a descrição qualitativa (Brinkmann, Jacobsen & Kristiansen, 2014). Instalava-se, assim, o *ethos* da quantificação na Psicologia, que veio a culminar na difusão de terminologias como a noção de variável e na prevalência das técnicas estatísticas (Howitt, 2016).

O que se costuma chamar de Renascença da pesquisa qualitativa ocorreu no período pós-guerra, a partir da década de 1960, que representou um ponto de virada no ideário moderno de uma cientificidade unicamente pautada em pressupostos racionalistas e mecanicistas cartesianos que dividiram *res extensa* e *res cogitans* (Jovanović, 2011). Isso ocorreu primeiramente nas Ciências Sociais devido à influência de movimentos sociais (em prol de causas como das mulheres, negros, estudantes, LGBTs, paz e ecologia), que apresentaram novas questões para o mundo acadêmico (Leavy, 2014). O departamento de Sociologia da Escola de Chicago exerceu protagonismo nesse sentido ao empreender uma reflexão acadêmica mais engajada nessas questões e ao promover um movimento de reaproximação da Filosofia, sobretudo Continental⁶. O interacionismo simbólico que ali se desenvolveu (com Mead e Geertz, por exemplo) marcou o *Zeitgeist* de então com intensos debates metodológicos que questionaram o foco exclusivo em experimentos e laboratórios típico do Positivismo⁷ e adotaram uma visão mais ampla dos fenômenos humanos (Branco, 2014; Flick, 2009). Da emergência de um humanismo crítico (Plummer, 2001), irrompia

⁶ Filosofia Continental é o nome dado ao estilo desenvolvido sobretudo na França e na Alemanha de pensadores orientados pelo Idealismo, Racionalismo e/ou Espiritualismo, marcados por interesses culturais, sociais, políticos e econômicos, com uma linguagem muito próxima à literária, tendo por representantes Nietzsche, Hegel, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, por exemplo. Em contraste, tem-se a Filosofia Analítica desenvolvida nos países anglo-saxônicos por pensadores orientados pelo Empirismo e Positivismo, defensores da lógica formal e alinhados pelas ciências exatas e “duras”, com nomes como Moore, Russell, Wittgenstein (1ª fase) e outros ligados ao Círculo de Viena. (Abbagnano, 2006)

⁷ Para evitar imprecisões ligadas ao termo, Howitt (2016) faz notar que se trata mais especificamente do Positivismo Lógico, difundido pelo Círculo de Viena a partir da Primeira Grande Guerra tanto na Europa como nos EUA, vindo a ter um amplo desenvolvimento em toda a primeira metade daquele século. São os pressupostos do Positivismo Lógico, como a linguagem matemática e o princípio de verificação, que estão na base do Behaviorismo Metodológico de Watson. Porém, o mesmo autor alerta que a atribuição do predomínio do quantitativo unicamente ao Positivismo, como se esse fosse o grande vilão, compõe uma espécie de mito de criação da pesquisa qualitativa e que, na verdade, a explicação estaria situada anteriormente, na própria filosofia cartesiana.

também uma crise de representação que passou a questionar a alegada correspondência entre conhecimento e mundo (típica do realismo epistemológico), palavra e coisas (Bochner & Riggs, 2014), de modo que a linguagem passou a não ser vista mais como mera representação da realidade, mas como sua própria constituição (Maia, Germano & Moura, 2009). Também foram influências importantes a Psicanálise lacaniana, o Pós-estruturalismo e o Desconstrucionismo (Squire, Andrews & Tamboukou, 2008).

Com atraso em relação às Ciências Sociais, a Psicologia começou a assimilar a pesquisa qualitativa mormente a partir da década de 1980 (Howitt, 2016), dando vazão a uma multiplicidade de abordagens qualitativas. Seus maiores representantes são: a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), a Psicologia Discursiva, a Análise de Conteúdo, a Análise Crítica do Discurso, a Pesquisa Fenomenológica e a Pesquisa Narrativa (Chamberlain & Murray, 2008; Wertz, Charmaz, McMullen, Josselson, Anderson & McSpadden, 2011; Howitt, 2016), muitas das quais com derivações. Mais do que um repertório plural de métodos, a pesquisa qualitativa promoveu mudanças na monotonia metodológica estabelecida: do primado do método ao do fenômeno; da negação à aceitação da dimensão subjetiva; do isolamento do objeto à consideração do contexto; do papel passivo ao ativo dos participantes; da neutralidade à autorreflexão dos pesquisadores (Jovanović, 2011). Assim, longe de ser um todo monolítico, a pesquisa qualitativa é um “termo guarda-chuva” multiparadigmático, inter e transdisciplinar que continua a se abrir e crescer, acolhendo perspectivas que se combinam ou até colidem (Leavy, 2014) – como quando se consideram os três grandes posicionamentos epistemológicos: realista (direto ou crítico), fenomenológico e sócio-construcionista (Willig, 2013).

Apesar de sua expansão, a pesquisa qualitativa ainda deve justificar sua validade e pertinência. Fatores externos exigem que pesquisadores de abordagens qualitativas explicitem detalhadamente seus pressupostos filosóficos e métodos, como quase nunca ocorre na pesquisa quantitativa (Howitt, 2016) – também por influência burocrática das agências de financiamento (Brinkmann, Jacobsen & Kristiansen, 2014). Por outro lado, essa necessidade de explicitação também depende de fatores internos à abordagem qualitativa: a dificuldade de alguns pesquisadores em dominar os conceitos-chaves de uma dada teoria, levando-os a ignorar a tensão entre metodologia, epistemologia e ontologia, bem como o alcance e o limite do enquadramento filosófico (González Rey, 2011).

Em vista disso, o presente estudo visa apresentar os principais elementos de duas abordagens qualitativas vigentes nas pesquisas em Psicologia – a Fenomenológica e a Narrativa – para então recorrer à obra filosófica de Ricoeur com a finalidade de apresentar suas contribuições teóricas mais significativas para a pesquisa qualitativa nessa área, com destaque às notas fenomenológica, hermenêutica e narrativa. Esse itinerário reflexivo será guiado por uma linha histórica de apresentação e considerará, sobretudo, os aspectos epistemológicos e metodológicos, bem como ontológicos e éticos.

Pesquisas qualitativas de abordagem fenomenológica

Embora o termo “fenomenologia” não seja original de Husserl (1859-1938) e apareça em outros filósofos, é o nome dele que figura como iniciador do projeto de estabelecer uma ciência rigorosa de conhecimento dos fenômenos numa via de crítica às “ciências do fato” (Husserl, 1936/2008), as quais procuram se abstrair de todo elemento subjetivo. A partir de seus seguidores, a Fenomenologia tornou-se um grande movimento transdisciplinar com diversas vertentes, sendo assimilada, aos poucos, pelos saberes não-filosóficos. Enquanto recepção, a centralidade da consciência não atraiu primeiramente o campo da Psicologia, mas sim da Sociologia, em nomes como Alfred Schutz, da Escola de Chicago, e Erving Goffman (Branco, 2014; Smith, 1996). Entretanto, posteriormente, a Psicologia figurou como a área do conhecimento que mais recebeu atenção desse movimento e foi objeto de investigação de Husserl desde suas primeiras obras (Wertz, 2011).

Foi a partir da década de 1970 na Universidade de Duquesne, nos EUA, que a abordagem fenomenológica recebeu maior atenção de psicólogos, sobretudo com os trabalhos de Adrian van Kaam, Paul Colaizzi e Amedeo Giorgi, que aplicaram à pesquisa empírica em Psicologia o projeto husseriano e seu mote de “voltar às coisas mesmas” (Husserl, 1900-1901/2001, p. 168). Com isso, eles propuseram enfocar aspectos pouco explorados – ou até mesmo negados – pelos ramos de matriz naturalista e experimental, quais sejam: a experiência e a consciência humanas (Branco, 2014).

Giorgi (1978), que se tornou o nome mais representativo desse movimento (Wertz, 2011) passou a defender que a Psicologia fosse situada já não exclusivamente no campo das Ciências Naturais – um espaço que ela quis conquistar a duras custas para se distinguir da Filosofia e defender sua científicidade – mas, sim, no campo das Ciências Humanas, a fim de honrar aquilo que figura em seu próprio nome: ciência da psique. Aplicada à Psicologia, a Fenomenologia viria a corrigir as distorções de então, não como instância anti-quantitativa,

mas enquanto chamada de atenção ao modo como as pesquisas enfocaram o objetivo em detrimento do subjetivo – sendo que este último deveria ser a preocupação mais legítima das pesquisas psicológicas para Giorgi (2009). Foi assim que se desenvolveu o primeiro grande ramo da pesquisa fenomenológica, chamado de Fenomenologia Descritiva (Porter & Cohen, 2012). Fiel ao projeto husserliano, seu intento é investigar as experiências enquanto vividas, chegando à essência delas por meio da redução fenomenológica (*epoché*) sem nada acrescentar ou subtrair (Giorgi, 2009). Dá-se grande valor ao elemento da intencionalidade – “a mais universal característica essencial do ser e viver psíquicos” (Husserl, 1925/1977, p. 32) –, do qual depreende a indissociabilidade entre sujeito e mundo: a consciência é intencional porque é dirigida a algo fora de si mesma e, por sua vez, o mundo é mundo *para e segundo* uma consciência (Giorgi, 2014).

Sem deixar de reconhecer essa contribuição, alguns pesquisadores em Psicologia se mostraram insatisfeitos com o método estritamente descritivo (isto é, centrado na descrição dos fenômenos tal como eles aparecem) que segue de perto o legado husserliano e sentiram a demanda por uma postura mais interpretativa (Langridge, 2007), preocupada não apenas com a *essência* das experiências, mas com o *sentido* delas. Dessa insatisfação, surgiram os dois outros ramos: a Fenomenologia Interpretativa e a Fenomenologia Hermenêutica (Porter & Cohen, 2012) – que alguns consideram tratar-se de uma só (Willig, 2013).

A proposta da Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) baseia-se não apenas em Husserl, mas também em Heidegger e Gadamer. Ela surgiu na década de 1990 na Inglaterra e ali se consolidou. A AFI tanto se interessa por abordar os fenômenos estudados a partir dos sujeitos participantes, como reconhece que o acesso a essa perspectiva interna se dá por meio de uma atividade necessariamente interpretativa por parte do pesquisador, cujas perspectivas e concepções de mundo não coincidem com aquelas dos participantes (Eatough & Smith, 2017). Dessa forma, a AFI visa superar as dicotomias entre individual e coletivo, mental e discursivo, que predominaram na Psicologia Social e na Psicologia da Saúde, mormente preocupadas em quantificar os fenômenos estudados (Smith, 1996).

A Fenomenologia Hermenêutica, por sua vez, apresenta elementos tanto da fenomenologia descritiva como da interpretativa. O objetivo dela é permitir ao pesquisador compreender como as pessoas conferem sentido às suas experiências, utilizando-se, para tanto, o chamado “círculo hermenêutico” entre parte e todo – consagrados na tradição da

Hermenêutica filosófica por Schleiermacher, Heidegger, Gadamer e Ricoeur – na interpretação dos dados das entrevistas dos participantes (Porter & Cohen, 2012).

Destarte, Fenomenologia Descritiva, AFI e Fenomenologia Hermenêutica compõem os três grandes ramos do movimento fenomenológico e são cada vez mais empregados nas pesquisas qualitativas nas últimas décadas. Por uma via ou outra, a preocupação das abordagens fenomenológicas não é descobrir a estrutura material, social ou psicológica da “realidade” que subjaz as experiências dos participantes, mas investigar a qualidade dessa experiência mesma. Ao considerar as distintas vivências a partir dos mesmos eventos – como uma perda, separação, acidente ou promoção no emprego etc. – a pesquisa fenomenológica visa a conhecer os mundos experienciados pelos indivíduos em estudo (Willig, 2013).

Ao mesmo tempo, a distinção entre os métodos intitulados fenomenológicos nem sempre é clara – pense-se, por exemplo, em diferenciar precisamente a AIF da Fenomenologia Hermenêutica – e torna o mapa dos métodos fenomenológicos na pesquisa em Psicologia bastante complexo (Dowling & Cooney, 2012). Autores críticos do próprio campo têm alertado para pesquisas malconduzidas (Tuffour, 2017) devido a confusões conceituais dos pesquisadores, que intitulariam seus estudos como fenomenológicos apesar de não conhecer suficientemente suas bases filosóficas (Giorgi, 2009), comprometendo as decisões metodológicas e procedimentais ou utilizando conceitos de outros métodos indiscriminadamente (Porter & Cohen, 2012).

Pesquisas qualitativas de abordagem narrativa

No campo filosófico, dentre os advogados da narratividade no período contemporâneo, Kearney (2002) situa nomes como Dilthey, Rorty, MacIntyre e Nussbaum por uma série de motivos. Dilthey fala em “contínuo vivido”⁸ (Dilthey, 1977), no sentido de que a vida interpreta a si mesma. Rorty (1999) alega uma empatia intersubjetiva, de modo que os vocabulários morais seriam mais bem repassados ao grande público em histórias com nomes próprios do que em tratados filosóficos ou sermões religiosos. MacIntyre (2007) trata da “unidade narrativa de uma vida”, ao entender que só é possível apreciar moralmente a vida como boa a partir da reunião das experiências num todo narrativo. Nussbaum (1990) defende o papel que a literatura desempenha no desenvolvimento da consciência ética. Outro defensor de destaque é Ricoeur, sobre quem este estudo se deterá na próxima seção.

⁸ “Zusammenhang des Lebens”, que Ricoeur traduz como “conexão de uma vida” (2014, p. 146).

No campo científico, costuma-se atribuir à década de 1970 a redescoberta das histórias ou relatos de vida e o retorno à preocupação com o sujeito nas Ciências Humanas (Houle, 2008), dando início àquilo a se convencionou chamar de “virada narrativa” (Kreiswirth, 1992). *A fortiori*, é mais apropriado falar em “viradas narrativas”, pois houve ondas diferentes em torno da narrativa, tanto como recurso metodológico quanto como tópico de pesquisa, desde o campo da Historiografia, Ciências Sociais e Ciências da Saúde (Hyvärinen, 2010). Nos últimos 25 anos, essa tendência atingiu também as pesquisas no campo dos cuidados em saúde (Bruce, Beuthin, Sheilds, Molzahn & Schick-Makarof, 2016). Sob o nome de pesquisa ou análise narrativa, encontram-se diversos métodos analíticos voltados à interpretação de textos (orais, escritos ou audiovisuais) em forma de histórias que se baseiam em campos variados como a Filosofia, Ciências Sociais e a Linguística (Riessman, 2008).

Na Psicologia, o interesse pela narrativa aparece a partir dos anos 1980 (Langdridge, 2007). Na clínica psicanalítica, Spence argumenta a favor de uma “verdade narrativa e estética da interpretação” (Spence, 1982, p. 58), que se distingue da verdade teórica e da histórica. McAdams (2008) argumenta que é na adolescência que as narrativas sobre a identidade aparecerem e perduram para a vida adulta. Bruner liderou a chamada “segunda revolução cognitiva” (Paufler & Amrein-Beardsley, 2015) e se baseia nas teorias literárias e em Ricoeur para defender a própria concepção de vida como uma narrativa e a relação entre mente e contexto social (Bruner, 1987, 1991, 2002). Ele distingue duas maneiras de racionalidade igualmente válidas e necessárias: o “pensamento paradigmático” – lógico-científico, típico tanto dos racionalistas como dos empiristas – e o “pensamento narrativo” – que aborda a ação humana em sua complexidade, com emoções, motivações e sentimentos (Bruner, 1986). Outros nomes também se destacaram, como Sarbin (1986) que, desiludido com o predomínio do paradigma positivista na pesquisa psicossocial, reuniu vários psicólogos para defender uma “Psicologia Narrativa”, propondo a narrativa como a metáfora fundamental das ciências psicológicas. Muito afinado com a Fenomenologia, Carr (1986) defende a tese de uma estruturação narrativa da vida, que é prática, antes que estética ou cognitiva. Polkinghorne (1988) é outro dos maiores colaboradores na teoria narrativa e sua defesa nas Ciências Humanas, também se valendo de Ricoeur para tanto.

Esses nomes compuseram a primeira “onda” da pesquisa narrativa, na qualidade de quem propôs os fundamentos para uma abordagem emergente dentro das Ciências Humanas e Sociais. A segunda onda, de pesquisadores mais recentes e de áreas bastante variadas, passou

a aprofundar princípios, métodos e procedimentos dessa abordagem (Dwyer & Emerald, 2017), vindo a consolidar a pluralidade de perspectivas, de modo a permitir dizer que

a pesquisa narrativa tem tantos objetivos quanto pesquisadores nesse campo. A pesquisa narrativa não é um método, nem é uma escola de pensamento. Pelo contrário, é um quadro de referência amplo, cujo único caráter central é a atenção dada às narrativas como um produto e transmissor da realidade. (Huttunen, Heikkinen & Syrjälä, 2002, p. 11)

Sem desconsiderar as diferenças entre si, todos esses autores reconhecem o papel da narrativa na história da Psicologia e destacam a centralidade que ela desempenha na prática analítica segundo Freud – considerado o inventor da *talking cure* e grande interessado nas histórias de vida (Brockmeier, 1997). Contudo, além de apontar as continuidades com relação ao fundador e outros grandes nomes da Psicanálise que deram ênfase à narrativa, eles também apontam as rupturas (Vassilieva, 2016), pois nenhum psicanalista considerava os seres humanos como contadores de histórias – como um distintivo cognitivo da espécie – ou as vidas humanas como histórias a serem contadas (McAdams, 2008). Outro consenso é que os relatos não dizem apenas acerca do mundo e de eventos, mas também sobre o modo como as pessoas se autocompreendem (Hiles & Cermák, 2008) e conferem sentido a suas vidas, de modo a entender que as narrativas constroem identidades (Benwell & Stokoe, 2006). Dessa forma, a narrativas não comportam apenas interesses epistemológicos e metodológicos, como também ontológicos, porquanto salientam questões de ser e de agir no mundo (Murray, 2003): mais que compor uma característica humana, é a narrativa que faz o humano (Squire, 2008).

Apesar de não ser unânime, muitos autores fundamentam a pesquisa narrativa na Fenomenologia e na Hermenêutica, frisando que a preocupação não visa ao acesso a “fatos”, como é o caso de uma historiografia ingênua – a qual poderia levar a investigação sobre as experiências humanas a se perder em meio à busca de leis gerais (Josselson, 2006). Da abordagem fenomenológica, tem-se a atenção às experiências enquanto vividas e do ponto de vista dos sujeitos; da abordagem hermenêutica, tem-se a preocupação de interpretar essas experiências como uma construção análoga ao texto (Josselson & Lieblich, 2002).

É possível constatar, também, vozes críticas dentro e fora do campo narrativo emergente, que chegam a falar até mesmo em “mania” ou “moda” no uso de relatos pessoais na Psicologia (Freeman, 2015). Da mesma forma, Polkinghorne (1995) alerta para certa ambiguidade na pesquisa qualitativa quanto ao entendimento do que seja uma narrativa, confundindo-a com qualquer discurso em prosa – como uma das três formas de coleta de dados, ao lado do questionário com respostas curtas e com escalas numéricas (como a escala

Likert). Uma criteriosa revisão de Smith e Sparkes (2006) apontou a existência de tensões sob o mesmo rótulo de pesquisa narrativa, com posições muito diversas (e, às vezes, contrárias) em relação a pontos como: a relação entre narrativa e identidade; a natureza da narrativa (realista ou não); e a forma como se aborda a narrativa (privilegiando o conteúdo ou a forma).

As críticas não desautorizam essa abordagem, que continua a se expandir. A perspectiva de que as narrativas cumprem um papel não apenas heurístico (dado que oportunizam descoberta da identidade de si e do outro) mas também performático (como criação e recriação dessas mesmas identidades) tem sido destacada em estudos teóricos (Bruner, 1990, 2001) e empíricos, como ocorre na Psicologia da Saúde e na Psicologia Clínica (Davidson, 2013). Mais recentemente, a OMS publicou um relatório que enaltece e incentiva a pesquisa narrativa no contexto da saúde (Greenhalgh, 2016). A narrativa tem sido alvo de estudo, inclusive, em pesquisas quantitativas (Elliott, 2005), como estabelece uma pesquisa que investiga a relação entre a coerência dos relatos coletados e índices quantitativos de bem-estar psíquico dos participantes (Baerger & McAdams, 1999; Waters & Fivush, 2015).

A contribuição da Hermenêutica Fenomenológica de Ricoeur

Já se palmilhou o desenvolvimento na pesquisa qualitativa em Psicologia das vertentes de tendência fenomenológica e narrativa. Por serem perspectivas relativamente recentes, ambas tomaram e continuam a tomar rumos novos conforme a associação de novos pesquisadores e o surgimento de críticas de acadêmicos de dentro ou de fora do campo. Nesse sentido, a obra de Ricoeur oferece um arcabouço teórico rico e robusto capaz de incrementar pesquisas qualitativas que queiram ser, ao mesmo tempo, fenomenológicas e narrativas, por motivos que serão apresentados nos subitens desta seção.

Ainda que seu itinerário filosófico não permaneça atrelado a uma Fenomenologia pura – e, por isso mesmo, ele próprio admite ser mais um dos “hereges” husserlianoss, como Merleau-Ponty e Henry – a referência fenomenológica desse campo jamais serão descurados por Ricoeur, que demonstrava preocupação de não “reduzir a fenomenologia a uma rapsódia de experiências vividas e batizar como fenomenologia toda complacência com as curiosidades da vida humana” (Ricoeur, 1986/2009, p. 255). Com isso, ele confere rigor ao olhar fenomenológico.

Como já se viu na última seção, muitos pesquisadores que inauguraram e desenvolveram a abordagem narrativa recorreram a Ricoeur para basear de alguma forma seus trabalhos, a ponto de ele ser apontado como “talvez o mais profundo e infatigável estudioso moderno da narrativa” (Bruner, 1990, p. 45). Com isso, sua presença para pensar e repensar o papel da narrativa é justificada. A tarefa aqui será apresentar alguns pontos da vasta obra de Ricoeur que permitem contribuir para o aprofundamento teórico e metodológico da pesquisa narrativa de orientação hermenêutica fenomenológica em Psicologia. A finalidade não é fazer um desenvolvimento exaustivo desses pontos, senão apresentá-los com alguma suficiência de modo a permitir ao leitor uma compreensão geral.

Fenomenologia e Hermenêutica no projeto de Ricoeur

Desde seus primeiros estudos filosóficos em meados da década de 1930, Ricoeur reconhece na obra husseriana uma investigação rigorosa e progressiva que parte do nível pessoal ao nível coletivo, da consciência à sociedade. Toda a admiração a Husserl – patente em *Filosofia da vontade I – O voluntário e o involuntário*, publicada em 1950 – não o impediu de fazer distinções importantes, sobretudo a respeito do que considera “a porta estreita da fenomenologia” (Ricoeur, 1986/2009, p. 255): a redução (*epoché*). Em torno dela, Ricoeur vê duas tendências que entram em conflito na obra husseriana: uma metodológico-descritiva – como conversão da atitude natural na qual a consciência se perde e se mistura no mundo em prol da reconquista da posição dessa mesma consciência, para a qual tudo “aparece” e pela qual tudo é significado – e outra tendência dogmático-metafísica, marcada pelo idealismo (a constituição do mundo e do outro numa consciência solipsista). O itinerário filosófico de Ricoeur opta pela Fenomenologia como método, mas não como doutrina, por discordar de um posicionamento soberano do ego em relação ao mundo.

Em *Filosofia da vontade II – Finitude e culpabilidade* publicado em 1960, particularmente no volume intitulado *A simbólica do mal*, Ricoeur assume um novo método de aproximação de suas inquietações filosóficas e anuncia a passagem de uma Fenomenologia de ordem eidética à la Husserl para uma de ordem hermenêutica, que lida já não com ideias abstratas, mas com a função simbólica impregnada na linguagem cotidiana por meio de símbolos, poemas e mitos, de sujeitos históricos situados nas diversas culturas. “O símbolo dá que pensar” (Ricoeur, 1960/2004, p. 482) será uma máxima repetida a partir de então, ao entender que a linguagem simbólica não repele o pensamento filosófico, mas o provoca, enquanto apela à inteligência para ser decifrada mediante as regras da interpretação.

A passagem de Ricoeur pelos umbrais da Hermenêutica não significou negação da Fenomenologia; antes, o próprio estilo não-ortodoxo de Husserl e sua obra “arborescente” e de infinitos inícios (Ricoeur, 1986/2009) permitiu que desenvolvesse temas ali disseminados. Foi o caso da temática da intencionalidade (segundo a qual a consciência é sempre consciência de, isto é, voltada para fora de si, dirigida ao mundo), que atraiu mais a Ricoeur do que a pretensão de uma fundamentação imediata da fenomenalidade pela consciência pura (Gagnébin, 1997). Ao explorar as implicações da intencionalidade, Ricoeur faz um “enxerto” da Hermenêutica na Fenomenologia, por entender que a consciência não se contempla a si mesma por uma via intuitiva (direta e transparente), mas precisa recorrer a um longo trabalho de interpretação dos signos linguísticos (símbolos, metáforas e narrativas) e demais sinais apresentados na história e na cultura (como instituições e monumentos) nos quais ela se apresenta, o que demanda um esforço de vários saberes (Ricoeur, 1995/1997, 1969/2003).

O intuito fenomenológico de “ir às coisas mesmas” (acessar o sentido dos fenômenos) é, então, aprofundado: “a fenomenologia só pode ser uma hermenêutica, porque o que está mais próximo de nós é também o que está mais dissimulado” (2010b, p. 148), e o que se diz da redução em termos fenomenológicos corresponde à distanciamento em termos hermenêuticos:

Pois toda consciência de sentido envolve um momento de distanciamento, um distanciamento da “experiência vivida” como pura e simplesmente aderida. A fenomenologia começa quando, não contentes em “viver” ou “reviver”, interrompemos a experiência vivida para significar isso. Assim, a *epoché* e a intenção de sentido [*visée de sens*] estão intimamente ligadas. (Ricoeur, 1981/2016, p. 76)

Ao aliar Fenomenologia e Hermenêutica (como também o fizeram, a seu modo, Heidegger e Gadamer), a proposta de Ricoeur vem a enriquecer a pesquisa qualitativa no que tange à forma de se aproximar da experiência vivida dos participantes, entendendo que a linguagem simbólica não impõe um obstáculo ao pesquisador, mas lhe soa como um convite para decifrar as expressões concretas e espontâneas desses sujeitos em seu cotidiano. Assim, a “coisa mesma” das experiências não é aparente e direta, e só pode ser alcançada mediante um cuidadoso trabalho de interpretação, que decifra os diversos sentidos da linguagem. A preocupação hermenêutica, ademais, confere maior abangência ao modo como os fenômenos em estudos são vistos (Holanda, 2006) e leva em consideração o horizonte linguístico-histórico-cultural dos sujeitos e porquanto a experiência vivida é marcada pelos efeitos desse mesmo horizonte (como frisa o conceito gadameriano de “história efetual”). Para tanto, é preciso que o pesquisador lance mão dos recursos oferecidos pelo diálogo com diversos saberes, o que será explorado a seguir.

Hermenêutica fenomenológica como um projeto interdisciplinar

Veementemente contra o “narcisismo filosófico”, Ricoeur diz que “a filosofia morre se se interrompe seu diálogo milenar com as ciências, sejam as ciências matemáticas, as ciências da natureza ou as ciências humanas” (1995/1997, p. 64). Para ele, é a própria pergunta ontológica “quem é o ser humano?” que não comporta respostas imediatas e resumidas, e exige percorrer um caminho cheio de desvios pelos mais variados pensadores e campos do saber que se põem a interpretar os signos humanos, tanto privados (âmbito psíquico) como públicos (âmbito cultural). É por isso que a filosofia ricoeuriana assume métodos e pressupostos de saberes tão diversos como a Linguística, a Sociologia, o Estruturalismo, a Psicanálise e a Historiografia (Ricoeur, 2003).

Em consonância com Filosofia Reflexiva de Nabert – cujo foco não é exclusivo na cognição, mas se estende aos afetos e atos humanos –, Ricoeur afirma que toda auto-compreensão humana é possível “somente através da *via longa* dos sinais de humanidade depositados nas obras culturais” (Ricoeur, 1994, p. 19, grifo nosso), de modo que não se dá pela via curta da consciência, senão por meio do discurso (falado ou escrito) e das obras. O esforço da consciência de si – ou, noutras palavras, o si da consciência – é, então, mediado pelas suas obras, que são espelhos do *ego sum* (“eu sou”), e isso muda a concepção de subjetividade, à medida que supõe um sujeito que esforça para perseverar no ser (tema espinoziano do *conatus*) e não somente pensa, mas sente e se descobre dotado de inúmeras capacidades. Dessa forma,

o sujeito que se interpreta ao interpretar os signos já não é o *Cogito*: é um existente que descobre, pela exegese da sua vida, que está posto no ser antes ainda de que se situe e se possua. Assim, a hermenêutica deveria descobrir um modo de existir que fosse, de cabo a cabo, *ser-interpretado*. (Ricoeur, 1969/2003, p. 16, grifo do autor)

Assim, a “*via longa*” ricoeuriana se desenvolve deliberadamente com “largos desvios” cujo objetivo é estabelecer uma “linha virtual que liga pontos singulares” de sistemas filosóficos e ciências diversas, como justifica em sua *Autobiografia Intelectual* (Ricoeur, 1995/1997, p. 102). Sua confessada “obsessão pela reconciliação” (Ricoeur, 1998, p. 61) se inspira em Habermas e visa a colher suas contribuições, sem ignorar nem eliminar as diferenças entre os campos, em total aversão “ecletismos preguiçosos que são a caricatura do pensamento” (1969/2003, p. 163). Por conta dessa peculiaridade, teóricos caracterizam o pensamento ricoeuriano como uma “filosofia do desvio” (Greisch, 2006) ou até mesmo uma “paixão do desvio” que faz de sua via longa uma espiral cheia de torsões (Mongin, 1994). Isso

permite entender porque Ricoeur manteve firme seu propósito de confrontar-se com campos tão diversos que desafiassem seu pensamento e imprimissem novos rumos. Ao mesmo tempo, cada desvio não significou negação e abandono do caminho anterior, senão possibilidade para que o pensamento continuasse a fluir.

O caso da Psicanálise é emblemático nesse sentido: tratou-se de um desvio no iter ricoeuriano que não foi nem único nem accidental e significou uma ruptura não com a Fenomenologia ou com Husserl como um todo, mas com a postura idealista que conduziria fatalmente ao narcisismo egológico. Isso ocorreu com o estudo intenso da obra de Freud a partir de 1960 que culminou no livro *Da interpretação* em 1965 e conferiu mais projeção a Ricoeur. Ali, ele propôs uma leitura alternativa da Psicanálise ao reconhecer nela um “discurso misto”, constituído pela dialética entre arqueologia (centrada na questão naturalista das pulsões) e teleologia (centrada na questão do sentido, que seria a tarefa do processo analítico enquanto interpretação da “semântica do desejo” expressa em sonhos e sintomas). Além disso, essa leitura filosófica de Freud pôs em evidência o caráter antifenomenológico da metapsicologia, uma espécie de “*epoché invertida*” – ou seja, que destaca não a redução à consciência, mas a redução *da* consciência por causa do inconsciente:

A primeira verdade — *existo, penso* — permanece tão abstrata e vazia quanto insuperável. Precisa ser “mediatizada” pelas representações, pelas ações, pelas obras, pelas instituições e pelos monumentos que a objetivam. É nesses objetos, no sentido mais amplo do termo, que o Ego deve perder-se e reencontrar-se. (Ricoeur, 1965/1977, p. 46).

Com isso, Ricoeur percebe na Psicanálise uma ampliação e problematização do próprio entendimento de sujeito, que já não é o que pensa ser. E dessa nova noção de subjetividade derivou também a de interpretação e de textualidade, que permitiu tomar “a psique como um texto a ser decifrado” (Ricoeur, 1981/2016, p. 218). Sem negar o “choque” inicial que sentiu, Ricoeur (1969/2003) passou a integrar essas novidades ao seu próprio projeto filosófico, apercebido de que “o problema da consciência é tão obscuro quanto o problema do inconsciente” (1969/2003, p. 95), seu projeto se afasta do intento cartesiano e husserliano de reduzir o mundo à consciência pura do *ego cogito* (eu penso) em prol da busca pela consciência “possível” do *ego sum* (eu sou) por meio do trabalho de interpretação simbólica da linguagem (Pinto, 2015; Ricoeur, 1975/2000, 1983/2010a).

Ricoeur também diferencia duas grandes tradições hermenêuticas, e dialoga igualmente com as duas. Uma é a hermenêutica da restauração de sentido (caracterizada pela vontade de ouvir o sentido dos textos), tipificada nos fenomenólogos da religião e em Gadamer. Outra é a hermenêutica da suspeita, com autores que acompanham Freud no estilo

desmistificador (que desmascara a falsa consciência e desenvolve a arte da crítica), desde La Rochefoucauld (século XVII) até Nietzsche e Marx (Ricoeur, 1969/2003). Da mesma forma como a Psicanálise não foi uma breve passagem nem uma simples fase na obra ricoeuriana (Pinto, 2013), os outros mestres da suspeita também o marcaram de maneira significativa – não para restingir, mas para ampliar suas perspectivas, de modo a preservar um pensamento suficientemente livre para ser capaz de “cruzar Marx, sem segui-lo nem tampouco combatê-lo” (Ricoeur, 1990, p. 64).

No que tange à pesquisa qualitativa em Psicologia, uma das implicações mais evidentes do estilo interdisciplinar do aporte ricoeuriano é seu convite a superar preconceitos teóricos e visões dicotômicas (que possam tomar mentalismo e comportamentalismo, por exemplo, como mútua exclusão). Ao invés de assumir posturas unilaterais, suas ideias de “desvio” e de “via longa” supõem a necessidade de múltiplas abordagens e de abertura a saberes diversos para incrementar a interpretação dos fenômenos humanos, à medida que os problemas de pesquisa requeiram mais instrumentais teóricos. Ao mesmo tempo, toda precaução é necessária para que as pontes entre os saberes sejam construídas de forma rigorosa, num cuidadoso processo de tradução de uma língua para a outra, sem o qual há risco de incorrer em sincretismos teóricos e metodológicos que escondem contradições perigosas.

A linguagem como mediação

A via longa ricoeuriana busca na tradição hermenêutica os fundamentos para entender o papel fundamental da linguagem na existência e encontra em Schleiermacher (1768- 1834) a universalização da interpretação para toda atividade linguística. Com mais razão, é na função da linguagem como fixação das expressões de vida em Dilthey (1833-1911) que Ricoeur descobre o papel dos signos linguísticos já no nível mais fundamental, porquanto,

para ele, a objetivação começa muito cedo, desde a *interpretação de si mesmo*. O que eu sou para mim mesmo só pode ser atingido através das objetivações de minha própria vida. O conhecimento de si mesmo já é uma interpretação que não é mais fácil que a dos outros; provavelmente, é mais difícil, porque só me comprehendo a mim mesmo pelos sinais que dou de minha própria vida e que me são enviados pelos outros. Todo conhecimento de si é mediato, através de sinais e de obras. (Ricoeur, 1990, p. 27, grifo nosso)

Ricoeur atribui o aprofundamento do papel epistemológico e ontológico da linguagem a Heidegger e a Gadamer. No primeiro, ele reconhece a abertura da fenomenologia à interpretação por meio da linguagem, por apontar que é nela que os sentidos se esquecem e se dissimulam, exigindo um esforço investigativo para trazê-los a descoberto. Do segundo, ele toma o postulado da “dizibilidade” (*Sprachlichkeit*) de toda a experiência, enquanto entende

que o foco da hermenêutica é captar os sentidos das vivências humanas expressos na linguagem: “a experiência pode ser dita, exige ser dita. Levá-la à linguagem não é torná-la outra coisa, mas, articulando-a e desenvolvendo-a, fazê-la tornar-se ela mesma” (Ricoeur, 1986, p. 56).

Aquando do período em que lecionou em universidades dos EUA, o empirismo da Filosofia Analítica (típica de países anglo-saxônicos) levou Ricoeur (nativo da Filosofia Continental) a defender os pressupostos fenomenológicos da acusação de mentalismo e subjetivismo. Ele mostrou que o que é comunicado num discurso qualquer não são estados mentais, mas conteúdos noéticos – isto é, a junção da intenção subjetiva com a significação objetiva – pelos quais uma parte das vivências de cada um é conduzida ao *logos* (cujas unidades mais básicas não são as palavras, mas as frases, enquanto cópula de sujeito e predicado). “O psíquico, em uma palavra, é a solidão da vida que, com intermitência, o milagre do discurso vem a socorrer” (Ricoeur, 1989, p. 88). O diálogo com os filósofos analíticos imprimiu na obra ricoeuriana a atenção às ressonâncias semânticas (relação entre linguagem e mundo) e pragmáticas (relação entre os interlocutores) de cada discurso.

Como é impossível ao sujeito humano conhecer-se de maneira puramente direta e introspectiva, e como a complexidade de suas experiências é tamanha que a linguagem direta, literal e descriptiva é incapaz de abranger, é preciso uma via de compreensão indireta, por meio de símbolos, metáforas e narrativas, como aparece em *A metáfora viva* (1975/2000) e nos três volumes de *Tempo e Narrativa* (de 1983 a 1985). Neles, Ricoeur trava um debate frutuoso com linguistas, historiadores e sociólogos e aprofunda o entendimento da linguagem não somente em seu poder expressivo, mas criativo, enquanto constitutivo e (re)modelador das experiências.

A ligação secular entre hermenêutica e exegese de textos – originalmente as escrituras sagradas judaico-cristãs e, posteriormente, textos jurídicos e romances modernos – continua em Ricoeur (1986) por meio do valor que ele confere ao paradigma da interpretação textual. Se “a hermenêutica começa onde o diálogo acaba” (Ricoeur 2000/2013, p. 50), é o texto que inaugura propriamente o problema da interpretação na teoria ricoeuriana porque, ao mesmo tempo em que seu autor já não está disponível para esclarecer o que quis dizer numa frase qualquer – como ocorre normalmente numa conversa – a escrita confere uma autonomia semântica ao discurso, tornando-o tão objetivo e distinto de seu autor quanto uma obra de arte com relação a seu artesão. Ao objetivar-se na escrita, mais do que o *Unwelt* (ambiente) dum

conversa ao vivo, o discurso passa a ter um *Welt* (mundo), o “mundo do texto”, que é projetado para o leitor (2000/2013). Ademais, Ricoeur alarga a noção de textualidade, ao defender a possibilidade de se interpretar não somente textos em sentido estrito, mas tudo aquilo que pode ser lido *como* um texto – incluindo as ações significativas (ou comportamentos, em termos psicológicos), como “quase textos” que são (Ricoeur, 1997) – o que permitiria chamar de hermenêutico ao próprio campo das Ciências Sociais (Ricoeur, 1973; 1990).

No enquadramento das pesquisas qualitativas em Psicologia, a proposição ricoeuriana da linguagem como discurso e como mediação marca sua distinção com relação a pesquisas de outras matrizes. À diferença das pesquisas estruturalistas, Ricoeur não se limita a buscar as estruturas subjacentes em um dado texto, como um sistema fechado e absoluto, mas procura suas proposições de mundo, ou seja, os sentidos e as referências abertos por esse texto único. Também apresenta distinções muito significativas com relação à Análise de Conteúdo (popularizada por Bardin) por discordar que a linguagem seja transparente e que os sentidos se expressem em palavras isoladas; por outro lado, a opacidade linguística enfatizada pela Análise de Discurso (de Pêcheux) traz também o total assujeitamento do indivíduo ao coletivo e o apagamento do dito no dizer social (Caregnato & Mutti, 2006), o que contraria os pressupostos de uma fenomenologia hermenêutica, para a qual não há ruptura, mas dialética, entre experiência e enunciado: a linguagem brota do mundo e a ele retorna.

Interpretação e círculos hermenêuticos

Como foi visto nas seções precedentes, a hermenêutica ricoeuriana reconhece o valor do código linguístico, mas não o absolutiza. Se “interpretar” não se restringe ao aspecto *objetivo* dos textos, será então que se voltaria unicamente ao aspecto *subjetivo*? A resposta também será negativa, pelos motivos apresentados a seguir.

Para Ricoeur, a finalidade da interpretação não coincide com a hermenêutica romântica, típica de Schleiermacher, cuja tese da congenialidade dos espíritos supunha ser possível acessar, por um texto, a própria psique de seu autor e entendê-la melhor do que ele próprio a entendia. Outra distinção da interpretação na perspectiva ricoeuriana é que ela não coincide com a concepção psicologizante e historicizante da hermenêutica de Dilthey, o qual identifica interpretar e compreender quando afirma que “nós *explicamos* a natureza, nós *compreendemos* a vida psíquica” (Dilthey, 1977, p. 27, grifo nosso), abrindo um abismo entre os fatos apresentados à consciência a partir de dentro (a experiência interna, a história e a

sociedade), e os fatos apresentados a partir de fora. Segundo Ricoeur, nem mesmo Gadamer (1900-2002) teria conseguido conjugar compreensão e explicação, apesar de aparecerem juntas no título da grande obra *Verdade e método*, publicada em 1960. Dessa forma, explicar e compreender formariam uma dicotomia sedimentada nas ciências e com grandes implicações não somente epistemológicas, mas ontológicas (Ricoeur, 2000/2013).

A solução de Ricoeur é propor que compreensão e explicação não têm uma relação de antinomia, mas de complementaridade. Desse modo, ao que Dilthey e Gadamer separavam, Ricoeur une num único círculo hermenêutico: interpretação nada mais é do que a dialética entre compreensão e explicação – o que ele consagrou no mote “explicar mais para compreender melhor” (Ricoeur, 1995/1997, p. 53). Interpretar é passar de uma compreensão ingênua de um texto (das conjecturas, isto é, adivinhações do sentido global de um texto) para a sua explicação (a decomposição do texto em proposições e significados, a fim de validar os sentidos conjecturados), chegando, por fim, a uma nova compreensão do texto, muito mais profunda do que aquela inicial. Da mesma forma como uma obra artística ou a anatomia de um animal, parte e todo de um texto compõem uma relação de reciprocidade, de modo que uma não pode ser vista sem a outra.

Outro círculo hermenêutico é formado pela conjectura e validação. O intérprete faz conjecturas (suposições ou adivinhações, na linguagem de Schleiermacher) sobre o sentido do texto, que variam conforme o relê a partir de outras perspectivas (assim como se vê um cubo mágico de vários lados). Essas suposições são, então, validadas: são submetidas à prova, não em termos de uma verificação empírica, mas de uma lógica da probabilidade muito semelhante aos critérios de falseabilidade que Popper supusera para testar hipóteses e teorias. Não há regras para um intérprete fazer conjecturas, mas sua validação (Ricoeur, 1981/2016, p. 172) é delimitada pelas próprias possibilidades do texto. É o círculo hermenêutico constituído por compreensão e conjectura do lado subjetivo, e por explicação e validação do lado objetivo, que garante um “conhecimento científico do texto”: nem dogmática nem céтика, porque “uma interpretação deve não só ser provável, mas mais provável do que outra interpretação” (2000/2013, p. 111).

Por fim, o último elemento a completar a teoria da leitura e da interpretação em Ricoeur é a apropriação, que, por sua vez, forma um círculo hermenêutico com a distanciamento. Apropriar-se é tornar familiar o que era distante e estranho: o “mundo do texto” (Ricoeur, 1990, 2000/2013), isto é, o sentido ou a direção do pensamento que ali se expressa – o “modo

de ser” (Heidegger⁹) ou a “forma de vida” (Wittgenstein) – enquanto maneira peculiar de olhar o mundo que o texto apresenta. O sentido já pertence ao texto, de modo que não é criado, mas desvelado pelo intérprete no ato mesmo de interpretar. Contra qualquer *hybris*¹⁰ manifesta na pretensão de produzir interpretações absolutas ou de subjugar a “coisa do texto” pela subjetividade do intérprete, Ricoeur (1986) pontua que “toda interpretação coloca o intérprete *in media res* e jamais no começo ou no fim” (p. 48), indicando que o ato de interpretar é dinâmico e demanda um esforço contínuo.

Ora, os círculos hermenêuticos da proposta ricoeuriana, que transformam dilemas costumeiros em dialética, ressoam na pesquisa em Psicologia na medida em que ajudam a superar certos preconceitos metodológicos. É o caso da preferência quase unânime até recentemente na pesquisa qualitativa ao termo “análise” ao invés de “interpretação”, na tentativa de colocá-la em pé de igualdade com a pesquisa quantitativa e de ser mais associada ao trabalho científico que artístico (Willig, 2017). A reflexão de Ricoeur mostra que a análise não pode ser superior à interpretação, porque esta pressupõe aquela e a incrementa com a compreensão, o que valoriza a instância metódica sem incorrer na sua absolutização.

Além disso, o entendimento que Ricoeur tem do ato de interpretar permite pensar tanto o limite como o alcance do poder investigativo do pesquisador. Limite enquanto desilusão de um poder mágico de acessar diretamente a psique dos participantes, bem como da pretensão de tomar a interpretação como algo infalível. E alcance porque previne a interpretação de cair no relativismo e na arbitrariedade – que é o maior risco da interpretação de base gadameriana, por carecer do momento da explicação-validation (Schmidt, 2006). Da mesma forma, os círculos hermenêuticos absolvem a interpretação de estar sob total poder do intérprete, porque mostram que sua tarefa é mais modesta: ser um descobridor do que ali já se encontra. Dessa forma, a postura vigilante do pesquisador no plano epistemológico reverbera também nos planos ético e ontológico: como respeito à reserva de alteridade dos participantes e dos

⁹ Apropriação, compreensão e círculo hermenêutico também são tematizados na obra de Heidegger. Ele aponta para uma compreensão anterior aos saberes (a pré-compreensão), a qual tem caráter mais prático, como um modo de ser e de lidar com as coisas. Interpretação (*Auslegung*) e compreensão (*Verstehen*) formariam um círculo hermenêutico: o *Dasein* se comprehende pelo cuidado (*Sorge*) para com seu próprio ser e se interpreta – ou seja, esclarece essa compreensão, elabora-a criticamente (para desfazer seus possíveis equívocos) e dela se apropria (Heidegger, 2005). Com isso, Heidegger vem a promover o giro existencial da Hermenêutica à medida que abandona o paradigma textual (dos livros sagrados, jurídicos e literários) e a preocupação epistemológica de Schleiermacher e Dilthey, passando a entender a própria existência como *ens hermeneuticum*, ser hermenêutico (Grondin, 1999; 2008). Do quanto se viu até aqui e do quanto se há de ver nas próximas seções, é possível entender que Ricoeur também une Fenomenologia e Hermenêutica, como o fez Heidegger; porém, diferente dele, não se atém à preocupação existencial, aliando-lhe também a preocupação epistemológica.

¹⁰ A desmedida das tragédias gregas.

fenômenos investigados, que ocupam uma posição de prioridade com relação aos métodos. Dessa forma, pode-se evitar mais facilmente a armadilha da “metodolatria” a que também as pesquisas qualitativas estão expostas (Brinkmann, Jacobsen & Kristiansen, 2014).

Narrativa e identidade

A já citada trilogia *Tempo e Narrativa* é ponto de referência de muitos teóricos da Análise ou Pesquisa Narrativa, como já se viu na segunda seção. A tese da trilogia é que o tempo só se torna humano na e pela narrativa, sem a qual as experiências vividas permaneceriam dispersas e ininteligíveis. Ricoeur recorre aos conceitos aristotélicos de *mythos* (composição da intriga ou enredo) e de *mimesis* (imitação) para mostrar que, quando se conta uma história (seja ela histórica ou fictícia), as experiências são agenciadas numa síntese do heterogêneo, assumindo uma configuração temporal que permite que sejam acompanhadas (1983/2010a).

Dessa forma, a narrativa imita a vida, mas não se trata de uma imitação simples ou mera representação. Antes, consiste numa “imitação criativa” porque a *mimesis* funciona como uma metáfora da realidade (Ricoeur, 1981/2016). A estrutura mimética é triádica: a *mimesis* 1 corresponde à prefiguração narrativa, enquanto “história ainda não contada” ou pré-compreensão na qual todas as pessoas se movem e realizam suas experiências. Ela oferece os elementos para a *mimesis* 2, que é configuração narrativa pela qual as experiências são organizadas na forma de um enredo, num ato poético (*poiesis*) que promove a “síntese do heterogêneo” com começo, meio e fim. Finalmente, a *mimesis* 3 é a etapa da reconfiguração, quando o processo de leitura desse enredo reconduz à *mimesis* 1, formando um ciclo virtuoso e espiral (Ricoeur, 1983/2010a). Assim, a narrativa possui uma natureza tanto ficcional (porque poética) como factual (porque tem a realidade por referência).

O corolário da referida obra é o conceito de “identidade narrativa”, que é inspirado na Psicanálise freudiana – particularmente na prática clínica da *talking cure* ou perlaboração, pela qual os fragmentos desconexos e insuportáveis da vida do analisando são substituídos por uma história aceitável, da mesma forma como um historiador descreve e retifica narrativas anteriores de um grupo, de uma instituição ou de um povo. Tanto no trabalho analítico como no historiográfico, “um sujeito se reconhece na história que ele conta para si mesmo sobre si mesmo” (Ricoeur, 1984/2010b, p. 420).

No conceito de identidade narrativa, Ricoeur propõe uma saída hermenêutica para o problema da identidade pessoal, que foi alvo de muitas discussões polarizadas na história da Filosofia mesmo em tempos mais recentes. De um lado, está Locke, que, mesmo negando a ideia de substância, supõe a identidade de um sujeito idêntico a si mesmo (como bem o traduz o termo inglês *same*) e oposto à alteridade e diversidade. De outro lado, estão Hume e Nietzsche, que denunciam a identidade como mera ilusão, dado que haveria apenas a diversidade. Resistindo a tomar partido de um ou outro polo, Ricoeur (1990/2014; 2004/2006) entende a subjetividade enquanto dialética entre a identidade-*idem* (a mesmidade de um *same*, *sameness*) a *identidade-ipse* (a ipseidade de um *self*, *selfhood*).

Diferentemente da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida. O sujeito aparece então constituído simultaneamente como leitor e como *scriptor* de sua própria vida, conforme o desejo de Proust. Como se comprova pela análise literária da autobiografia, *a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo*. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. (Ricoeur, 1984/2010b, p. 419, grifo nosso, exceto palavra latina).

Numa narrativa autobiográfica, o sujeito assume os papéis de leitor, narrador e personagem e, embora não seja ele próprio autor de sua existência, torna-se “coautor quanto ao sentido” (Ricoeur, 1990/2014, p. 172). Isso traz outra implicação: o ato de narrar-se coaduna retrospecção e prospecção, já que evoca não somente o ser-dado (situado no aqui e agora), mas também o poder-ser – a que Heidegger chamava de “projeção dos possíveis mais próximos”¹¹ –, de uma alteridade no coração da identidade.

Abrir-se aos imprevistos, aos novos encontros, faz parte de nossa identidade. A “identidade” de uma comunidade ou de um indivíduo é também uma identidade prospectiva. A identidade está em suspenso. Dela, por conseguinte, o elemento utópico é uma componente fundamental. O que denominamos “nós mesmos” é também aquilo que esperamos e aquilo que ainda não somos. (Ricoeur, 1997/2015, p. 363)

Análoga à noção gadameriana de tradicionalidade enquanto circularidade entre sedimentação e inovação, a identidade narrativa apresenta uma via de acesso à intrincada questão da subjetividade, não para solucionar, mas para tornar produtiva essa questão, da mesma forma como a narração faz com o problema do tempo. Mais tarde, a ideia ganhará outros desenvolvimentos no que Ricoeur chamou de “hermenêutica do si” em *Si mesmo como outro* (1990/2014) e em *Percuso do reconhecimento* (2004/2006), em que a identidade

¹¹ “A pre-sença [o *Dasein*, segundo uma das traduções portuguesas mais empregadas] é sempre ‘mais’ do que é de fato . . . o que significa dizer que aquilo que, em seu poder-ser, ela *ainda não* é, ela é existencialmente. Somente porque o ser do ‘pre’ recebe sua constituição da compreensão e de seu caráter projetivo, somente porque ele é tanto o que será quanto o que não será é e que ela pode, ao se compreender, dizer: ‘sê o que tu és!’” (Heidegger, 2005, p. 201, grifo do autor). Aí se encontra outro aspecto da interpretação para Heidegger: a elaboração das possibilidades do *Dasein* (Wrathall, 2013).

narrativa será explorada nos seus aspectos éticos (como condição para a ética devido ao desenvolvimento da *phronesis*, sabedoria prática), ontológicos (a identidade dinâmica em que alteridade está situada no âmago da ipseidade) e políticos (a luta pelo reconhecimento da própria identidade em várias instâncias).

Ao mesmo tempo, Ricoeur é consciente de que a narrativa não é uma panaceia, mas apresenta limites: 1) como qualquer enredo, a concordância nunca reina soberana sobre a discordância, de modo que todo relato autobiográfico apresenta instabilidade; 2) a identidade narrativa nunca esgota a ipseidade, seja enquanto identidade de uma pessoa ou de uma coletividade. A apologia à narrativa, portanto, jamais poderá perder de vista esse seu limite, o que não deixa de ser uma via purgativa à “pretensão do sujeito constituinte de dominar o sentido” (Ricoeur, 1984/2010b) – tentação de todo pesquisador.

Das várias camadas de sentido de uma história de vida – abordadas de maneiras tão diferentes como a Semiótica, a Fenomenologia ou Teoria do Discurso – a perspectiva da Hermenêutica tem sua peculiaridade ao supor que os significados são entendidos intersubjetivamente, *com e por meio* do outro (Plummer, 2001). A conexão que Ricoeur estabelece, desde a Filosofia, entre a narrativa e a identidade é explorada por vários campos, como a Sociologia, Antropologia e Linguística (Ritivoi, 2005). No caso específico das ciências e pesquisas psicológicas, o conceito de identidade narrativa postulado por Ricoeur foi incorporado por abordagens como a Psicologia Social, da Personalidade ou da Saúde, tendo exemplos como Dan McAdams, Donald Polkinghorne, Jefferson Singer, Jens Brockmeier, Jerome Bruner, Mark Freeman, Michael Murray, Olga Sodré etc.

Dentre as vantagens do conceito de identidade narrativa, está o entendimento de que ele está no âmago da questão da personalidade e enfoca a maneira como cada um confere sentido à sua vida (Singer, 2004) dentro de um panorama mais amplo, que é marcadamente social e cultural (Fonte, 2006). Ademais, o ponto de vista diacrônico que Ricoeur imprime à narrativa permite a consideração da condição histórica humana, o que é deixado de lado pela abordagem estruturalista (Pellauer, 2007). Como Freeman (2015) destaca, a abordagem original de Ricoeur aponta a narrativa como uma necessidade para a compreensão humana por uma razão metodológica, teórica e prática. Metodológica porque constitui uma via privilegiada às vidas humanas, como este estudo quer frisar; teórica porque permite entender a relação íntima com o tempo e a identidade de pessoas e coletividades; e prática, porque as histórias de vida não apenas *podem*, como *devem* ser contadas.

Considerações finais

Giro linguístico. Giro interpretativo. Giro narrativo. São tantas as inflexões da pesquisa qualitativa atualmente que o pesquisador que se aventure a desenvolvê-la pode facilmente se ver perdido diante da miríade de opções disponíveis. Dentre essas opções, uma pesquisa orientada mais intimamente pela obra de Ricoeur é capaz de reunir os principais elementos das duas abordagens que, como se viu nas seções dedicadas às tradições fenomenológicas e narrativas, irromperam e desenvolveram-se no mesmo *Zeitgeist* da segunda metade do século passado e que, amiúde, tomaram rumos apartados. Fenomenologia e Hermenêutica; compreensão e explicação; verdade e método; tradição e crítica; convicção e suspeita... O filósofo que prefere a adição à alternativa revela que não há caminhos curtos nem retos para desenvolver a arte de pensar de forma rigorosa, e de que o diálogo com saberes e autores diversos (como ele fez com Husserl e Freud) é possível e, antes, necessário. Para além dos seus princípios, quer-se tomar também sua atitude vigilante, avessa a sincretismos teóricos e comprometida com um respeitoso e criterioso trabalho de discernimento e de reconhecimento de semelhanças e diferenças.

Ultimamente, a reflexão acadêmica tem reconhecido que as pesquisas qualitativas são sempre hermenêuticas, ainda que implicitamente (Rennie, 2012), o que endossa o valor da obra ricoeuriana no aprofundamento teórico da pesquisa qualitativa. Binômios como indivíduo-sociedade, subjetivo-objetivo, subjetividade-alteridade, psicologismo-sociologismo, construtivismo-construcionismo que, não raro, são vistos como dicotomias (Arendt, 2003), Ricoeur os vê como dialéticos. Ao arguir que a realidade é ao mesmo tempo descoberta e construída, sua obra oferece uma alternativa profícua para pesquisadores em Psicologia que queiram aproximar-se do diálogo fenomenológico-hermenêutico sem ignorar a consciência cultural e política (como é o caso de Heidegger e Gadamer) e sem enfatizá-la tanto a ponto de desconsiderar a relevância das ciências empíricas (como Foucault e Derrida) (Sandage, Cook, Hill, Strawn & Reimer, 2008). Embora ainda num ritmo de crescimento discreto e sem gozar da mesma fama com relação a outros pensamentos filosóficos, os recursos de Ricoeur têm sido redescobertos por sua contribuição potencial para pesquisas psicológicas em geral (Melo, 2016) e para a Psicologia Social (Sodré, 2004) em particular. No campo da saúde, referências estritas à teoria ricoeuriana tem despontado em estudos na área da Enfermagem (Singsuriya, 2015) ou, de modo mais lato, na saúde coletiva (Onocko Campos & Furtado, 2008) e mental (Onocko-Campos et al., 2013).

Reflexões como a deste estudo podem ser encaradas como um esclarecimento de que o ato de pesquisar movimenta uma série de questões epistemológicas, metodológicas, ontológicas, éticas e políticas, e que ignorá-las é sacrificar um conhecimento tão valioso quanto qualquer resultado publicável. Na via longa de Ricoeur, o importante não é o ponto de chegada: o percurso inteiro é valioso, porque promove mudanças no próprio caminhante. Destarte, uma pesquisa qualitativa pautada pela teoria ricoeuriana destaca-se por várias notas essenciais: é fenomenológica, dado que visa à descrição da experiência tal como é vivida pelos participantes; é hermenêutica, posto que busca o sentido dessas experiências vividas em suas expressões simbólicas, interpretando-as mediante sucessivos círculos de interpretação; é narrativa, porquanto entende as histórias de vida como descoberta e construção da subjetividade. Com isso, Ricoeur mostra uma robustez teórica que não se erige como superior a nenhuma perspectiva teórica e metodológica no multifacetado campo da pesquisa qualitativa, senão vem a ampliá-lo e enriquecê-lo.

Dado o escopo deste estudo, considerações sobre os procedimentos para desenvolver uma pesquisa pautada pela hermenêutica fenomenológica ricoeuriana ficaram de lado. Apesar de já explorados por alguns pesquisadores, é possível e recomendável aprofundá-los em trabalhos ulteriores. Outrossim, dentro do objetivo aqui traçados, é possível que aspectos igualmente importantes em Ricoeur para a pesquisa qualitativa tenham sido negligenciados ou pouco destacados, também em razão do caráter multitemático de sua obra.

Lançar mão da contribuição de Ricoeur para aplicá-la na pesquisa qualitativa em Psicologia permanece como um desafio a ser mais bem desenvolvido. Assumi-lo há de ser tão penoso quanto promissor, dado que significará construir a própria narrativa do estudo de um determinado fenômeno, perfazendo uma *mise en intrigue* (colocação em enredo) e uma síntese do heterogêneo de uma série de pesquisas, leituras e releituras, com personagens, ações e peripécias próprias. Assim como a interpretação é significação (o ato mesmo da linguagem) antes que uma *techné* (técnica) para Aristóteles, e é uma *ars* (arte) antes que uma ciência no medievo, o pesquisador pautado pena Fenomenologia Hermenêutica ricoeuriana reconhece-se não apenas como um cientista, mas como um artista, de quem se espera a habilidade de contar a história de sua pesquisa.

Referências

- Abbagnano, N. (2006). *Storia della Filosofia: Vol. 7. Il pensiero contemporaneo. Dall'ermeneutica alla filosofia analitica*. Bergamo: Gruppo Editoriale L'Espresso.

- Arendt, R. J. J. (2003). Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 05-13. doi: 10.1590/S1413-294X2003000100002.
- Baerger, D. R., & McAdams, D. P. (1999). Life story coherence and its relation to psychological well-being. *Narrative Inquiry*, 9(1), 69-96. doi: 10.1075/ni.9.1.05bae
- Benwell, B., & Stokoe, E. (2006). *Discourse and Identity*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press.
- Bochner, A., & Riggs, N. A. (2014). Practicing Narrative Inquiry. In P. Leavy (Ed.), *The Oxford handbook of qualitative research* (pp.195-222). New York: Oxford University Press.
- Branco, P. C. C. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(2), 189-197.
- Brinkmann, S., Jacobsen, M. H., & Kristiansen, S. (2014). Historical Overview of Qualitative Research in the Social Sciences. In P. Leavy (Ed.). *The Oxford handbook of qualitative research*. (pp.17-42). New York: Oxford University Press.
- Brockmeier, J. (1997). Autobiography, narrative and the Freudian conception of life history. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 4, 175-200. doi: 10.1353/ppp.1997.0014
- Bruce, A., Beuthin, R., Sheilds, L., Molzahn, A., & Schick-Makarof, K. (2016). Narrative Research Evolving: Evolving Through Narrative Research. *International Journal of Qualitative Methods*, 15(1), 1-6. doi: 10.1177/1609406916659292
- Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge; London: Harvard University Press
- Bruner, J. (1987). Life as Narrative. *Social Research*, 54(1), 11-32.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. London: Harvard University Press
- Bruner, J. (1991). The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry*, 18(1), 1-21. doi: 10.1086/448619
- Bruner, J. (2001). Self-making and world-making. In J. Brockmeier & D. Carbaugh (Eds.), *Narrative and identity: Studies in autobiography, self and culture* (pp. 25-38). Philadelphia: John Benjamins.
- Bruner, J. (2002). *La fabbrica delle storie. Diritto, letteratura, vita*. Roma: Editori Laterza.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa - Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 15(4), 679-84.
- Carr, D. (1986). *Time, Narrative, and History*. Bloomington: Indiana University Press.

- Chamberlain, K., & Murray, M. (2008). Health Psychology. In C. Willig & Stainton-Rogers, W. (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology* (pp. 390-406). London: SAGE Publications.
- Coyle, A., & Murtagh, N. (2014). Qualitative approaches to research using Identity Process Theory. In R. Jaspal & Breakwell, G. M. (Ed.), *Identity Process Theory Identity, Social Action and Social Change* (pp. 41-64). Cambridge; New York: Cambridge University Press.
- Davidsen, A. S. (2013). Phenomenological Approaches in Psychology and Health Sciences. *Qualitative Research in Psychology*, 10(3), 318–339. doi: 10.1080/14780887.2011.608466
- Dilthey, W. (1977). *Descriptive Psychology and historical understanding*. The Hague (Netherlands): Martinus Nijhoff.
- Dowling, M., & Cooney, A. (2012) Research approaches related to phenomenology: negotiating a complex landscape. *Nurse Researcher*. 20(2), 21-27. doi: 10.7748/nr2012.11.20.2.21.c9440.
- Dwyer, R. & Emerald, E. (2017). Narrative Research in Practice: Navigating the Terrain. In R. Dwyer, I. Davis & E. Emerald (Eds.), *Narrative Research in Practice. Stories from the Field*. Singapore: Springer.
- Eatough, V. & Smith, J. (2017). Interpretative phenomenological analysis. In C. Willig & W. Rogers. *The SAGE Handbook of qualitative research in psychology* (pp. 193-209). City Road, London: SAGE Publications.
- Eisner, E. W. (2003). On the Art and Science of Qualitative Research in Psychology. In P. Camic, J. E. Rhodes & Yardley, L., *Qualitative research in Psychology expanding perspectives in methodology and design*. (pp. 17-29). Washington: American Psychological Association.
- Elliott, J. (2005). *Using Narrative in Social Research. Qualitative and Quantitative Approaches*. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Fonte, Carla A.. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: teoria e prática*, 8(2), 123-131.
- Freeman, M. (2015). Narrative as a Mode of Understanding. Method, Theory, Praxis. In De Fina, A., & Georgakopoulou, A., *The Handbook of Narrative Analysis* (pp.21-37). West Sussex (UK): Wiley Blackwell.
- Gagnebin, J. M. (1997). Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur. *Estudos avançados*, 11 (30), 261-272.
- Giorgi, Amedeo. (1978). *Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros.

- Giorgi, Amedeo. (2009). *The descriptive phenomenological method in Psychology. A modified Husserlian approach.* Pittsburg: Duquesne University Press.
- Giorgi, Amedeo. (2014). Sobre o método fenomenológico utilizado como método de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In J. Poupart et al. (Eds.), *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos.* Petrópolis: Vozes.
- González Rey, F.(Org.). (2011). *Subjetividade e saúde. Superando a clínica da patologia.* São Paulo: Cortez Editora.
- Greenhalgh T. (2016). *Cultural contexts of health: the use of narrative research in the health sector. Health Evidence Network synthesis report 49.* Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.
- Greisch, J. (2006). Vers quelle reconnaissance? *Revue de métaphysique et de morale*, 50, 149-171.
- Grondin, J. (1999). *Introdução à hermenêutica filosófica.* São Leopoldo/RS: Unisinos.
- Grondin, J. (2008). *Qué es la Hermenéutica?* Barcelona: Herder.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo.* (Pt. 1). (15a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Hiles, D., & Cermák, I. (2008). Narrative Psychology. In C. Willig & W. Stainton-Rogers (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology* (pp.146-164). London: SAGE Publications.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&tlang=pt.
- Houle, G. (2008). A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In J. Poupart, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Lapemère, R. Mayer & A. P. Pires, *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 317-334). (4a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Howitt, D. (2016). *Introduction to qualitative methods in Psychology* (3rd ed.). Harlow (UK): Pearson Education Limited.
- Husserl, E. (1970). *Logical investigations* (L. Findlay, Trans.). London: Routledge & Kegan Paul. (publicado originalmente em 1900-1901)
- Husserl, E. (1977). *Phenomenological Psychology. Lectures, summer semester, 1925.* The Hague: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (2008). *La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental.* Buenos Aires: Prometeo Libros. (publicado originalmente em 1936)
- Huttunen, R., Heikkinen, H. L. T., & Syrjälä, L. (Eds.). (2002). *Narrative research: voices of teachers and philosophers.* Jyväskylä (Finland): SoPhi.
- Hyvärinen, Matti (2010). Revisiting the Narrative Turns. *Life Writing*, 7:1, 69-82.

- Josselson, R. (2006). Narrative research and the challenge of accumulating knowledge. *Narrative Inquiry*, 16(1), 3–10. doi: 10.1075/ni.16.1.03jos
- Josselson, R., & Lieblich, A. (2002). A framework for Narrative Research proposals in Psychology. In R. Josselson, A. Lieblich & D. P. McAdams, *Up close and personal. The teaching and learning of Narrative Research* (pp. 258-274). Washington: American Psychological Association.
- Jovanović, G. (2011). Toward a social history of qualitative research. *History of the Human Sciences*, 24(2), 1–27. doi: 10.1177/0952695111399334
- Kearney, R. (2002). *On stories*. London; New York: Routledge.
- Kreiswirth, Martin. (1992). *Trusting the Tale: The Narrativist Turn in the Human Sciences*. New Literary History, 23, 629-657.
- Langdridge, D. *Phenomenological psychology: theory, research and method*. Harlow: Pearson Education Limited, 2007.
- Leavy,P. (Ed.). (2014). *The Oxford handbook of qualitative research*. New York: Oxford University Press.
- MacIntyre, A. (2007). *After Virtue*. (3rd ed.). Notre Dame, Indiana: Notre Dame University Press.
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. In O. John, R. Robins, & L. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 242-261). New York: Guilford Press.
- Maia, C. M., Germano, I. M. P., & Moura Jr., J. F. (2009). Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e psicologia narrativa. *Revista do NUFEN*, 1(2), 33-54.
- Melo, M. L. de A. (2016). Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. *Psicologia USP*, 27(2), 296-306. doi: 10.1590/0103-656420140071
- Minayo, M. C. de S.. (1996). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde* (4a ed.). São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Mongin, Olivier. (1994). *Paul Ricœur*. Paris: Seuil.
- Murray, M. (2003). Narrative psychology and narrative research. In P. M. Camic, J. E. Rhodes, & L. Yardley (Eds.), *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (pp. 95-112). Washington: American Psychological Association.
- Nussbaum, M. (1990). *Love's Knowledge: Essays on Philosophy and Literature*. New York: Oxford University Press.

- Onocko-Campos, R. T., & Furtado, J. P. (2008). Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, 42(6), 1090-1096. doi: 10.1590/S0034-89102008005000052
- Onocko-Campos, R. T., Palombini, A. de L., Leal, E., Serpa Junior, O. D. de, Baccari, I. O. P., Ferrer, A. L., Diaz, A. G., & Xavier, M. A. Z. (2013). Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2847-2857. doi: 10.1590/S1413-81232013001000009
- Parker, I. (2004). *Qualitative Psychology: Introducing Radical Research*. New York: Open University Press.
- Paufler, N. A., & Amrein-Beardsley, A. (2015). Jerome Bruner at the Helm: charting a new course in Cultural Psychology through narrative. In G. Marsico (Ed.), *Jerome S. Bruner beyond 100. Cultivating Possibilities*. (pp.185-195). Cham: Springer.
- Pellauer, D. (2007). *Ricoeur: a guide for the perplexed*. London; New York: Continuum.
- Pinto, W. C. F. (2013). Filosofia e psicanálise: sobre a interpretação filosófica de Freud realizada por Ricoeur. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, 4(8), 229-242.
- Pinto, W. C. F. (2015). Ricoeur leitor de Freud: notas sobre a questão do sujeito em Freud. *Peri*, Florianópolis, 7(1), 87-105.
- Plummer, K. (2001). *Documents of life 2. An Invitation to a Critical Humanism*. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications.
- Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, New York: Suny Press.
- Polkinghorne, D. E. (1995). Narrative configuration in qualitative analysis, *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 8(1), 5-23, doi:10.1080/0951839950080103
- Polkinghorne, D. E. (2005). Language and meaning: Data collection in qualitative research. *Journal of Counseling Psychology*, 52(2), 137-145. doi:10.1037/0022-0167.52.2.137
- Porter, E. J., & Cohen, M. Z. (2012). Phenomenology. In A. Trainor & E. Graue (Eds.), *Reviewing Qualitative Research in the Social Sciences* (pp. 180-196). New York: Taylor and Francis/Routledge.
- Rennie, D. L. (2012). Qualitative research as methodical hermeneutics. *Psychological Methods*, 17(3), 385-398. doi: 10.1037/a0029250
- Ricoeur, P. (1973). The model of the text: Meaningful action considered as a text. *New Literary History*, 5(1), 91-117.
- Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação. Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1965).
- Ricoeur, P. (1986). *Du texte à l'action. Essais d'Herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil.

- Ricoeur, P. (1989). Discurso y comunicación. *Universitas Philosophica*, 11/12, 67-88.
- Ricoeur, P. (1990). *Interpretação e ideologias*. (4a ed). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ricoeur, P. (1994). *Filosofia e linguaggio*. Milano: Edizioni Angelo Guerini e Associati.
- Ricoeur, P. (1997). *Autobiografía intelectual*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Publicado originalmente em 1995).
- Ricoeur, P. (1998). *Critique and conviction. Conversations with François Azouvi and Marc de Launay*. New York: Columbia University Press, 1998.
- Ricoeur, P. (2000). *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola. (Publicado originalmente em 1975)
- Ricoeur, P. (2003). *El conflicto de las interpretaciones. Ensayos de hermenéutica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina. (Publicado originalmente em 1969).
- Ricoeur, P. (2004). *Finitud y culpabilidad*. Madrid: Editorial Trotta. (Publicado originalmente em 1960).
- Ricoeur, P. (2010a). *Tempo e narrativa: Vol. 1. A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1983).
- Ricoeur, P. (2010b). *Tempo e narrativa: Vol. 3. O tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1984).
- Ricoeur, P. (2006). *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006. (Publicado originalmente em 2004).
- Ricoeur, P. (2009). *Na escola da Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes. (Publicado originalmente em 1986).
- Ricoeur, P. (2013). *Teoria da interpretação. O discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70. (Publicado originalmente em 2000).
- Ricoeur, P. (2014). *O si-mesmo como outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1990).
- Ricoeur, P. (2015). *Ideología e utopía*. Belo Horizonte: Autêntica. (Publicado originalmente em 1997).
- Ricoeur, P. (2016). *Hermeneutics and the human sciences*. (J. B. Thompson, Ed. & Trans.). Cambridge: Cambridge University Press. (Publicado originalmente em 1981).
- Riessman, C. K. (2008). Narrative Analysis. In L. M. Given, *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research methods*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Ritivoi, A. D. (2005). Identity and narrative. In D. Herman, M. Jahn & M.-L. Ryan, *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. London; New York: Routledge.
- Rorty, R. (1979). *Philosophy and the Mirror of Nature*. New Jersey: Princeton University Press.

- Rorty, R. (1991). Philosophers, Novelists and Intercultural Companions. In A. N. Balslev, *Cultural Otherness* (pp.103-125). Atlanta: Scholars Press.
- Sandage, S. J., Cook, K. V., Hill, P. C., Strawn, B. D., & Reimer, K. S. (2008). Hermeneutics and psychology: A review and dialectical model. *Review of General Psychology*, 12(4), 344-364. doi: 10.1037/1089-2680.12.4.344
- Sarbin, T. R. (1986). Narrative Psychology. The Storied Nature of Human Conduct. Westport: Praeger.
- Schmidt, L. K. (2006). *Understanding Hermeneutics*. Stocksfield: Acumen.
- Singer, J. A. (2004). Narrative identity and meaning-making across the adult lifespan: An introduction. *Journal of Personality*, 72, 437–459. doi: 10.1111/j.0022-3506.2004.00268.x
- Singsuriya, P. (2015). Nursing researchers' modifications of Ricoeur's hermeneutic phenomenology. *Nursing Inquiry*, 22(4), 348–358. doi: 10.1111/nin.12098
- Spence, D. P. (1982). Narrative truth and theoretical truth. *Psychoanalytic Quarterly*, 51, 43-69.
- Squire, C. (2008). Experience-centred and culturally-oriented approaches to narrative. In M. Andrews, C. Squire & M. Tamboukou (Eds.), *Doing Narrative Research* (pp.41-63). Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage Publications.
- Squire, C., Andrews, M., & Tamboukou, M. (2008). What is narrative research? In M. Andrews, C. Squire & M. Tamboukou (Eds.), *Doing Narrative Research* (pp.1-21). Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage Publications.
- Smith, B., & Sparkes, A. (2006). Narrative inquiry in Psychology: exploring the tensions within. *Qualitative Research in Psychology*, 3(3): 169–92. doi: 10.1191/1478088706qrp068oa
- Smith, J. A. (1996). Beyond the divide between cognition and discourse: Using Interpretative Phenomenological Analysis in Health Psychology. *Psychology and Health*, 11, 261 -271. doi: 10.1080/08870449608400256
- Smith, J. A. (2007). Hermeneutics, human sciences and health: linking theory and practice, *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 2(1), 3-11. doi: 10.1080/17482620601016120
- Sodré, O. (2004). Contribuição da fenomenologia hermenêutica para a psicologia social. *Psicologia USP*, 15(3), 55-80. doi: 10.1590/S0103-65642004000200004
- Tuffour, I. (2017). A critical overview of interpretative phenomenological analysis: a contemporary qualitative research approach. *Journal of Healthcare Communications*, 2(4), p. 52. doi: 10.4172/2472-1654.100093
- Vassilieva, Julia. (2016). *Narrative Psychology. Identity, Transformation and Ethics*. London: Palgrave Macmillan.

- Waters, T. E. A., & Fivush, R. (2015). Relations Between Narrative Coherence, Identity, and Psychological Well-being in Emerging Adulthood. *Journal of Personality*, 83(4), 441–451. doi: 10.1111/jopy.12120
- Wertz, F. J. (2011). A Phenomenological Psychological Approach to Trauma and Resilience. In F. J. Wertz, K. Charmaz, L. M. McMullen, R. Josselson, R. Anderson & E. McSpadden (Eds.), *Five ways of doing qualitative analysis: Phenomenological psychology, grounded theory, discourse analysis, narrative research, and intuitive inquiry* (pp. 124-164). New York: Guilford Press.
- Wertz, F. J., Charmaz, K., McMullen, L. M., Josselson, R., Anderson, R., & McSpadden, E. (Eds.). (2011). *Five ways of doing qualitative analysis: Phenomenological psychology, grounded theory, discourse analysis, narrative research, and intuitive inquiry*. New York: Guilford Press.
- Wrathall, M. A., & Murphrey M. (2013). An Overview of Being and Time. In M. A. Wrathall, *The Cambridge Companion to Heidegger's Being And Time* (pp. 1-53). New York: Cambridge University Press.
- Willig, C. (2013). *Introducing Qualitative Research in Psychology*. (3rd ed.). Maidenhead: Open University Press.
- Willig, C. (2017). Interpretation in qualitative research. In C. Willig & W. Rogers, *The SAGE Handbook of qualitative research in psychology* (pp. 274-288). City Road, London: SAGE Publications.

**NARRATIVAS QUE SAÍRAM DO ARMÁRIO: O RECONHECIMENTO
DA IDENTIDADE SEXUAL DE HOMENS GAYS EM CAMPO GRANDE**

Introdução

A identidade pode ser entendida como um autossenso de continuidade que envolve características físicas, psicológicas e interpessoais, num todo mais ou menos coerente de percepções, crenças, papéis e valores pelos quais cada um se reconhece e se relaciona consigo e com os demais (VandenBos, 2015). Ao mesmo tempo pessoal e pública, a identidade se dá de forma dinâmica, contextualizada e multidimensional (envolvendo aspectos como idade, etnia, nível socioeconômico, religião, gênero, sexualidade etc.).

A fim de evitar o uso indiscriminado de categorias que não raro assola o campo complexo da sexualidade (como certa confusão entre variáveis como identidade, comportamento e atração sexual) a APA (2009) frisa a distinção entre dois construtos: a orientação sexual e a identidade sexual, entendendo esta como auto-identificação e internalização daquela (que, por sua vez, refere-se a padrões de desejo e afeto ligados a impulsos fisiológicos à revelia de escolhas conscientes). Em outras palavras, a identidade sexual implica um processo consciente de reconhecimento das predisposições da orientação sexual (Worthington, 2002).

No que tange à identidade homossexual, sua conceituação é relativamente recente. Embora as relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo tenham sido reportadas em várias épocas e culturas com diferentes apreciações (Naphy, 2006) – que o Ocidente, a partir da era cristã, tornou negativas nas formas de pecado, crime e loucura nos discursos institucionais religiosos, jurídicos e médicos (Szasz, 1977) – foi a partir do século XIX que houve um deslocamento dos atos externos em direção à designação de uma forma de vida interior a uma nova espécie de indivíduo: o homossexual¹² (Foucault, 1978). Muito embora as práticas homossexuais fossem mais difundidas do que o senso comum assumisse – como revelaram os relatórios Kinsey¹³ a partir de 1948 (Gagnon, 1990; Murray, 2007) – a persistência da sua criminalização explica a possibilidade de se falar em identidade gay¹⁴ mais propriamente

¹² Atribui-se ao médico belga Benkert a invenção desse termo em 1867 (Plummer, 1995).

¹³ Os relatórios sobre comportamentos sexuais de homens e mulheres tiveram grande impacto na sociedade estadunidense de então, caracteristicamente conservadora e religiosa. Assim, “a sexualidade em mais amplo sentido saiu do armário” (Gagnon, 1990, p. 186) ao trazer à tona um vocabulário sexual antes impudicamente, além de revelar uma incidência muito mais comum do que se imaginava de masturbação, sexo extramarital e experiências homossexuais (passageiras ou exclusivas), vindo a espelhar o futuro de uma classe média em mutação. Deve-se pontuar, igualmente, que houve controvérsias que denunciaram a lisura dos propósitos e metodologias desses relatórios (Plummer, 2001).

¹⁴ Cass (1984) acusa uma dicotomia que já vigorava há algumas décadas entre identidade gay/homossexual, a qual, a rigor, não se sustenta. Por convenção terminológica assumida pela APA (1991), adota-se aqui a categoria “gay” para referir-se à identidade, bem como conserva a categoria “homossexual” para referir-se à orientação sexual e/ou ao comportamento.

somente a partir de 1969, quando se deu a invasão policial à boate nova-iorquina Stonewall (Worthington & Reynolds, 2009). Esse acontecimento e a consequente manifestação popular possibilitaram a passagem da homossexualidade vivida mais ou menos na clandestinidade para a luta por direitos civis de gays e lésbicas, promovendo um salto das comunidades em direção à multiplicação de movimentos dessas minorias (Taylor, Kaminski & Dugan, 2007) inspirados nas ações afirmativas de movimentos feministas e negros (Murray, 2007).

Os acontecimentos de Stonewall não são o zero absoluto da história gay contemporânea, a qual teve iniciativas significativas duas décadas antes (Chauncey, 1994) e está radicada mais amplamente no contexto sócio-histórico de urbanização e industrialização, bem como no pano de fundo filosófico-cultural de irrupção da identidade autônoma e instável difundida no pensamento pós-moderno. Contudo, é inconteste que Stonewall se tornou o mito fundador de uma nova era para identidades sexuais, as quais passaram a ser instadas a se revelar publicamente (Gagnon, 1990), vindo a influenciar outros contextos, como o Brasil¹⁵ (Parker, 1989). Dessa emergência do movimento de liberação gay, nascia um novo gênero narrativo: os relatos de “saída do armário”¹⁶ (Plummer, 1995). Em termos gerais, esses relatos se diferenciaram ao longo das décadas: das “velhas histórias” que enfatizavam o caráter culturalmente subversivo em relação ao predomínio heterossexual, a década de 1990 daria início a “novas histórias”, com tom mais integrativo (Richardson, 2004), a ponto de permitir falar no aparecimento dum a era “pós-gay” ultimamente (Savin-Williams, 2006), em que mesmo a categoria “queer” seja irrelevante e insignificante para muitas pessoas.

A metáfora da saída do armário se difundiu tanto na linguagem cotidiana como na científica, não sem sofrer inflação e equívocos (Orne, 2011), mas mantém uma ligação original com as minorias sexuais, que sofrem um tipo de dominação simbólica que condena à invisibilidade pública um estigma que, diferente da cor de pele ou da feminilidade, pode ou não ser exibido pelos sujeitos (Bourdieu, 2012), de modo que a imagem do armário representa a homofobia como não o faz em relação ao racismo e à misoginia (Sedgwick, 2007). Fundamentalmente, a saída do armário indica um processo significativo nas minorias sexuais

¹⁵ A modernização da vida sexual no Brasil a partir da década de 1970, por influência da subcultura gay em desenvolvimento nos EUA e Europa, iniciou particularmente em São Paulo e no Rio de Janeiro e veio a se mesclar – sem eliminar – a formas tradicionais, que eram mais regidas pela distinção entre desempenhar um papel ativo (associado ao masculino) ou passivo (associado ao feminino) na relação sexual do que pelo sexo da outra pessoa (Parker, 1989).

¹⁶ Chauncey (1994) precisa que o termo “*coming out (of the closet)*” foi importado da cultura dos bailes de debutantes, nos quais as moças eram apresentadas aos pares de dança, que representavam a sociedade. Por analogia, passou a referir-se a uma iniciação na sociedade homossexual, sobretudo no período anterior à Segunda Guerra. Somente mais tarde, o termo adquiriu o sentido que tem hoje, de revelação para um público mais amplo.

de reconhecimento da orientação sexual ou identidade de gênero¹⁷ (Barbara, Chaim, & Doctor, 2007; Goldman, 2008; Rust, 2003; VandenBos, 2015), processo esse em que a saída para si precede a saída para os outros (Reynolds & Hanjorgiris, 2000), e que essa, via de regra, ocorre alguns anos depois da apercepção dos desejos e sentimentos pelo mesmo sexo a partir da puberdade (Savin-Williams, 2001). Segundo a narrativa padrão (McQueen, 2015), a vida dentro do armário é descrita como insuportável, e sua saída se daria com a percepção de si mesmo e dos desejos como diferentes e não condizentes em relação aos demais, até chegar o momento de revelar isso a outra pessoa, culminando na sensação de alívio e completude quando o autoreconhecimento se alinha ao reconhecimento social.

Modelos de *coming out* se multiplicaram em torno da década de 1980 – como os modelos de Cass¹⁸ (1979; 1984), Coleman¹⁹ (1982), Troiden²⁰ (1989), e McCarn e Fassinger²¹ (1996) – num esforço epistemológico de entender o fenômeno na perspectiva do desenvolvimento e já não da patologia²², bem como ajudar na luta política das minorias sexuais. Apesar de representar um avanço, eles têm recebido críticas recentemente quanto à sua universalidade e/ou linearidade (Ali & Braden, 2015; Gervacio, 2012; Kenneady & Oswalt, 2014). Por isso, teóricos tem apontado limites na assunção dessa padronização das narrativas de saída do armário pelo campo científico, seja porque isso as rotula como traumáticas, como se fossem sempre difíceis (Riggle & Rostosky, 2012; Savin-Williams, 2001), ou românticas, como se a revelação pública pusesse um ponto final de uma batalha de auto-afirmação (McQueen, 2015).

Também são perceptíveis as tensões das várias áreas de investigação científica a respeito da identidade sexual, como a que opõe perspectivas essencialistas (tornar-se consciente de uma orientação sexual já estabelecida biologicamente) às sócio-construcionistas (processo de formação identitária ao mesmo tempo individual e social) (Birke, 2007; Horowitz & Newcomb, 2002). Outra polarização ocorre entre pesquisas que põem o acento no

¹⁷ A identidade de gênero refere-se à auto-identificação como homem ou mulher, com ambos ou com outras possibilidades. É o caso de terminologias como cisgênero (quando a identidade de gênero corresponde ao sexo biológico) ou como transgênero (quando não há essa correspondência) (APA, 2009; VandenBos, 2015).

¹⁸ Baseado em seis estágios: 1) confusão da identidade; 2) comparação da identidade; 3) tolerância da identidade; 4) aceitação da identidade; 5) orgulho da indenidade; e 6) síntese da identidade.

¹⁹ Baseado em cinco estágios: 1) pré-saída do armário; 2) saída do armário; 3) exploração; 4) primeiros relacionamentos; 5) integração.

²⁰ Modelo sociológico típico-ideal baseado em quatro estágios: 1) sensibilização; 2) confusão da identidade; 3) assunção da identidade; 4) comprometimento com a identidade.

²¹ Dois processos distintos de desenvolvimento da identidade (individual e grupal) com quatro fases cada um: 1) consciência; 2) exploração; 3) aprofundamento/comprometimento; 4) internalização/síntese.

²² Vide a introdução do manuscrito 1 para conferir mais informações sobre o movimento de despatologização da homossexualidade em organismos americanos e globais ligados aos campos psi e da saúde.

fenômeno de sair do armário como mormente íntimo – como fazem as teorias do desenvolvimento sexual (Cass, 1979) –, ou como eminentemente social do outro – polo em que Seidman (1993) situa os estudos sobre gênero, por razão da filiação a abordagens de cunho marxista ou pós-estruturalista, que dão ênfase a generalizações e desconstroem a identidade à medida que se negam a nomear o sujeito em vista da dominação das estruturas sociais – algo em que também Judith Butler incorreria segundo ele, por mais que se esforçasse em conciliar capacidades e limitações da identidade dos sujeitos.

O alerta que Savin-Williams (2001) fizera há quase duas décadas permanece atual: “pesquisas que tratam todos os indivíduos de minorias sexuais e seus pais como uma classe, como se estivessem seguindo um caminho de desenvolvimento idêntico, estão obscurecendo importantes processos de desenvolvimento” (p. 259). Por isso, reflexões recentes têm deixado de se concentrar unicamente em generalizações e modelos para enfocar trajetórias (Savin-Williams, 2006), de modo a compreender a formação da identidade sexual de maneira mais fluida e complexa, em consideração à auto-reflexão dos sujeitos (Richardson, 2004), às relações interpessoais (Ali & Barden, 2015; Morgan, 2013) e aos contextos histórico-culturais em que aparecem e se transformam (Plummer, 1995). Nesse sentido, as pesquisas de abordagem narrativa tem ganhado espaço no estudo da sexualidade para mostrar que a identidade sexual tem uma história por estar contextualizada no tempo (tanto presente, como passado e futuro) e no espaço, e cujos sentidos são subjetivos, intersubjetivos e sociais (Coleman-Fountain, 2014; Cohler & Hammack, 2009). Além disso, tal perspectiva escapa à polarização entre o essencialismo e o construcionismo (Hammack, 2005).

O presente estudo tem por objetivo investigar o reconhecimento da identidade sexual tanto em nível pessoal como interpessoal tal como é expresso nas narrativas daqueles que já realizaram, em maior ou menor grau, o processo de saída do armário. Para tanto, utilizam-se as contribuições da hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur – sobretudo sua teoria da interpretação, teoria narrativa e teoria do reconhecimento – num esforço de aplicá-las à pesquisa qualitativa.

Método

Este estudo emprega uma abordagem qualitativa para a coleta e análise dos dados, os quais foram interpretados segundo o método fenomenológico hermenêutico de Paul Ricoeur (2000/2013), por meio do qual as entrevistas são tomadas como textos que configuram as experiências vividas. Segundo a teoria da identidade narrativa (Ricoeur 1984/2010,

1990/2014, 2004/2006), as experiências vividas são organizadas de modo a formar uma história coerente na qual e pela qual seus sujeitos se reconhecem. Aqui, essa teoria enfoca as experiências relacionadas à sexualidade e ao reconhecimento da identidade gay (Hammack, Thompson & Pilecki, 2009; Meyer & Ouellette, 2009; Read, 2009).

Participantes

Foram critérios de inclusão dos participantes: (a) homens; (b) adultos; (c) que realizaram, em algum grau, o processo de saída do armário como gays. Foram escolhidos quatro participantes por conveniência, todos conhecidos do pesquisador e residentes na cidade de Campo Grande aquando da realização das entrevistas narrativas. A idade variou entre 21 e 42 anos. Três estão trabalhando regularmente e um é estudante.

Procedimentos Éticos

O Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) desta pesquisa é registrado sob o número 74460317.2.0000.5162. O Comitê de Ética em Pesquisa responsável emitiu parecer em 18 de setembro de 2017 considerando o estudo aprovado conforme a Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tiveram sua identidade preservada, passando a ser referidos por um nome fictício. Para evitar a identificação dos participantes, algumas informações, como sua profissão, são tratadas somente de modo genérico.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

As entrevistas narrativas duraram de 45 a 80 minutos e foram realizadas em local de comum acordo entre participante e pesquisador, primando-se por silêncio e reserva suficientes para que a narração não gerasse desconforto e pudesse ser gravada pelo aparelho celular. Após a explicação dos objetivos da pesquisa e esclarecimento de eventuais dúvidas, o participante era convidado a assinar o TCLE e a expressar seu relato, em cujo início era acionada a gravação. Em todos os casos, foi pedido que contassem, do modo que desejassem, seu processo de saída do armário. O pesquisador fazia perguntas apenas quando sentia a necessidade de elucidar algum acontecimento ou de obter informações adicionais sobre uma parte do relato. A gravação era interrompida com o final da entrevista, conforme o

participante julgasse ter relatado os pontos principais e/ou não houvesse mais perguntas por parte do pesquisador.

Procedimentos de análise de dados

Após a gravação da entrevista narrativa de cada participante, as falas foram transcritas e interpretadas conforme a teoria hermenêutica de Ricoeur (2000/2013) – passando da leitura superficial à profunda por meio de sucessivos círculos hermenêuticos – de modo a gerar textos narrativos. Os próprios textos constituem os resultados da pesquisa e seus elementos foram submetidos à discussão, conforme as seções seguintes o apresentam.

Resultados

Participante 1 – “Vou vivendo normal. Como se tudo tivesse normal, mesmo que talvez não esteja”

A narrativa do Participante 1 apresenta a infância como o momento em que se vê como alguém diferente de outros meninos em uma aldeia indígena no Mato Grosso. Aos 13 anos, por intermédio da irmã mais próxima, conhece e se aproxima de um rapaz mais velho e assumidamente gay. A relação de amizade permite o desenrolar de um forte movimento de identificação, no qual ele começa a se “descobrir”.

Eu tava muito confuso ainda, nem eu sabia o que eu era. A partir daquele momento eu comecei a conversar com ele, eu fui vendo que eu era e ele era, eu me identifiquei um pouco com o que ele era e comecei a me entender mais. Foi bem complicado no começo porque minha mãe era bem religiosa e ela não aceitava.

Na mesma idade, “meio que inocente”, tem a primeira experiência sexual com outro adolescente um pouco mais velho. Não considerou muito boa a experiência, mas tal acontecimento ganhou muita importância ao ser descoberto pela sua mãe, dando origem a uma série de brigas, agressões e expulsões de casa. Por mais que algum motivo de discordância entre eles não envolvesse a sexualidade, sua mãe “colocava a homossexualidade no meio e dizia ‘você é viado²³!’”, mas sem conseguir conversar francamente a respeito do tema, cujo conhecimento não foi, nem é, acompanhado de reconhecimento: “ela sabe que eu sou, mas não sei se ela me aceita. Mas ela me respeita”. Ainda hoje, o participante resiste em

²³ Apesar de haver alegações de que “viado” seja a forma reduzida de transviado, Green (2000) afirma que ela provém da palavra veado, e seja uma modificação que marca o caráter pejorativo do termo. Há registros com esse uso a partir da década de 1920.

tentar maiores avanços: “prefiro do jeito que tá para que não aconteça nada pior. Tenho medo de, sei lá, minha mãe reagir mal, passar mal”.

A visão negativa da homossexualidade é compartilhada pela maioria das pessoas da aldeia, que veem no fenômeno algo que não seria indígena, como que uma herança da colonização. Por isso, a mudança do participante para Campo Grande representou não apenas uma mudança no território, mas na mentalidade em que está inserido, o que criou condições favoráveis para se reconhecer em sua sexualidade de maneira mais ativa e profunda.

Eu comecei a me afirmar mais. Mudou muita coisa depois que eu vim pra cá. . . . Eu acho que foi essa relação com outras pessoas que tem um outro pensamento daquelas de lá. Por exemplo, meus professores, todos eles tem a mente bem aberta; eles me entendem como indígena, como sendo homossexual, e eles nunca ficaram colocando uma ideia que na aldeia iriam. Então eles foram fortalecendo ainda mais a me assumir e me identificar com quem eu sou e sem me importar com o que os outros falam. Hoje eu não me importo mais. Antes eu tinha medo.

O participante dá pouca relevância em seu relato à primeira vez em que se assumiu gay para uma pessoa desconhecida, por ocasião de uma viagem a estudos. Ele tampouco sente a necessidade de falar sobre sua sexualidade para todo mundo, já que considera “bem difícil não perceber”, e toma uma postura de cautela a respeito: “eu não converso; eu conheço bem a pessoa pra poder conversar sobre isso”. Dentre as pessoas de sua família, foi libertadora a experiência de se abrir para outra irmã, que lhe apresentava resistência outrora: “Foi este ano, ela falou que gostava de mim do jeito que eu era, que não era pra me preocupar mais com isso. . . . Ah, foi tão bom, ainda mais vindo dela! . . . Fiquei tão feliz. Parece que posso ter mais liberdade”. Mas o armário permanece para pessoas a quem ele considera homofóbicas, e não faz questão de tocar no assunto com mais familiares, já que parece estar “levando um problema, por mais que não seja”.

Em termos de reconhecimento no plano cultural, sente que as novas gerações da aldeia tem uma postura mais acolhedora do que a geração de sua mãe, e evoca um elemento que seu primeiro grande amigo lhe contara: “Antes da colonização já existiam homossexuais . . . pelo menos na nossa etnia. . . . Essa pessoa poderia cantar o canto das mulheres e, ao mesmo tempo, podia ver a parte que as mulheres não podiam, só os homens. Isso era normal”. Hoje, sente-se mais otimista com mais pessoas que assumem sua homossexualidade e sente que isso pode influenciar a maneira como gays são vistos em sua etnia.

Participante 2 – “Perdi muito tempo, o meu tempo, na verdade, pra construir minha história, minha vida”

Natural de uma cidade do interior paulista, o Participante 2 narra uma “infância castradora” marcada pelo isolamento já desde a pré-escola, quando se percebe diferente, e pela percepção negativa com relação às figuras masculinas da família, como o tio, o avô e, sobretudo, o pai, o qual preferia um filho *viado* a drogado. Mais tarde, seu comportamento foi explicado por um desequilíbrio hormonal, de modo que sua diferença foi interpretada como anormalidade e doença, “uma coisa que eles iam consertar”. Atribuiu pouco peso a uma tentativa de abuso sexual quando tinha 12 anos, já que a violência verbal e física em sua casa, empreendida pelo seu pai, compõe o cenário mais difícil com o qual teve que lidar. Sua estratégia consistiu em negar seus sentimentos para si mesmo – “eu achava que não era nada, era coisa da minha cabeça”.

Mas eu fui descobrindo mesmo... na adolescência, que a coisa vai ficando mais apertada, mais visceral, e você não tem como correr daquilo. Daí você se engana, você tenta, tenta, mas eu sempre fui muito impetuoso. . . Chegou uma hora que eu falei “não, não dá mais isso pra mim”. Foi quando, né, veio a sexualidade ali gritando. Eu falei “não posso, não vou me enganar!”

A vontade de maior autenticidade a respeito da sexualidade durante a adolescência não reverberou, porém, em sinais exteriores, que seguiram outra direção, como se vestisse um personagem: “Eu vivia uma história que não era minha. Eu vivia pra satisfazer o meu pai, ficava com meninas com 16, 17 anos pra mostrar pra ele que eu não era gay. Mas não gostava, não tinha tesão, não tinha vontade. Até transei com uma menina”. A dificuldade de se aceitar levou a uma sucessão de eventos negativos: tomou remédios, ficou internado, ficou um mês de castigo na fazenda, ficou deprimido, foi encaminhado para psicólogo e psiquiatra. Não viu outra saída senão mentir quando seu pai descobriu uma carta de amor de outro rapaz que lhe beijara tempos antes.

Finalmente, conseguiu reverter o antagonismo do pai a seu favor: a vontade de ver o filho fazendo Medicina tornou-se um pretexto para que ele se mudasse para São Paulo aos 17 anos: “foi uma questão de sobrevivência: ou eu sumia ou eu acabava comigo”. O dia em que “estava saindo . . . das correntes” foi experienciado ao mesmo tempo como mais triste e mais feliz de sua vida e representou um ponto de virada no protagonismo do reconhecimento de sua identidade.

Tive que sair do meio que eu vivia pra poder me assumir. Me assumir pra mim, né. Perante a família eu fui me assumindo pra minha mãe, meus irmãos, depois sobrinhos. Mas pro pai... pra parte masculina da família foi muito difícil. Até hoje fica na incógnita, se sou ou não sou, é ou não é, mas também não faço muita questão de esconder ou não.

A experiência de “ser mais um” em São Paulo e o amor de “conto de fadas” com “uma pessoa totalmente do bem” o ajudou muito no processo de autoaceitação, sem que, porém, chegasse a falar abertamente de sua sexualidade aos conhecidos. “Eu acho que a coisa era tão enraizada dentro de mim, de que eu tinha que esconder. Mesmo em São Paulo, mesmo morando com um cara, mesmo ninguém estando nem aí pra minha vida, eu não assumia pra eles”. A estratégia de se esconder se prolongava e era tanto mais forte quando voltava para sua cidade.

Além do companheiro, outra pessoa que o ajudou muito foi sua mãe, a quem sentiu como que uma necessidade de contar e de desfazer a “farsa”: “chorei muito, muito, muito . . .; eu queria que ela entendesse que não era uma opção, que eu era assim – eu sempre fui assim”. Ela não entendeu muito no começo, mas sempre o apoiou, diferente do outro irmão, que “fez um pai número dois”. Ao retornar a São Paulo, adoeceu, sentindo-se culpado por deixar a casa; a terapia o ajudou e conseguiu lidar melhor com as questões por volta de 19 ou 20 anos. Mas, diante do pai, o armário ainda continua entreaberto, sem pretensão de ser escancarado tão em breve. Existe a vontade de conversar sobre, mas o não-resolvido permanece porque a revelação parece não compensar os riscos.

Na hora que eu acho, que eu tô ali, que ele está sabendo, ele regride, assim, até umas brincadeiras que eu vou falar, assim, relacionado a sexo ou gay, ele não aceita que eu fale, ele nem dá chance. Então, assim, claro que ele está cheio de problemas, Alzheimer, todo ferrado, não vejo por que... Passei todo esse tempo aí, né, sei lá, ele se enganando, eu enganando ele... Por que eu vou falar isso agora? Eu acho que não vai mudar nada, pelo contrário vai fazer sofrer mais ainda, porque ele não dá abertura, ele não quer saber. Ele me cutuca, mas, na hora que eu vou falar, ele não quer ouvir, então, assim, já fiz isso, já fiz esses testes. . . . Ele não quer ter certeza. . . . Hoje não tenho, nem penso mais, nem penso em afrontá-lo dessa maneira porque eu acho que ele não quer. Acho, não, tenho certeza: ele não quer saber da minha boca de jeito nenhum.

De alguma forma, o que ele vivencia com o pai se replica ainda hoje no modo de se relacionar com outras pessoas: “apesar de não ser tão discreto, mas eu sou aquele gay assumido mas discreto, entendeu? . . . Às vezes eu deixo uma incógnita”. Exceto para as pessoas que estão próximas, não sente necessidade de “colocar um luminoso” nem “gritar para o mundo” sobre sua sexualidade. Também a esfera dos primeiros relacionamentos íntimos – sempre com homens mais velhos – repercutia a dificuldade com o pai: “era um pai

que eu procurava na verdade. E foi assim um bom tempo. . . . Eu saí, me abri pro mundo, mas já caí numa história, num relacionamento, fui ver a história do outro.”

Participante 3 – “Eu criei grades eu me coloquei nessa jaula, tranquei e joguei a chave fora”

O Participante 3 percebia “coisas diferentes” desde criança. Sem uma referência masculina dentro de casa em virtude da separação dos pais, sentia vergonha pelo corpo magro e tinha curiosidade pelo corpo de outros garotos na pré-adolescência, passando a espiá-los em algumas ocasiões e a ouvir xingamentos como “*viado*” por isso. Por questões religiosas, temia tanto frustrar sua família como receber uma punição divina, e passou a negar seus sentimentos como algo pecaminoso. Aos 12 anos sofreu um abuso sexual sistemático por parte do padrasto ao longo de quatro anos: “uma figura masculina que me violenta; então, parece que eu fiquei eu contando comigo”. O abuso só veio a complicar um processo já difícil de lidar com seus sentimentos, de modo que tudo foi vivenciado de maneira muito solitária e secreta: acostumou-se a viver “dentro do armário”, num “enjaulamento consigo mesmo” para se proteger.

Quando você se percebe que está numa jaula, você se percebe como anormal, como alguém que pode causar risco para os outros. Você é o *viado*, você que está ali dentro e todo mundo é normal e você não. Por isso que está ali dentro da jaula. E eu vejo . . . você acaba criando essa jaula pra você ficar, porque até certa forma, você dentro da jaula, você percebe que na verdade também está sendo protegido dos que estão lá fora. Apesar de todo mundo de fora o olhar que você é a ameaça, também, você cria uma limitação aí pra ninguém invadir o seu espaço. Afinal você causa riscos, você causa medo nos outros, então quando você causa medo, desconforto nos outros, ninguém chega tão perto de você.

O namoro com uma menina desejada por outros pares durante o Ensino Médio fez bem para seu “ego”, mas só veio a ter a primeira experiência sexual com um rapaz que conheceu pela internet assim que iniciou a faculdade. De fato, a ida à faculdade representou um “momento libertador” que proporcionou o primeiro movimento de saída de casa, vindo a iniciar a terapia, que o ajudou a se aceitar e enfrentar seus medos, e a encontrar pessoas com quem se identifica por ter uma história de vida semelhante. Com os novos amigos, veio a liberdade de se expressar livremente e o “sentimento de ‘não estou sozinho’”: “É como . . . se eu tivesse percebido que eu não era o único para estar em extinção; perceber-se em uma manada; então, na manada eu me sentia mais forte”.

O ponto de virada se deu com a saída efetiva de casa aos 25 anos, a pretexto de ir morar com um amigo (na verdade, seu companheiro). Mudou-se enquanto a mãe dormia – “parece que eu fui de casa” –, numa estratégia para conseguir ter coragem de se assumir sem receber represálias:

Preferia me anular, anular, anular, aquilo que estava sentindo ou quem eu sou para que os outros pudessem ficar felizes. Então sair de casa é até um pouco não ficar agredido com isso porque não estou vendo a reação deles. Eu já estou fora de casa – não tem como eles me expulsaram de casa.

Porém, a saída de casa não significou liberação da jaula que, junto à violência sexual sofrida, são colocados como causas de um relacionamento amoroso abusivo: “A gente acaba aceitando porque a gente cresce durante muito tempo aí deixando os outros comandarem nossa vida também, falando que a gente tem que ficar nesse armário”.

Por volta do segundo ano fora da casa da família, sentiu-se em “em xeque” com sua família quando o tio, a mãe e o pai tomaram conhecimento de sua sexualidade por acaso, com uma aceitação problemática por parte de alguns, como o pai, que cortou relações por quatro anos. É ilustrativo o caso da mãe, ante a qual ainda sente haver “um elefante branco” desde quando ela descobriu vídeos seus com declarações de amor de outro homem: “existe ali o assunto, ela sabe, eu sei que ela sabe, a gente não conversa sobre”. Ao mesmo tempo, a reação dela é ambígua, posto que já foi capaz de brigar com o ex-marido para defender o filho. A avó foi a única a quem fez questão de contar pessoalmente, recebendo uma reação surpreendente que dissipou “vários fantasmas”:

Acho que o sentir acolhido em casa é o primeiro passo; . . . se eu fosse acolhido dentro da minha família – que é a permanente – esses outros – que são provisórios –, eu nem me importaria tanto assim. Então, minha avó foi a última neste ciclo saber, mas foi a mais importante. . . . Foi muito amorosa, carinhosa, a ponto de ela dizer ‘mas não mudou nada’ . . . Me deu muito poder essa fala dela, também para começar a enfrentar outras pessoas”.

Participante 4 – “Eu nunca fui refém de nada”

Na narrativa do Participante 4, a ausência de “grandes conflitos internos” o impedem de falar num momento específico de “saída do armário”. A sensação de que “alguma coisa acontecia” veio a partir dos cinco anos, por ter uma conduta diferente dos outros meninos. Atribui ao irmão e às amigas a garantia de “um ambiente protegido”, bem como à facilidade pessoal de formar vínculos com colegas e professores, que o ajudaram a não sofrer discriminação na escola ou na catequese.

A sexualidade começou a ser pensada a partir dos primeiros contatos íntimos, ainda de modo inocente, nas brincadeiras de “pegação” com um primo e nos contatos com homens mais velhos – com as quais lidou de forma tranquila, embora reconheça hoje como uma forma de abuso: “eu tinha conseguido lidar, estava bem, não tinha acontecido nada comigo, então é vida que segue”. Utilizou a internet como fonte de informação sobre sexualidade e de contato com outros homens. Começou as primeiras experiências “de verdade” com outros homens aos 18 anos, em geral mais velhos, já na faculdade, com nada mais do que beijos, e iniciou a vida sexual propriamente dita cerca de um ano mais tarde.

A primeira conversa a respeito de sua sexualidade aconteceu com a mãe após uma carta melodramática de um admirador apaixonado que ela descobriu.

Eu lembro que ela chamou meu pai: "vem aqui! Seu filho acabou de falar que gosta de homens" e assim por diante, Meu pai me olhou, falou assim: "e qual é o problema?" Me deu um abraço. Saiu. Ela ficou, assim, mais indignada, tipo: não vai falar nada, não vai fazer nada?

Por mais que a mãe considerasse importante ouvir da boca dele sobre sua sexualidade, ele a esclarecia que se tratava de uma necessidade unicamente dela. Lidou da mesma forma com outras pessoas e nunca achou necessário se assumir como gay ou como negro: “eu nunca achei que tem comunicar alguém sobre isso. Eu simplesmente vivenciava e pra mim estava tudo certo”. O lar ofereceu condições muito favoráveis:

Eu nunca tive problema de ninguém dormir em casa. Eu nunca apresentei ninguém pra minha família, por exemplo: "este é fulano, essa pessoa" e assim por diante. Então isso foi durante um bom tempo nesse aspecto: as pessoas, os caras com que me relacionava, eles iam na minha casa. Meu pai sempre foi uma pessoa muito tranquila: às vezes eu dormia um pouco mais e o menino estava lá com meu pai tomando café da manhã.

É só mais tarde, com 24 ou 25 anos, depois de ser convidado para lidar com a política LGBT, que ele sentiu a necessidade de pensar na sua própria identidade.

E aí eu vou começar a discutir isso; discutir, ler, pesquisar, compreender, pensar sobre. E aí que eu acho que eu construo a minha identidade, que eu vou entender do que o que é ser homossexual, do que é ser gay, ou do que é se relacionar sexual e afetivamente com homens, porque vou ter que discutir isso, falar sobre isso. . . . E aí eu acho que nesse momento que eu consigo me apropriar de quem eu sou na sua potencialidade.

As crenças pessoais o ajudaram a conciliar os planos da sexualidade e da religião, mesmo diante da preocupação dos reflexos de seu ativismo LGBT no meio eclesial: “eu achava que estava tudo certo, eu achava que se Deus tinha me feito dessa forma, era o que eu sentia, não teria problema nenhum”. Da mesma forma, nunca sentiu necessidade de fazer terapia devido à relação de sinceridade consigo mesmo:

Eu sempre tive uma conversa comigo mesmo. Qual é o meu medo, o que eu tô escondendo, qual é meu receio, o que eu quero, qual é minha intenção? Então eu sempre tentei trazer para o campo da lucidez tudo o que acontece dentro de mim e daí eu vou lidando com isso. E aparentemente eu fui conseguido lidar bem.

Diferente de muitas histórias que escuta na forma de lidar com as discriminações, considera-se protegido dessas pelo seu contexto – “não me afetava porque tinha grandes pessoas pra me defender” – e pelas suas habilidades pessoais – “eu sempre desenvolvi mecanismos de defesa, de lidar com a minha subjetividade desde o do que me chamava de ‘viadinho’ na escola”.

Eu acho que eu fui privilegiado não pelo ambiente, pela forma que eu fui absorvendo as coisas. Eu era muito tranquilo em relação a isso, não era um problema. Então tinham pessoas ali que se preocupavam comigo, de estar ali junto, de demonstrar apoio e assim por diante. . . . Mas, assim, o jeito que minha família lidava, sem dúvida, eu sou um privilegiado pra aquela época – pra até hoje – meu pai é militar, eu nunca tive problema nenhum com ele, pelo contrário. . . . Minha família nunca negou minha afetividade.

Para ele, a “saída do armário” como um “rito de passagem” indispensável desconsidera as trajetórias únicas de cada um. “É cultural o sofrimento que as pessoas passam. . . . É um fardo para algumas, pra outras não”. Apesar de sua história não ser um “parâmetro”, ele usa sua experiência para orientar que os jovens podem até omitir sua sexualidade dos demais, mas nunca de si mesmos: “você vai ocultando, você vai se acostumando a viver sofrimentos sozinho, a viver sofrimentos sozinho. . . . Sofrimento guardado . . . não vai dar um resultado bom pra eles”.

Discussão

Os quatro participantes situam na infância o início do reconhecimento dos primeiros traços de uma orientação sexual “diferente” e destacam a escola como ambiente em que essa percepção acontece. Assim como o relatório da APA (2009) indica não haver estudos que apontem estresse relacionado à orientação sexual per se em crianças, não é o sentir-se diferente, mas sim a reação dos demais em forma de “piadinhas” e xingamentos que veio a provocar os primeiros desconfortos nos participantes 2 e 3. Os outros não relatam reações negativas nesse momento porque sua diferença não era percebida (Participante 1) ou por encontrar ali um ambiente protegido (Participante 4).

Os relatos também confluem em apontar a adolescência e o começo da idade adulta como a etapa de vida em que a percepção de comportamentos atípicos iniciada na infância e as manifestações dos afetos e desejos sexuais trazem à tona a questão da identidade sexual – justamente na etapa em que o modelo psicossocial de Erikson situa a crise entre identidade e

confusão de identidade (McAdams & McLean, 2013). Junto às dúvidas comuns em torno da sexualidade nessa fase, eles têm de lidar com as expectativas dos familiares em torno de uma heterossexualidade presumida ou da suspeita da homossexualidade, o que impacta negativamente o bem estar desses indivíduos (Rosario & Schrimshaw, 2009). A dificuldade aí é que somente a identidade heterosexual é considerada natural e desejável pela família e pela sociedade (Ingraham, 2005), de modo que qualquer outra configuração é interpretada como uma falha no desenvolvimento (Isay, 1998), como se evidencia na suspeita de que o Participante 2 tivesse problemas hormonais – razão de ter sido encaminhado para acompanhamento médico, psiquiátrico e psicológico na tentativa de ajustá-lo.

A forma como acontece a saída do armário proporciona empenhos diferenciados para a questão da identidade. A sensação de vulnerabilidade e de exposição à discriminação aumenta com o fato de ser “saído”, isto é, de ser revelado como homossexual involuntariamente (Herek & Garnets, 2007) – acontecimento esse que aparece nas narrativas dos participantes 1, 2 e 3 a partir da descoberta da primeira relação sexual, de uma carta apaixonada ou de vídeos com declaração de amor respectivamente, inclusive com efetiva violência verbal e física que acompanharam a descoberta nos dois primeiros casos. A iniciativa dos participantes 2 e 3 de contar para pessoas que consideram muito significativas em suas vidas – a mãe do primeiro e a avó do último – e a tensão aí envolvida mostram como a auto-revelação é um momento crítico no desenvolvimento da autoestima e na aceitação da sexualidade, que implica um “risco calculado” (Coleman, 1982) capaz de direcionar uma maior ou menor abertura da pessoa a depender da reação de outrem. Segundo o relato do Participante 3, a reação inesperada da avó lhe confere “muito poder” para “enfrentar” outras pessoas.

O movimento de sair do armário para uma ou mais pessoas não representa, porém, resolução dos conflitos nem garante mais estabilidade à identidade de quem o empreende e “pode ser tão cheia de incerteza, confusão, ambiguidade e instabilidade quanto a vida ‘dentro’ do armário” (McQueen, 2015, p. 173). As pessoas de quem se recebe o primeiro amor são também as que costumam emitir os juízos mais duros – como o pai do Participante 3, que o rejeita e rompe relações por quatro anos – mas também são complexas e potencialmente ambíguas (Savin-Williams, 2001). A reação das mães dos participantes 1 e 3 ao hesitar em conversar a respeito da sexualidade permite ver que o mero conhecimento da orientação sexual dos filhos não implica necessariamente em seu reconhecimento. Ao mesmo tempo em

que existe um “elefante branco” entre o Participante 3 e sua mãe sobre o tema, ela foi capaz de brigar com o ex-marido por causa do filho.

Os relatos apresentam o ambiente doméstico como sede dos conflitos mais numerosos e intensos em torno do reconhecimento da identidade sexual, o que situa a “casa” como espaço marcado por contradições, desconstruindo a noção corrente de que ela seria um lugar da segurança e refúgio” (Soliva & Silva Junior, 2014, p. 146). A “saída do armário” de um membro pode vir a afetar todo o núcleo familiar, de modo que ele perde o status de família “normal” e “todo mundo ‘sai’” também (Savin-Williams, 2001). Um dos aspectos que relacionam a família a fatores negativos em outro estudo (Higa et. al., 2014) é o medo da expulsão do lar – que se efetivou no Participante 1 e foi motivo dos Participantes 2 e 3 para deixarem a casa antes de ser expulsos. De qualquer forma, essas três narrativas apontam a saída de casa (seja ou não por iniciativa própria) como algo importante para assumir a identidade sexual para si e, posteriormente, para outros. Os participantes 1 e 2, ademais, não apenas deixaram a casa, mas fizeram movimentos de mudança mais ampla da aldeia para uma capital e de uma cidade do interior para uma metrópole.

A narrativa do Participante 4 apresenta muitos aspectos divergentes dos demais participantes, sendo que ele próprio se reconhece como um “privilegiado”. O ambiente “protegido” encontrado no lar, na escola e na faculdade confirma a importância da atitude das famílias e do meio social no sentido de diminuir a rejeição e aumentar a aceitação, que impactam positivamente no bem-estar do sujeito (APA, 2009; Ghorayeb, 2012; Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016). Seu relato não apresenta um momento específico para a saída do armário em sua vida, de tão processual que fora, e corrobora a afirmação de que tal processo perde o caráter de evento nos contextos favoráveis à diversidade (Savin-Williams, 2001). Ao invés de frisar elementos de sofrimento e luta, seu relato consegue reunir todos os oito itens²⁴ que aparecem de maneira dispersa numa pesquisa sobre aspectos positivos de ser gay ou lésbica (Riggle & Rostosk, 2012).

A religião apresenta papéis dúbios no processo de reconhecimento. Ela é vivenciada como fonte de opressão externa (da parte da mãe e da aldeia) pelo Participante 1 e de opressão concomitantemente externa e interna para o Participante 3, cujo relato das primeiras apercepções de sua orientação mostra um conflito entre a congruência télica (viver de acordo

²⁴ Incremento da autoconsciência; sentir-selivre com relação a regras de gênero; experimentar fortes conexões emocionais com outros; explorar expressões de sexualidade; ter empatia e compaixão para com outrem; per um papel positivo e ativo na justiça social; pertencimento a uma comunidade LGBTQ.

com valores) e a congruência organísmica (APA, 2009). Por outro lado, assim como em outros estudos (Rosenkrantz, Rostosky, Riggle & Cook, 2016), a religião aparece como um elemento positivo nas histórias do mesmo Participante 3, que nela baseia o seu modelo de relacionamento, e do Participante 4, que não vê problema entre sua sexualidade e o engajamento religioso. Tanto a acolhida da comunidade de fé (Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017) como a maneira seletiva de lidar com dogmas e normas que entram em conflito com suas identificações (Dufour, 2000) podem contribuir para tal percepção.

Se a saída do armário para outras pessoas foi utilizada outrora como sinal de medida externa da saúde mental, hoje essa ligação não é tão mecânica, porque pode não ser ideal para todos a depender do contexto (Klein, Holtby, Cook & Travers, 2015), de modo a permitir dizer que o nível de revelação diz mais sobre a família do que sobre a pessoa de uma minoria sexual (Savin-Williams, 2001). Ademais, o armário é paradoxal (Adams, 2011), porque a segurança do seu interior carrega sentimentos de inautenticidade, enquanto o movimento de sair comporta uma série de riscos. Nesse sentido, é reveladora a maneira como o Participante 3 narra a “jaula” como algo que aprisiona, mas também protege, bem como a decisão do Participante 2 de romper a “farsa” para sua mãe, mas não para seu pai – apesar de toda a desconfiança dele – em consideração à sua saúde e idade.

Além de contestar a ideia de que a saída do armário seja um índice de desenvolvimento da identidade por si mesma, Reynolds e Hanjorgiris (2000) chamam a atenção para questões étnicas, religiosas e sócio-econômicas que suscitam outras identificações e que podem redundar em mais estigmas sociais (APA, 2009; Riggle & Rostosky, 2012; Velez, Moradi, & DeBlaere, 2015) ou mesmo entrar em conflito entre si (Meyer & Ouellette, 2009). Isso aparece particularmente nas narrativas dos Participantes 1, indígena, e 4, negro, com reporte mais negativo no primeiro caso, que sofre mais pela condição indígena na cidade e pela condição gay na aldeia – entendida como algo não-indígena, apesar de narrativas antigas o apresentarem de outras formas. Entretementes, o mesmo participante 1 se afirma: “sou homossexual indígena”.

A saída do armário tampouco constitui uma ação única ou estática, de modo que ninguém das minorias sexuais possa se considerar totalmente dentro ou fora do armário (Orne, 2011; Sedgwick, 2007). A escolha entre revelar ou esconder a própria orientação sexual ainda constitui um dilema para homossexuais: há benefícios (aumento da autoestima e da sensação de bem-estar; redução de estresse e comportamentos de riscos; diminuição da

vigilância constante) e custos (represálias verbais ou físicas e reprovação social) (Herek & Garnets, 2007; Poeschl, Venâncio & Costa, 2012). Os lugares são assim avaliados conforme a percepção da homofobia, gerando “mapas de segurança” pelos quais as pessoas se mostram/ocultam, embora a “armadilha da visibilidade” permaneça, já que o armário é ambíguo: quem está dentro sofre a ameaça do fragrante e quem está fora sofre a ameaça da violência (Mason, 2002). A narrativa do Participante 2 é particularmente significativa a respeito: ele se passa por heterossexual na juventude para agradar a família ou se mostra “uma pessoa totalmente diferente” quando retorna à sua cidade natal, bem como mescla o desejo e o temor de falar para o pai sobre sua orientação sexual; talvez por isso ele ainda resista ao rótulo de gay para ser reconhecido pelos outros.

Meyer e Ouellette (2009) apontam que o estresse de minoria (Meyer, 2003) constitui o pano de fundo com as quais as pessoas não heterossexuais precisam lidar para conferir coerência às experiências fragmentadas e formar uma identidade narrativa (Ricoeur, 1990/2014). Os estressores desse modelo (homofobia internalizada, estigma percebido e eventos de preconceito) aparecem nas narrativas dos participantes 1, 2 e 3, com especial ênfase no 2, que relata medo, culpa, preconceito na família, violência psicológica e física, ideação/tentativa de suicídio e depressão. Além da culpa, vergonha e medo, o Participante 3 relata uma violência sexual sistemática em sua adolescência. Esses estressores e seus sinais de impacto na saúde se assemelham a outros estudos no Brasil (Natarelli, Braga, Oliveira & Silva, 2015) e no exterior (Almeida, Johnson, Corliss, Molnar, & Azrael, 2009; Saewyc, 2011), que endossam a manutenção da vulnerabilidade dessa população por conta da homofobia.

Por outro lado, mesmo as histórias mais dramáticas das minorias sexuais não frisam apenas o sofrimento e a vitimização, mas também a sobrevivência e a superação (Plummer, 1995), que pesquisadores tem situado sob a temática da resiliência²⁵, tanto em nível pessoal, como também familiar e social (Freitas, Coimbra, & Fontaine, 2017; Kwon, 2013; Lira & Morais, 2017; Meyer, 2015). Nas narrativas vistas aqui, a resiliência é garantida pela rede de apoio em torno dos participantes, ainda que limitada no número de parentes ou no grau de aceitação de cada um. Há similaridade também com outra pesquisa (Shilo & Savaya, 2011) que aponta contribuições diferenciadas por parte de familiares e amigos, sendo que os primeiros teriam maior impacto em processos internos de auto-aceitação e os últimos

²⁵ Há estudiosos que dirigem sérias críticas ao conceito, julgando-o dispensável na Psicologia, posto que conduziria a confusões insolúveis (Piña López, 2015).

auxiliariam mais na revelação pública da orientação sexual. A relevância da “homossocialização” (Isay, 1998), mesmo quando não implica ativismo como aquele visto no Participante 4, faz-se notar nos demais relatos: o amigo de confiança do Participante 1 que o ajuda a “se descobrir”, o primeiro parceiro do Participante 2 que lhe oferece segurança afetiva e os amigos que compõem uma “manada” em que o Participante 3 se vê protegido. Todos esses elementos possibilitaram o fortalecimento da identidade e o oferecimento de modelos positivos.

Por fim, é possível ver que as narrativas dos participantes apresentam a saída do armário como um processo não apenas de conhecimento, mas de reconhecimento, e que esse se dá em diferentes instâncias, sobretudo pessoal e interpessoal. Nesse sentido, a reflexão que Ricoeur (2004/2006) desenvolve sobre a temática do reconhecimento mostra-se oportuna, ao destacar os vários sentidos do ato de reconhecer, que perfazem um percurso desde a voz ativa até a voz passiva (reconhecer algo, reconhecer a si mesmo e ser reconhecido por outrem). Tomada como chave de leitura para as narrativas deste estudo, é possível ver como os participantes se movem desde a identificação de sua orientação sexual (enquanto afetos, fantasias e desejos por pessoas do mesmo sexo) para, em seguida, reconhecerem a si mesmos como gays (o que não se trata de uma constatação, mas de uma atestação²⁶) e, enfim, desejarem ser reconhecidos como tais pelas outras pessoas, com diferentes matizes de efetivação – da pacificação, que vigora no Participante 4, à luta, que permanece em andamento para algumas relações dos demais participantes. Naqueles em que não se percebem sinais críveis de um potencial reconhecimento, prefere-se manter a “incógnita” (como no Participante 2 diante do pai).

Considerações finais

As quatro histórias aqui contadas, interpretadas e discutidas permitem vislumbrar que o reconhecimento da identidade gay não se esconde nalgum pote dourado além do arco-íris. Antes, é fruto de uma verdadeira “odisseia pessoal” (Isay, 1998) que tem cenas ora trágicas, ora cômicas, cujo fim é buscar uma “vida vivível” (McQueen, 2015) em meio a interações variadas de colaboração, confronto ou indiferença. Até que não chegue um futuro em que as narrativas de saída do armário não precisem mais ser ditas (Plummer, 1995), continuarão a

²⁶ Para Ricoeur, a atestação possui um estatuto epistêmico *sui gereris*: é uma certeza prática, próxima à ideia de admissão. Com efeito, a atestação, que já aparece em *O si mesmo como outro* (Ricoeur, 1990/2014), ganha em *O percurso do reconhecimento* (Ricoeur, 2004/2006) o estatuto de ideia-mãe do reconhecimento de si.

existir pessoas que escolham se esconder, não por capricho, mas por prudência, para que ao menos lhes salve o privilégio da dúvida.

Tanto na linguagem comum como na científica, uma pergunta se mostra importante quando queremos falar sobre um dado fenômeno: “qual é o contexto disso?” Talvez esteja aí uma das grandes contribuições de uma perspectiva narrativa de base hermenêutico-fenomenológica para abordar a questão da identidade sexual, ao mostrar que ela se desenvolve em circunstâncias particulares que, por sua vez, não estão isoladas, porquanto se configuram em relações complexas com outrem, seja no ambiente intersubjetivo mais próximo, seja em termos de contexto sociocultural. Como sustenta Coleman-Fountain (2014), tampouco não se pode contar a história de como alguém se identifica como gay sem que essa história já não esteja entrelaçada com as narrativas circulantes num plano cultural mais amplo.

Para estudos futuros, pode-se explorar mais a questão do reconhecimento das minorias sexuais nas famílias, seja verificando índices gerais de homofobia em diversos contextos, seja explorando as narrativas dos núcleos familiares acerca da saída do armário de algum membro, para que seu ponto de vista seja melhor conhecido. Também se mostra promissor o esforço de aplicar a teoria do reconhecimento de Ricoeur (2004/2006) na construção de um modelo típico-ideal já não baseado em estágios da saída do armário, mas nos diversos sentidos do reconhecimento da identidade, de modo a incluir os aspectos éticos e políticos que essa teoria comporta. O modo como Ricoeur conjuga dialeticamente subjetividade e alteridade num sujeito ativo-passivo estável-dinâmico, bem como seu tratamento da noção de sabedoria prática, vem a coadunar com perspectivas que tomam a saída do armário como um processo mais cíclico do que linear (Ali & Barden, 2015), de forma a tornar plausível falar em círculos hermenêuticos em torno das identidades sexuais, que evocam não apenas o modo como se apresentam aos outros, mas também como são lidos por eles. Ademais, à guisa de suspeita para ulteriores esclarecimentos, o peso semântico e pragmático que Ricoeur (1990/2014, 2004/2006) confere à categoria da atestação avizinha-se de um verbo reflexivo muito empregado nos relatos de saída do armário: assumir-se.

Este estudo comporta limitações: como é característico de uma pesquisa qualitativa de viés narrativo (Polkinghorne, 1995), ele não é replicável, tampouco permite fazer generalizações para a população das minorias sexuais. Algumas informações mais detalhadas dos participantes, as quais poderiam oferecer uma compreensão melhor dos seus contextos, tiveram que ser omitidas para não permitir sua identificação a partir dos relatos, o que comprometeria a confidencialidade (Plummer, 2001).

Em termos de políticas, resta o desafio de reforçar ações de campanhas educativas que visem a contemplar não apenas o combate à discriminação em espaços públicos, mas também chegar ao espaço privado das famílias, onde formas veladas e potencialmente nocivas continuam a comprometer o desenvolvimento saudável das minorias sexuais. Por suposto, trata-se de uma mudança de mentalidade, que costuma ser lenta e custosa, tendo sempre à espreita a ameaça da intolerância.

Referências

- Adams, T. E. (2011). *Narrating the closet: An autoethnography of same-sex attraction*. Walnut Creek: Le Coast.
- Ali, S. & Barden, S.M. (2015). Considering the cycle of coming out: Sexual minority identity development. *The Professional Counselor*, 5(4), 501-515. doi:10.15241/sa.5.4.501.
- Almeida, J., Johnson, R. M., Corliss, H. L., Molnar, B. E., & Azrael, D. (2009). Emotional distress among LGBT youth: The influence of perceived discrimination based on sexual orientation. *Journal of Youth & Adolescence*, 38, 1001–1014. doi: 10.1007/s10964-009-9397-9.
- APA, Committee on Lesbian and Gay Concerns (1991). Avoiding heterosexual bias in language. *American Psychologist*, 46(9), 973-974. doi: 10.1037/0003-066X.46.9.973
- APA, Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation. (2009). *Report of the American Psychological Association Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. Retrieved from <http://www.apa.org/pi/lgbc/publications/therapeutic-resp.html>.
- Barbara, A. M., Chaim, G., & Doctor, F. (2007). *Asking the right questions 2: talking with clients about sexual orientation and gender identity in mental health, counselling, and addiction settings*. Toronto: Centre for Addiction and Mental Health.
- Birke, L. (2007). Unusual fingers. Scientific studies on sexual orientation. In D. Richardson & S. Seidman, *Handbook of lesbian and gay studies* (pp. 55-71). London: SAGE Publications.
- Boudieu, P. (2012). *A dominação masculina*. (11a ed.). Rio de Janeiro: Bertran Brasil.
- Cass, V.C. (1979). Homosexuality identity formation. *Journal of Homosexuality*, 4(3): 219–235.
- Chauncey, G. (1994). *Gay New York: gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1890-1940*. New York: Basic Books.
- Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming-out process. *American Behavioral Scientist*, 25(4), 469-482.
- Coleman-Fountain, E. (2014). *Understanding Narrative Identity Through Lesbian and Gay Youth*. New York: Palgrave Macmillan.
- Cohler, B. J., & Hammack, P. L. (2009). Lives, Times, and Narrative Engagement. Multiplicity and Meaning in Sexual Lives. In P. L. Hammack, & B. J. Cohler (Eds.), *The story of sexual identity: Narrative perspectives on the gay and lesbian life course* (pp. 453-465). New York: Oxford University Press.

- Dufour, L. R. (2000). Sifting Through Tradition: The Creation of Jewish Feminist Identities. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 39(1), 90–106. doi: 10.1111/0021-8294.00008.
- Foucault, M. (1978). *The History of Sexuality: Vol. I. An introduction*. New York: Pantheon.
- Freitas, D. F., Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2017). Resilience in LGB youths: a systematic review of protection mechanisms. *Paidéia*, 27(66), 69-79. doi: 10.1590/1982-43272766201709.
- Gagnon, J. H. (1990). Gender Preference in Erotic Relations: The Kinsey Scale and Sexual Scripts. In D. P. McWhirter, S. A. Sanders & J. M. Reinisch, *Homosexuality/Heterosexuality. Concepts of Sexual Orientation* (pp. 177-207). New York: Oxford University Press.
- Goldman, L. (2008). *Coming out, coming in: nurturing the well-being and inclusion of gay youth in mainstream society*. Oxon; New York: Routledge.
- Ghorayeb, D. B. (2012). *Homossexualidades na adolescência: aspectos de saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial*. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas). Unicamp, Campinas.
- Green, J. N. (2000). *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP.
- Hammack, P. L. (2005). The life course development of human sexual orientation: An integrative paradigm. *Human Development*, 48, 267–297. doi: 10.1159/000086872.
- Hammack, P. L., Thompson, E., & Pilecki, A. (2009). Configurations of identity among sexual minority youth: Context, desire, and narrative. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 867-883. doi: 10.1007/s10964-008-9342-3.
- Herek, G. M., & Garnets, L. D. (2007). Sexual orientation and mental health. *Annual Review of Clinical Psychology*, 3, 353-375. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17716060>.
- Higa, D., Hoppe, M. J., Lindhorst, T., Mincer, S., Beadnell, B., Morrison, D. M., Wells, E. A., Todd, A., & Mountz, S. (2014). Negative and Positive Factors Associated With the Well-Being of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, and Questioning (LGBTQ) Youth. *Youth & Society*, 46(5), 663-687. doi:10.1177/0044118X12449630.
- Horowitz, J. L., & Newcomb, M. D. (2002). A Multidimensional Approach to Homosexual Identity. *Journal of Homosexuality*, 42(2), 1-19. doi: 10.1300/J082v42n02_01.
- Ingraham, C. (2005). ‘Introduction: thinking straight’. In C. Ingraham (Ed.), *Thinking Straight: The Power, Promise and Paradox of Heterosexuality* (pp. 1–14). Abingdon: Routledge.
- Isay, R. A. (1998). *Tornar-se Gay. O caminho da auto-aceitação*. São Paulo: GLS.
- Katz-Wise, S. L., Rosario, M., & Tsappis, M. (2016). Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth and Family Acceptance. *Pediatric clinics of North America*, 63(6), 1011-1025. doi:10.1016/j.pcl.2016.07.005.
- Kenneady, D. A., & Oswalt, S. B. (2014). Is Cass's model of homosexual identity formation relevant to today's society? *American Journal of Sexuality Education*, 9(2), 229-246, doi: 10.1080/15546128.2014.900465.

- Klein, K., Holtby, A., Cook, K. & Travers, R. (2015). Complicating the Coming Out Narrative: Becoming Oneself in a Heterosexist and Cissexist World. *Journal of Homosexuality*, 62(3), 297-326. doi: 10.1080/00918369.2014.970829.
- Kwon, P. (2013). Resilience in lesbian, gay, and bisexual individuals. *Personality and Social Psychology Review*, 17(4), 371-383. doi: 10.1177/1088868313490248.
- Lindseth, A., & Norberg, A. (2004). A phenomenological hermeneutical method for researching lived experience. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 18, pp. 145–53. doi: 10.1111/j.1471-6712.2004.00258.x
- Lira, A. N. de, & Morais, N. A. de. (2017). Resilience in Lesbian, Gay, and Bisexual (LGB) Populations: an Integrative Literature Review. *Sexuality Research and Social Policy*, 3, 1-11. doi: 10.1007/s13178-017-0285-x.
- Mason, G. (2002). *The spectacle of violence: homophobia, gender and knowledge*. London: Routledge.
- McCarn, S. R. & Fassinger, R. E. (1996). Revisioning sexual minority identity formation: A new model of lesbian identity and its implications for counseling and research. *The Counseling Psychologist*, 24(3), 508-534. doi: 10.1177/0011000096243011.
- McQueen, P. (2015). *Subjectivity, Gender and the Struggle for Recognition*. London: Palgrave Macmillan.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674-697. doi: 10.1037/0033-2909.129.5.674.
- Meyer, I. H. (2015). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 209–213. doi: 10.1037/sgd0000132.
- Meyer, I. H., & Ouellette, S. C. (2009). Unity and Purpose at the Intersections of Racial/Ethnic and Sexual Identities. In P. L. Hammack, & B. J. Cohler (Eds.), *The story of sexual identity: Narrative perspectives on the gay and lesbian life course* (pp. 79-106). New York: Oxford University Press.
- Morgan, E. M. (2013). Contemporary Issues in Sexual Orientation and Identity Development in Emerging Adulthood. *Emerging Adulthood*, 1(1), 52-66. doi: 10.1177/2167696812469187.
- Murray, S. O. (2007). The comparative sociology of homosexualities. In D. Richardson & S. Seidman, *Handbook of lesbian and gay studies* (pp. 83-96). London: SAGE Publications.
- Naphy, W. (2006). *Born to be gay. História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70.
- Natarelli, T. R. P., Braga, I. F., Oliveira, W. A. de, & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 19(4), 664-670. doi: 10.5935/1414-8145.20150089.
- Orne, J. O. (2011). “You will always have to ‘out’ yourself ”: Reconsidering coming out through strategic outness. *Sexualities*, 14, 681-703. doi: 10.1177/1363460711420462
- Parker, R. (1989). Youth, Identity, and Homosexuality: *Journal of Homosexuality*, 17(3-4), 269–289. doi:10.1300/j082v17n03_04
- Piña López, J. A. (2015). Un análisis crítico del concepto de resiliencia en Psicología. *Anales de Psicología*, 31(3), 751-758. doi: 10.6018/analesps.31.3.185631

- Plummer, K. (1995). *Telling sexual stories. Power, change and social worlds.* New York: Routledge.
- Plummer, K. (2001). *Documents of life 2. An Invitation to a Critical Humanism.* London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications.
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia, 26*(1), 33-53. Recuperado em 22 de setembro de 2018, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100003&lng=pt&tlang=pt.
- Polkinghorne, D. E. (1995). Narrative configuration in qualitative analysis, *International Journal of Qualitative Studies in Education, 8*(1), 5-23, doi:10.1080/0951839950080103.
- Read, M. M. (2009). Midlife Lesbian Lifeworlds Narrative Theory and Sexual Identity. In P. L. Hammack, & B. J. Cohler (Eds.), *The story of sexual identity: Narrative perspectives on the gay and lesbian life course* (pp. 347-373). New York: Oxford University Press.
- Reynolds, A. L., & Hanjorgiris, W. F. (2000). Coming out: Lesbian, gay, and bisexual identity development. In R. M. Perez, K. A. DeBord, & K. J. Bieschke (Eds.), *Handbook of Counseling and Psychotherapy with lesbian, gay, and bisexual clients* (pp. 35-55). doi:10.1037/10339-002.
- Ribeiro, L. M., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre Religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade, 29*, 1-11. doi: 10.1590/1807-0310/2017v29162267.
- Richardson, D. (2004). Locating sexualities: from here to normality. *Sexualities, 7*(4), 391–411.
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa: Vol. 3. O tempo narrado.* São Paulo: WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1984).
- Ricoeur, P. (2013). *Teoria da interpretação. O discurso e o excesso de significação.* Lisboa: Edições 70. (Publicado originalmente em 2000).
- Ricoeur, P. (2014). *O si-mesmo como outro.* São Paulo: WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1990).
- Riggle, E. D. B., & Rostosky, S. S. (2012). *A positive view of LGBTQ. Embracing Identity and Cultivating Well-Being.* Rowman & Littlefield Publishers: Lanham.
- Rosenkrantz, D. E., Rostosky, S. S., Riggle, E. D. B., & Cook, J. R. (2016). The positive aspects of intersecting religious/spiritual and LGBTQ identities. *Spirituality in Clinical Practice, 3*(2), 127-138. doi: 10.1037/scp0000095.
- Rust, P. C. (2003). Finding a sexual identity and community: Therapeutic implications and cultural assumptions in scientific models of coming out. In L. D. Garnets & D. C. Kimmel (Eds.), *Psychological perspectives on lesbian, gay, and bisexual experiences* (pp. 227-269). New York: Columbia University Press.
- Saewyc, M. E. (2011). Research on adolescence, sexual orientation, health disparities, stigma, and resilience. *J Research on Adolescence, 21*(1), 256-72. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00727.x
- Savin-Williams, R. C. (2001). *Mom, Dad, I'm gay. How families negotiate coming out.* Washington: American Psychological Association.

- Savin-Williams, R. C. (2006). *The New Gay Teenager*. Cambridge (US); London: Harvard University Press.
- Sedgwick, E.K. (2007). Epistemologia do armário. *Cad. Pagu*, 28, 19-54. doi: 10.1590/S0104-83332007000100003.
- Seidman, S. (1993). Identity and Politics in a "Postmodern" Gay Culture: Some Historical and Conceptual Notes. In M. Warner (ed.), *Fear of a queer planet: queer politics and social theory* (pp.105-142). Minneapolis; London: University of Minnesota Press.
- Shilo, G., & Savaya, R. (2011). Effects of Family and Friend Support on LGB Youths' Mental Health and Sexual Orientation Milestones. *Family Relations*, 60(3), 318–330. doi:10.1111/j.1741-3729.2011.00648.x
- Soliva, T. B., & Silva Junior, J. B. (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (17), 124-148. doi: 10.1590/1984-6487.sess.2014.17.08.a
- Szasz, T. S. (1977). *The manufacture of madness. A comparative study of the inquisition and the mental health movement*. New York, Harper & Row.
- Taylor, V., Kaminski, E., & Dugan, K. (2007). From the Bowery to the Castro. Communities, identities and movements. In D. Richardson & S. Seidman, *Handbook of lesbian and gay studies* (pp. 99-114). London: SAGE Publications.
- Troiden, R. R. (1989). The formation of homosexual identities. *Journal of Homosexuality*, 17, 43–74. doi: 10.1300/J082v17n01_02.
- VandenBos, G. R. (Ed.). (2015). *APA Dictionary of Psychology* (2nd ed.). Washington: American Psychological Association.
- Velez, B. L., Moradi, B., & DeBlaere, C. (2015). Multiple oppressions and the mental health of sexual minority Latina/o individuals. *The Counseling Psychologist*, 43(1), 7-38. doi: 10.1177/00111000014542836.
- Worthington, R. L., & Reynolds, A. L. (2009). Within group differences in sexual orientation and identity. *Journal of Counseling Psychology*, 56, 44-55. doi: 10.1037/a0013498

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compor uma dissertação é escrever a narrativa de uma pesquisa, tecendo um enredo cuidadoso de ações, personagens, cenários e motivações em que muitas vezes sabemos sobre seu começo, mas cujo desenvolvimento reserva supressas e até reviravoltas. Como em toda narrativa, é chegada a hora de um desfecho, que se apresenta a mim como uma grata conquista e, ao mesmo tempo, uma ingrata tarefa, pelo fato de a pesquisa ter atingido seus propósitos com alguma suficiência, sem, com isso, ter esgotado suas possibilidades.

Por ora, é útil lançar um olhar retrospectivo, a fim de apreciar o que cada manuscrito veio a contribuir para a pesquisa como um todo.

Do primeiro manuscrito, destaco a possibilidade de desenvolver uma visão mais realista do *status quæstionis* das investigações sobre saúde mental das minorias sexuais latino-americanas, revelando trabalhos pioneiros na região em torno dessa temática e zonas cegas que podem e precisam ser exploradas. A própria modalidade da revisão integrativa já me representou um ganho, na medida em que toma de empréstimo da revisão narrativa a sua amplitude, e da revisão sistemática o seu rigor, reunindo estudos com objetivos, perspectivas e desenhos diversos. A escolha de abordar o contexto latino-americano também foi profícua, dado que permitiu estabelecer contrapostos com estudos brasileiros e globais, lançando luzes sobre diferenças e similitudes nos resultados. Ademais, um dos grandes achados dessa revisão é o conceito de sindemias, que estende a compreensão de aspectos da saúde de indivíduos e grupos para os contextos em que estão inseridos, superando as estreitezas do paradigma biomédico e assumindo uma perspectiva mais ecológica. Disso resulta a percepção de melhores índices de saúde mental quando há uma combinação entre aspectos subjetivos (resiliência) e objetivos (apoio social).

Do esforço teórico envolvido no segundo manuscrito, brotou um entendimento mais claro e vigoroso de quão fortemente se entrelaçam os aspectos epistemológicos, metodológicos, ontológicos e éticos numa pesquisa, de modo que o pesquisador não deve estar menos atento a essa reflexão do que preocupado com o seguimento de um método. Embora as diferentes abordagens de matriz tanto fenomenológica quanto narrativa tenham crescido e se consolidado como opções plausíveis para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, e embora algumas delas já se inspirem em elementos da obra de Ricoeur, esse estudo vem a sugerir que a Fenomenologia Hermenêutica ricoeuriana pode deixar de ser mera coadjuvante para assumir o papel de protagonista. Considero esse estudo como uma demanda do próprio caráter fronteiriço da minha pesquisa como um todo, em sua proposição de estabelecer pontes entre a Filosofia e a Psicologia. As maiores contribuições a que chamo a atenção são o próprio significado de interpretação (que não se confunde com uma simples

opinião subjetiva), e a lição do diálogo honesto com diversos saberes e a teoria narrativa ricoeuriana.

A grande contribuição do terceiro e último manuscrito é lançar um olhar acurado para os percursos de configuração da identidade sexual. Diferente de outras abordagens, o estudo com e por meio de narrativas permite que o pesquisador dirija a investigação em dois sentidos: verticalmente, considerando a singularidade de cada caso; e horizontalmente, levando em conta os contextos expressos nas próprias narrativas. Ao invés de oferecer instantâneos realistas da vida dos participantes, suas narrativas permitem imaginar filmes, nos quais eles não apenas descrevem eventos e os ordenam no tempo, mas lhes conferem sentidos na medida em que os assumem como partes integrantes de sua história e lhes atribuem diferentes valores. O estudo mostrou o quanto o processo de reconhecer a orientação homossexual, reconhecer-se gay e ser reconhecido como tal pelos outros pode ser penoso para alguns e mais tranquilo para outros, a depender do modo como o entorno (sobretudo o núcleo familiar) interage com menor ou maior apoio.

Cada qual à sua maneira, os manuscritos permitem pensar a saúde mental das minorias sexuais e os processos de reconhecimento envolvidos na saída do armário numa perspectiva mais integrativa ou, em jargão ricoeuriano, dialética – ou melhor, uma dialética sem síntese, diferente daquela da Hegel. Explico-me: não se trata aqui nem de acentuar o peso das estruturas e discursos sociais a ponto de conceber os sujeitos como tão somente assujeitados; tampouco se trata, no polo oposto, de colocar sobre o sujeito toda a responsabilidade pelas questões de saúde e de identidade. Trata-se, antes, de pensarmos numa hermenêutica que saiba conjugar ambos, de modo a assumir uma gramática em torno das minorias sexuais – ou melhor, em torno de todo e qualquer sujeito humano – que preserve concomitantemente sua capacidade de agir (*agency*) e seu padecer, seja com relação ao outro próximo (como a família), seja com relação ao outro distante (a sociedade em geral). E não só o par indivíduo-sociedade deve ser repensado, como também tantos outros, a fim de não vê-los como dicotomias, mas binômios: saúde-doença, ação-reação, autonomia-vulnerabilidade, identidade-alteridade etc.

Com isso, o próprio título geral desta dissertação pode ser mais bem compreendido: “cores e gris no arco-íris” quer resistir às unilateralidades, seja de olhar somente para os tons cinzentos, destacando as minorias sexuais unicamente como vítimas, seja de olhar somente para as cores, fazendo vistas grossas aos seus sofrimentos. Se quisermos entender

profundamente as populações representadas pelo arco-íris, precisaremos ter um olhar mais atento, diante do qual não escapam matizes e nuances.

Por fim, cumpre mencionar as limitações desta pesquisa. Limites objetivos de tempo e de espaço demandaram escolhas difíceis que não permitiram esmiuçar as reflexão do manuscrito 2 em termos mais práticos, de modo a converter as reflexões metodológicas em procedimentos detalhados de pesquisa. O último manuscrito explanou apenas de passagem os aspectos de saúde mental, dado que seu foco se voltou à questão do reconhecimento da identidade dos participantes.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

1 TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA:

Quando o sujeito sai do armário: identidade e reconhecimento nas narrativas de pessoas homossexuais.

2 PESQUISADOR

Nome completo: Rafael Zanata Albertini

Telefones de contato: 99940-1984

e-mail: ra832240@ucdb.br

Endereço institucional: Av. Tamandaré nº 6000

Cidade: Campo Grande - MS

IES à qual se vincula: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

3 ORIENTADOR:

Nome completo: Dr. Márcio Luís Costa

Telefones de contato: 3312-3300

e-mail: rf6567@ucdb.br

Endereço institucional: Av. Tamandaré nº 6000

Cidade: Campo Grande - MS

IES à qual se vincula: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

4. INFORMAÇÕES SOBRE O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)

O CEP é a instância na qual o participante da pesquisa pode receber informações e protocolar queixas em relação aos procedimentos aos quais foi submetido durante a pesquisa, quando por estes se sentir lesado.

Nome: CEP UCDB

Endereço: Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário – CEP: 79117-900 – Campo Grande-MS

Telefone: (67) 3312-3723 E-mail: cep@ucdb.br

5 OBJETIVOS DA PESQUISA:

Compreender a configuração da identidade das pessoas homossexuais e o percurso do seu reconhecimento, desde a esfera pessoal até a revelação pública (saída do armário ou *coming out of the closet*) sob a perspectiva da hermenêutica do si de Paul Ricoeur.

6 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA (SÍNTESE) :

Pessoas com orientação homossexual ainda são alvo de preconceito e de discriminação no Brasil, com diversas formas de violência explícita ou tácita – daí emerge a relevância social desta pesquisa. No âmbito acadêmico, a pesquisa se mostra promissora no sentido de exigir uma grande capacidade de reflexão teórica na fronteira entre Filosofia e Psicologia duma parte e, doutra, o contato com a realidade social propiciada pela investigação de campo.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Esta é uma pesquisa qualitativa. Os critérios de inclusão são: homens adultos que realizaram a “saída do armário” em algum grau. Os candidatos a participar da pesquisa serão indicados por conhecidos do pesquisador ou sugeridos pelos próprios participantes (técnica de “*snowball sampling*”). O convite será enviado pela internet ou celular com uma breve descrição da pesquisa; aos que concordarem em participar, será enviado este TCLE. Com o aceite formalizado, será realizada a entrevista semiestruturada pessoalmente ou por videoconferência (via Skype ou afim), em horário e/ou local da preferência do participante. Para ampliar a discussão, os participantes poderão ser convidados a participar de grupo focal. Os encontros terão os áudios gravados e transcritos, com preservação sigilosa do material e uso de nomes fictícios para referir-se aos participantes. A transcrição será submetida à Análise de Conteúdo.

7 POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS E A FORMA COMO SERÃO ATENDIDOS OU ENCAMINHADOS:

A pesquisa tem baixo perfil invasivo. Durante a entrevista, se a pessoa vier a se emocionar, será dado tempo para que possa se recompor e continuar sua fala. Se isso necessitar de atenção especializada e profissional, será indicada uma opção ou mais de atendimento psicológico gratuito perto da residência do participante.

8 POSSÍVEIS BENEFÍCIOS DIRETOS E INDIRETOS ESPERADOS E FORMA DE DEVOLUTIVA DOS RESULTADOS AOS PARTICIPANTES:

A pesquisa tende a contribuir para a reflexão social a respeito das pessoas homossexuais, bem como a munir indivíduos e organizações que buscam o reconhecimento da diversidade sexual e direito das minorias.

Considerando as informações constantes dos itens acima e as normas expressas na Resolução nº 466/2012 do **Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde**, consinto, de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

- 1 A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou resarcimento financeiro. Em havendo despesas operacionais, essas deverão estar previstas no Cronograma de Desembolso Financeiro e em nenhuma hipótese poderão recair sobre o participante da pesquisa e/ou seu responsável;
- 2 A liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo é garantida a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa;
- 3 O anonimato é garantido;
- 4 Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos;
- 5 A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**, da **Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)**, que a referenda; e
- 6 O presente termo está assinado em duas vias.

Campo Grande-MS, 20/08/2017

- 1) _____
Nome e assinatura do(a) () Participante da pesquisa () Responsável pelo participante
Meio de contato: _____
- 2) _____
Rafael Zanata Albertini – pesquisador
Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário – CEP: 79117-900 – Campo Grande-MS
Telefone: (67) 3312-3300 – e-mail: ra832240@ucdb.br
- 3) _____
Dr. Márcio Luís Costa – orientador
Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário – CEP: 79117-900 – Campo Grande-MS
Telefone: (67) 3312-3300 – e-mail: rf6567@ucdb.br